# Diário de Lisboa

ANO 66 N. 22 214 Quinta-feira, 13 de Novembro de 1986 Preço 40$00


## *Visita de Botha prossegue entre o "afecto" e o "secretismo"*

# QUE SE "ESCONDE" EM PORTO SANTO?

Um empresário português radicado na África do Sul, e acompanhante de Botha na viagem que efectua à Madeira, confessou ao enviado especial do «DL» que, nestas visitas, «o mais importante é o que se passa nos bastidores». Destes bastidores, os jornalistas têm sido cuidadosamente afastados, com destaque para as dificuldades levantadas ao acompanhamento da deslocação que o presidente sul-africano faz amanhã a Porto Santo. Murmura-se quanto ao que se irá passar naquela ilha, onde Pieter e «Pik» Botha se deslocam sem o resto da sua comitiva. As pistas do aeroporto de Porto Santo como alternativa ao Sal?

A zona franca em instalação como modo de «furar» as sanções contra Pretória? Ou uma mistura de tudo isto com qualquer coisa mais, da qual se pretende afastar a Comunicação Social? Como nos diz o nosso enviado à Madeira, é demasiada actividade para uma simples visita de «carácter privado»...

**Pág. 3**

*Pieter e «Pik» Botha com Jardim: afectividade e algum provincianismo*

## O Brasil vai às urnas no sábado

Pela primeira vez após a queda da ditadura militar, 69 milhões de eleitores votam para a Assembleia Constituinte e para eleger os governadores e deputadosestaduais.*Reportagem de Daniel Reis nas págs. 12 e 13*

## "DOSSIER" SALTILLO O inquérito não avança por passividade da Federação

O «caso Saltillo» parece ter entrado na fase de algum esclarecimento. A Direcção - Geral dos Desportos demonstrou agora que a atitude de passividade da Federação tem impedido que o processo instaurado seja iniciado e conduza a resultados palpáveis.

**Pág. 17**

## SARAMAGO

## Sólido como pedra sobre a "jangada"

Uma forte aposta num autor português foi ontem consumada com o lançamento do livro «A jangada de pedra» de José Saramago. Tratase do seu 17º livro e dele foram impressos nada menos do que 40 mil exemplares.

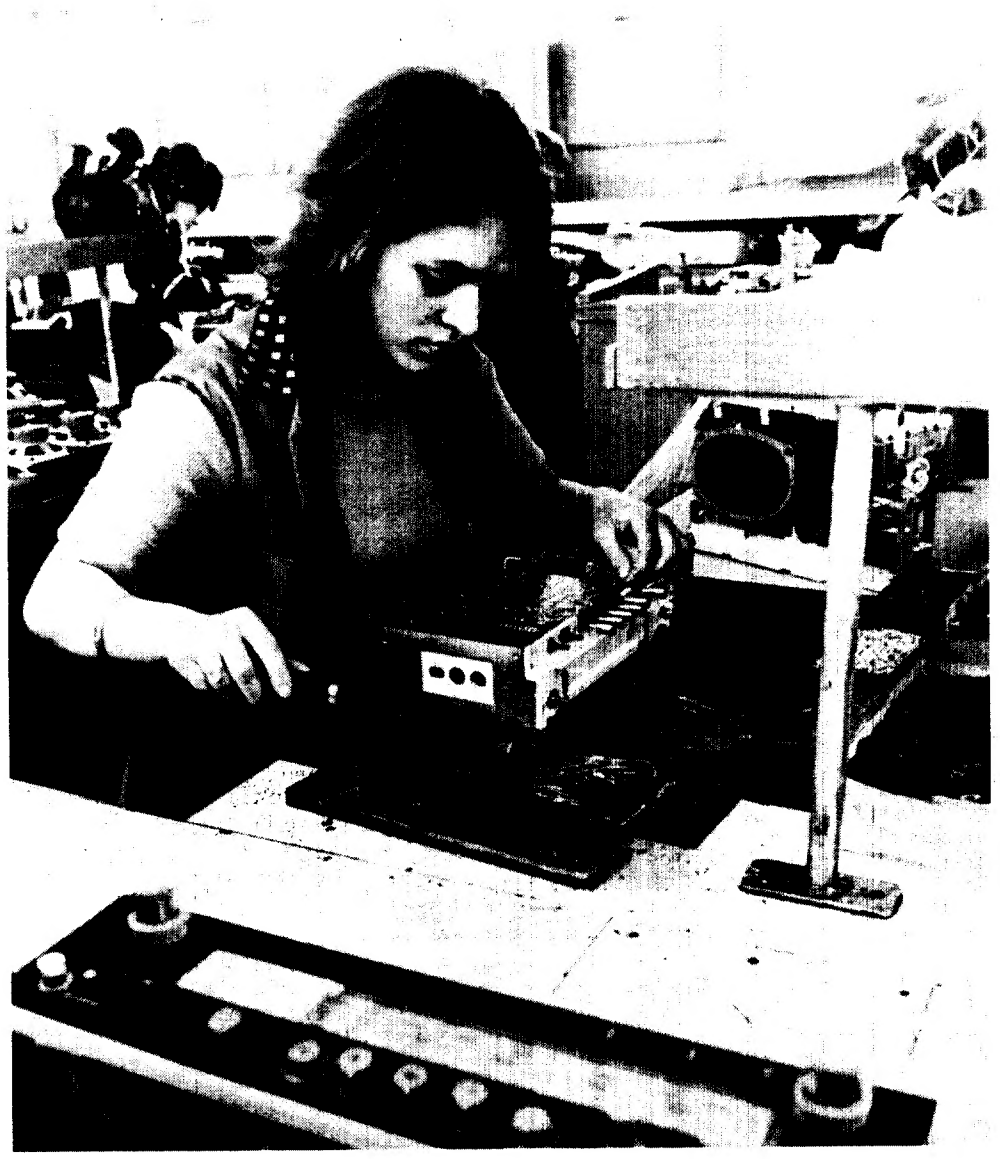
**Pág. 6**

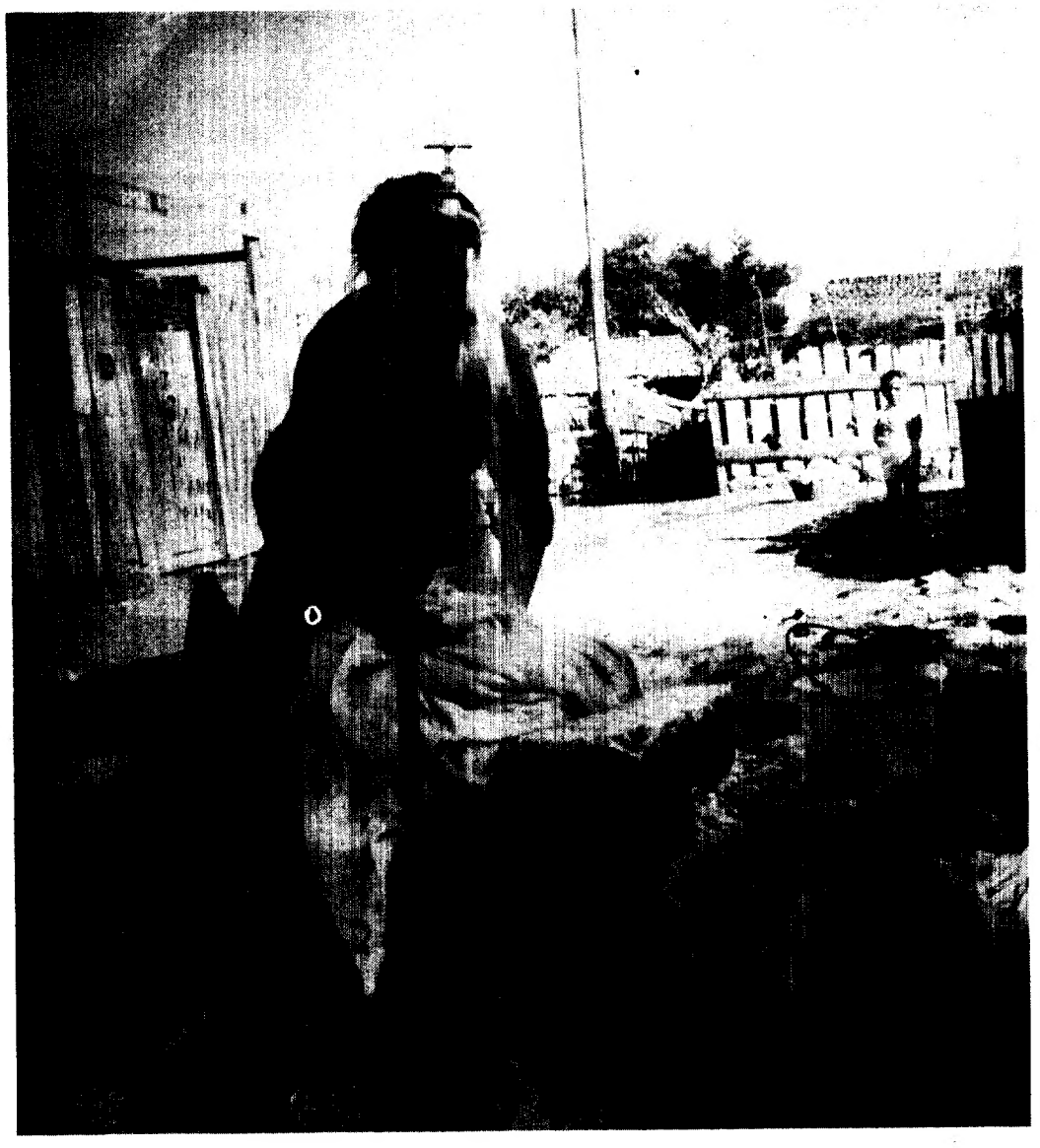
## *Sem razão para alarme*

# Foram detectadas três novas falhas sísmicas em Lisboa

Apesar de terem sido descobertas três novas falhas sísmicas em Lisboa, sob a Ponte 25 de Abril, no leito do Tejo e na Cruz de Pedra, assinaladas na nova Carta Geológica que esta manhã foi apresentada, os técnicos envolvidos no processo asseguram que não há razões para alarme. Apenas a confirmação da natureza do solo em que assenta a capital e que, por isso, recomenda alguns cuidados.

**Pág. 9**





# A mulher, ser social de corpo inteiro? (1)

Bárbara Lopes

Muitos são os problemas que se referem directamente à mulher. Vão das diferenças salariais à exploração, tantas vezes pornográficas, da sua imagem, da descriminação social e política **de facto,** à negação prática do direito ao seu projecto pessoal de ser social completo. Tentaremos, por isso, algumas reflexões acerca do que constitui o papel social da mulher, isto é, em que consiste e como se processa a sua actuação no grupo e de que modo este lhe dá, ou não, o estatuto equivalente, origem de obrigações e de direitos, que é o próprio de um ser social, assumido e actuante.

Antes de mais, há que reconhecer que o processo de «hominização» que a espécie tem vindo a percorrer pressupõe uma tomada de posse, progressiva e contínua, sobre a realidade envolvente. Se o homem se distancia das outras espécies animais pelo grau de domínio sobre si mesmo e a realidade que o envolve, e ele transforma, poderemos afirmar que a tentativa desse domínio sobre uma natureza de que ele é parte integrante, constitue uma constante histórica. A espécie humana foi-se, pois construindo, através da sua actividade transformadora, que é, afinal, a sua atitude técnica, cujo primeiro objectivo é o de retirar do meio as melhores condições de vida.

Parece-me de todo pacífico que, neste processo, a mulher terá, sempre, realizado a parte que lhe permitiram as suas capacidade físicas e mentais, sempre que o grupo lho não impediu. Por outras palavras, é a espécie humana, no seu conjunto, que se «hominiza» e não apenas uma metade dela, na ocorrência, a metade masculina. Aqui reside, quanto me parece, o fundamento de que a construção do mundo, através da criação da riqueza social, não pertence em exclusivo ao homem, mas ao par humano, pelo que poderemos concluir que a **mulher, pelo simples facto de o ser, tem direito de acesso ao estatuto de produtor.**

Razões longas de analisar, de ordem religiosa, política, económica, foram confinando a mulher à esfera privada da vida do grupo, com base no facto de ela ter, enquanto ser humano, a função da reprodução do mesmo. Não sendo, esta componente do seu papel social, escamoteável como a da produção, tornou-se a única socialmente reconhecida, embora com grandes limitações, como veremos. Assim, ao longo de quase toda a História, assistimos à redução do papel social da mulher à função reprodutora, como componente exclusiva.

Vejamos como foi a mulher cumprindo a sua dupla função social, apesar de, e contra todas as amputações que sobre ela se abateram, e abatem, tentando perceber o que constituem, para ela, aqui e agora, as respectivas tarefas.

Pouco sabemos dos longos tempos que nos separam das origens. Em todo o caso, não será impossível imaginar os duros começos da espécie, se atentarmos, entre outros, no facto de a mulher não dispor dos períodos de esterilidade espontânea de que dispõem outras espécies, o que resulta num grau de fertilidade de difícil controlo. Isto, em meio de uma natureza hostil e na ausência de técnicas produtivas que permitissem uma relativa abundância. O equilíbrio entre os recursos disponíveis no meio e a progressão demográfica deve ter criado, logo à partida, problemas graves que, segundo alguns autores, se foram «resolvendo» com guerra, sacrifícios, infanticídios. Dum modo geral, e por razões de necessidade, a tentativa de domínio da sua fecundidade parece ter sido real, ao longo da história dos homens, integrada na dimensão técnica da sua caminhada. Assim é que algumas civilizações proibiram as uniões precoces e sabe-se, por exemplo, que, nalgumas tribos índias, é obrigatório o repouso sexual, para a mulher, durante os dois anos seguintes a um nascimento. São, igualmente, conhecidos as mais variadas práticas anticoncepcionais, desde a Antiguidade, e o aborto foi largamente praticado nas civilizações orientl e greco-romana.

Com a industrialização, que foi abrindo, à mulher, os caminhos do trabalho produtivo, isto é, permitindo-lhe ganhar um estatuto próprio, através dele, a tentativa de domínio da sua fertilidade tem vindo a evoluir para formas de que os próprios governos se vêm ocupando, seja ela a Limitação dos Nascimentos (Birth-Control) ou o Planeamento Familiar. A dimensão social do domínio da fecundidade humana, presente desde os começos da espécie, continua pois a afirmar-se sobre a sua dimensão individual, porque problema do grupo. No entanto, ela reveste-se, hoje, de significados novos, por força da sua correspondência e necessidades igualmente novas.

Em primeiro lugar, este domínio conduz a uma humanização da actividade genética que traduz uma vitória imensa sobre os determinismos biológicos. A tomada em mão, pela espécie, da sua dinâmica de reprodução define-se como elemento humanizante, quer a nível do indivíduo quer no das relações interpessoais no grupo familiar. A nível individual, ela permite à mulher integrar, racionalmente, esta função na sua vida, em vez de sofrê-la como alienação ou maldição, conforme os casos. A mulher, entretanto na posse plena do seu corpo, deixa de se alienar nele, e o relacionamento sexual passa a ser uma comunicação e efectiva de duas pessoas que se situam reciprocamente. Deixa, além disso, de sentir a sua feminilidade como uma armadilha da natureza que, em qualquer momento, pode prendê-la à existência de um novo ser, mesmo que o não deseje. Ao contrário, passa a utilizar o seu corpo como instrumento de realização do seu destino social, com o qual colabora na transformação e aperfeiçoamento do mundo. Em relação ao homem, ela passa a situar-se como senhora do seu destino, sujeito de um projecto próximo, que pode, evidentemente, integrar a transmissão da vida, mas em consequência de uma atitude voluntária e não por imposição de determinismos naturais ou sociais.

Quanto à nova relação grupo parental/filho, acontece que, através duma fecundidade ordenada, nascem apenas crianças amadas, porque desejadas. O facto de a mulher poder dominar a sua actividade reprodutora constitui, pois, uma etapa fundamental no processo de aprofundamento das relações no grupo familiar e, de um modo geral, no progresso da espécie para formas mais aprefeiçoadas de ser homem.

Se tudo isto já era muito, acresce, no entanto, ainda, que, em consequência deste domínio, é da mulher que passa a depender, de modo directo e consciente, a orientação do crescimento demográfico, podendo a sua actividade reprodutora integrar-se, pelo jogo de uma escolha livre, nas necessidades demográficas nacionais, ou, mesmo, mundiais. Esta sua função, imprescindível, é agora assumida, em consequência de um acto da vontade reflectida de um sujeito livre, que se situa, de modo pessoal, em relação ao grupo. Se preferirmos, direi que, pela sua actividade genética ordenada e racional, **a mulher torna-se sujeito de acção no grupo, em cujo destino actua de forma decisiva,** deixando de funcionar como instrumento passivo e dócil, ao serviço da espécie e de uma sociedade que, até então, não lhe reconheceu nenhum poder de decisão sobre si mesma e sobre o grupo.

Além destes novos significados do domínio da fecundidade humana, aqui brevemente enunciados, e isolando-se, pela sua importância decisiva, aparece o da possibilidade, para a mulher, de assumir a dimensão de produtora. Ao fazê-lo, a mulher conquista um peso próprio, podendo, a partir daí, rejeitar os mitos com que, ao longo de muitos e compridos séculos, tentaram impedi-la de se tornar um ser humano de corpo inteiro, tomando sobre si a parte das responsabilidades colectivas que lhe cabem, usando a sua capacidade de transformação e aperfeiçoamento do mundo.

# Botha com Jardim: afecto e provincianismo

**Com muito afecto e algum provincianismo, a visita de Pieter e «Pik» Botha à Madeira continua, sem sobressaltos visíveis. Sempre acompanhados pelo presidente e membros do Governo regional, de presidentes de Câmaras e batedores da polícia, os dirigentes máximos do apartheid sentem-se na Madeira como em casa. Nesse sentido se pode falar, com propriedade, numa visita privada.**

Visitam zonas industriais, almoçam em lugares típicos, bebem «Madeira wine» no local mais apropriado e, à noite, oferecem-se jantares de estadão para amigos apenas. Amanhã, já sem esposas e despidos igualmente de muitos funcionários, Pieter, «Pik» e Jardim dão uma saltada a Porto Santo, dizendo uns que para ver o aeroporto e discutir questões ligadas com um possível aproveitamento futuro das magníficas pistas pela aviação comercial sul-africana; dizendo outros que não senhor, não é nada disso, e, pelo contrário, o salto a Porto Santo constituirá o ponto mais importante e até, de certo modo, com fumos de clandestinidade, desta polémica viagem. Como todos sabem, num aeroporto sempre se podem cruzar aviões de muito mundo... Mas isso é história que ninguém aqui quer contar. Como ninguém comenta o facto, surpreendente sem dúvida, de à Madeira terem vindo o presidente e o ministro dos Negócios Estrangeiros da RAS para dois dias de repouso sem pararem um minuto, de tal modo é o programa desta visita «privada»

### Afectividade e emoção

Ora bem: com uma pontualidade vagamente britânica, Pieter e Pik Botha chegaram ontem ao Funchal pelas 15 e picos, num bonito Mystere Falcon 900, branco com risca azul, com a frase «Spirit of Lafayette» pintado bem na frente da fuselagem.

João Jardim, claro, esperava-os. Na sala dos VIP's, o truculento presidente do Governo Regional dizia com alguma displicência para três jornalistas do Continente:

«Esta visita só não é oficial para dar cobertura ao meu partido. Não quero criar problemas ao PSD do Continente. Por mim, garanto-vos, estava-me nas tintas. Fazia mesmo isto oficialmente».

Meio enfiado, esfregando as rugosas mãos, o cónego Agostinho Gomes, em representação do bispo do Funchal, esperava a vez de cumprimentar os representantes máximos do regime do apartheid. O presidente da Assembleia Regional da Madeira, com um penteado impecável, sorridente e bem disposto, chegava entretanto à sala e, antes de tomar o lugar que lhe cabia naquele latifúndio de cumprimentos sussurrou para Jardim: «Isto está com ar de muita afactividade...»

«Nem por isso, nem por isso» - respondeu sorrindo também Alberto João, nesse momento certamente a pensar com carinho em Mário Soares.

Enquanto esperavam a chegada do «myster Falcon 900», já visível nos céus da Madeira, os cavalheiros presentes na sala dos VIP's, evidentemente com algumas damas à mistura, tremiam discretamente de emoção. O momento ansiado estava quase a chegar. Na longa fila de cumprimentos oficiais (ou privados) tomavam o lugar apropriado membros do Governo Regional. Onze-presidentes-onze de Câmaras Municipais da ilha também ali se perfilavam. Até que, helás, o myster Falcon 900 pousou suavemente na pista, e, solicito às ordens do «Follow Me», aproximou da aerogare.

Ainda Pieter Botha, acompanhado da sua exuberante esposa, não tinha cumprimentado Jardim, e já algumas centenas de pessoas que estavam na varanda do aeroporto batiam palmas com entusiasmo e acenavam para os chefes do apartheid.

A satisfação era visível nos rostos dos representantes oficiais (ou privados) da Madeira. Trocados os primeiros cumprimentos em plena pista, foi a caminhada lenta para a sala dos VIP's, onde, além das personalidades já atrás referidas, se encontravam também emigrantes madeirenses, hoje empresários, há muitos anos radicados na África do Sul e que aqui se deslocaram prepositadamente para «cumprimentar» o presidente Botha.

Pois bem: mal Pieter e Pik puseram o pé na sala nova e estrondosa salva de palmas os recebeu, para estupefacção dos jornalistas. Os presidentes das Câmaras apresentados por Jardim como «mayors» - foram mesmo os que aplaudiram com mais força. É, no entanto, justo destacar o entusiasmo de Dionísio Pestana, velho emigrante madeirense, hoje a dirigir o Sheraton Madeira. Corado de tanto prazer, sorrindo muito, falava alto para Pik Botha: «Do you remember me? Do you?».

Pik Botha lembrava-se, claro. E saiu um longo abraço antes de seguir em frente.

Feitas as apresentações após breves declarações do presidente Botha à Imprensa, foi a saída do edifício para a vigem de automóvel (todas as viaturas eram oficiais, tendo embora a bandeira da região devidamente recolhida) até à cidade. E aí, nova sessão de aplausos surgiu, com a pequena multidão a dizer adeus aos senhores do apartheid, que, satisfeitos, acenavam igualmente.

Terminava assim a primeira fase da recepção calorosa que os maiores da África do Sul estão a ter nesta curiosa visita «particular» a uma parte de Portugal.

### Os ilustres Joe's

Duas palavras apenas para uma história que contarei mais tarde: numa suite luxuosa do Sheraton Madeira, encontrei-me ontem, durante cerca de duas horas, com dois emigrantes madeirenses ilustres — Joe Berardo, próspero e influente empresário, e Joe Fernandes, não menos próspero empresário, há muito radicado nos EUA, sócio de João Rocha e amigo íntimo dos Kennedy.

Falamos do papel e da influência dos homens de negócios nas coisas da política. Ambos se declararam contra o partheid e se mostraram confiantes que as coisas na África do Sul se hão-de resolver com a partilha de poder entre brancos e negros. Só que é preciso tempo...

Joe Berardo, no entanto, foi explicando que essa partilha se faria somente com os negros que a África do Sul está a preparar através da política de bantustões e mostrou-se um tanto ou quanto desiludido com a posição do Governo português ao não aceitar receber em Lisboa Pieter Botha. Confessou que ele próprio participara em diversas tentativas para que isso acontecesse e desabafou:

«Na verdade não entendo: há três anos, quando Pieter Botha era primeiro-ministro, foi recebido em Lisboa pelo dr. Mário Soares, então chefe de Governo, e pelo general Eanes, Presidente da República. Agora só na Madeira... Porquê? Será por estarmos na CEE e já não termos independência política? Não sei...».

E ao longo da conversa de que falarei noutra altura, Joe Berardo sublinhou enigmaticamente que, apesar de tudo, «nestas visitas o mais importante é o que se passa nos bastidores», pois o que vem a público é só mais «showoff» que outra coisa. E adiantou que muito em breve surgirão surpresas. Surgirão?

# *Aspectos "obscuros" e mais protestos*

Apesar de alguns aspectos «obscuros» da visita de Botha, nomeadamente o «muro de silêncio» que está a ser erguido em torno da sua deslocação, amanhã, a Porto Santo, em Lisboa, o Governo continua a afirmar que não haverá quaisquer contactos oficiais com o presidente sul-africano.

A possibilidade de qualquer entidade ligada ao Governo central se dslocar à Madeira para encontros com Botha, foi rejeitada por fontes oficiais, que garantiram que será respeitado o «carácter privado» da visita.

Os meios oficiais parecem apostados em fazer crer que Botha se deslocou à Madeira apenas para apadrinhar alguns investimentos sul-africanos no arquipélago, designadamente o alargamento do aeroporto da ilha de Porto Santo e zona franca industrial do Caniçal, mas os observadores duvidam que, para tais investimentos, fosse necessária a deslocação pessoal do presidente sul-africano.

### Reacções desfavoráveis

Com excepção do PSD e do CDS, todos os outros partidos madeirenses se manifestaram contra a presença de Pieter Botha no arquipélago.

O PS/Madeira, num comunicado emitido ontem, considera que a actuação do Governo regional está em total contradição com a política externa do Governo da República. Os socialistas madeirenses consideram ainda, nesta linha, que «a visita de Botha à Madeira e a forma como foi desencadeada e como virá a ser efectuada é um problema político de âmbito nacional». «A intromissão do Governo regional da Madeira numa área da competência do Governo da República não é actuação aceitável, sobretudo quando se quer — o que o PS aprova — não permitir a eventualidade de o Governo da República invadir competências do Governo autónomo madeirense», afirma-se no comunicado.

Para o PRD, o presidente do Governo regional «tem dois pesos e duas medidas ao analisar a questão dos direitos humanos: não aceitou o luto nacional pela morte de Samora Machel com a justificação de que o presidente moçambicano ofendera os direitos humanos, mas agora recebe Botha, chefe de um regime político condenado pelos países da CEE e pelos Estados Unidos por ofender os mais elementares direitos humanos». Este partido diz ainda que não é assim que se protegem os emigrantes madeirenses na África do Sul, pois o presidente Botha e o apartheid não são o futuro daquele país, nem sequer o presente, mas apenas um passado cego que tenta persistir e que a história mostrará que está errado».

O PCP, por sua vez, classifica a visita como «uma aliança objectiva do Governo regional com os racistas da África do Sul». Para os comunistas madeirenses, a visita desprestigia o nosso país e, contrariamente ao que muitos dirigentes e governantes reaccionários querem fazer querer, seriam gravissimas as consequências que resultariam para os portugueses residentes naquele país caso se deixassem envolver por posições de defesa do apartheid».

Também a UDP critica a visita que «não serve ao estreitamento dos laços de amizade entre o povo português e a maioria da nação sul-africana, nem contribui para a defesa do futuro da comunidade madeirense». Acrescenta a UDP que «a Região Autónoma da Madeira está mergulhada numa grave crise financeira e, por isso, Jardim anda agora a correr mundo de chapéu na mão de pedincha aos estrangeiros».

Em Lisboa, entretanto, a UGT exigiu ontem que o Governo eslcareça se a visita do presidente sul-africano «se insere na linha política externa do Estado ou se é contrária ao pensamento e acção do executivo». «Se a visita do presidente sul-africano a uma parcela do território português se insere na linha política externa do Estado, o Governo deve assumir as consequências que daí advirão, mas se é contrária ao pensamento e à acção do executivo da República, o Governo deve condená-la inequívocamente», diz a UGT.

**COSTUREIRAS**

**PRECISAM-SE**

ADMISSÃO IMEDIATA, RESPONDER PESSOALMENTE À RUA JOÃO NASCIMENTO COSTA, N.º 8-A EM LISBOA, JUNTO ÀS OLAIAS.

**FERNANDO J. CARVALHO, LIMITADA**

Certifico que, por escritura de 29 de Outubro do corrente ano lavrada de folha 89, verso a folha 90, verso, do livro número 19-G, de notas para escrituras diversas do 1.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo da notária licenciada Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a firma em epígrafe, que tem a sua sede na Rua José Ricardo, n.º 11-D nesta cidade, no tocante ao seu artigo segundo que passou a ter a seguinte redacção:

**SEGUNDO**

O objecto específico da sociedade consiste no exercício da indústria hoteleira, cafetaria e pastelaria e restaurante.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Lisboa e Primeiro Cartório Notarial aos vinte e nove de Outubro de mil novecentos e oitenta e seis.

**O Ajudante;**
*Maria Fernanda Igreja Simões*

**«DL» 13/11/1986**

**TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA**

**ANÚNCIO**

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 59/85 em que é Autora Maria do Céu Caçador Aguiar e Co-ré MARIA CALDEIRA DE SOUSA a qual teve a última residência conhecida na Rua Vale Formoso de Cima, 134 — 5.º F — Lisboa e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a referida co-ré, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos e este a contar de publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a dita acção, cujo duplicado se encontra ao seu dispor na respectiva secção de processos onde poderá ser levantado durante as horas normais de expediente, sob pena de, não o fazendo, ser imediatamente condenada no pedido formulado pela Autora.

Lisboa, 1 de Outubro de 1986

**O Juiz de Direito,**
*Dr. António Sérgio Abrantes Mendes*

**O Escrivão Adjunto,**
*Luís Manuel Faria Antunes*

**«DL» 13/11/86 – 2.ª Pub.**

**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA**
**ANÚNCIO**

**Proc.º n.º 550/85**
**2.ª Secção**

No dia 26 de Novembro de 1986 às 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de Execução Ordinária com o número acima indicado, em que é Exequente EFACEC-Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas SARL e Executada ENOMECÂNICA-Máquinas e Equipamentos Industriais SARL com sede em Malveira-Mafra, hão-de ser postos em praça, pela 1.ª vez, para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos, quatro máquinas para a indústria metalomecânica.

Mafra, 5 de Novembro de 1986

*A Juiz de Direito*
***MARIA DO ROSÁRIO CORREIA DE OLIVEIRA***
*O Escrivão Adjunto*
***JOSÉ ANTÓNIO COELHO CARREIRA***
**«DL» 13/11/86 — 1.ª Pub.**

***PCP acusa***

# Orçamento para 1987 é irrealista

**O grupo parlamentar do PCP acusou ontem o Governo de ter apresentado um Orçamento que «nada tem a ver com a realidade». Isto porque partiu de uma sobreavaliação das despesas e da subavaliação das receitas. Assim, só relativamente a 1986, os excedentes financeiros que o Executivo avalia em cerca de um milhão de dólares decorrentes do superavit da Balança de Transacções Correntes situam-se, de acordo com o PCP, entre os 1800 e os 2 000 de dólares.**

Para os deputados comunistas, «não se trata de uma questão técnica» ou da «regra de ouro da prudência orçamental». Com esta «inadequação dos valores orçamentados à realidade», o Governo «tem objectivos políticos», designadamente, «tentar impedir propostas da oposição visando o reforço de dotações insuficientes ou a inscrição de novas despesas».

Outro dos aspectos «mais gravosos» do Orçamento de Estado para 1987 é, para a bancada comunista, «a axfixia financeira das empresas públicas». Explicou Octávio Teixeira que o investimento previsto para as EP's diminuirá em cerca de 63%, sendo que se pretende reduzir de 39 para 14,5 milhões de contos as verbas para as dotações de capital e de 40,1 para 37,5 os montantes relativos às indeminizações compensatórias.

**«Incoerência»**

«Incoerência», eis uma outra acusação do PCP, desta vez reportando-se à apresentação que o Governo está a fazer das projecções macro-económicas para 1987. A utilização do termo é justificada com o facto de terem aparecido na Assembleia da República duas projecções macro-económicas diferentes, uma do Ministério das Finanças e outra do Ministério do Plano. «Quando deram por isso — ironiza Octávio Teixeira — aqueles ministérios fizeram correcções cruzadas á projecção inicial. Assim, o Ministério das Finanças adaptou a sua projecção á do Ministério do Plano e vice-versa, o que deixou tudo na mesma mas assinado ao contrário».

No que se refere à política de investimentos, é sublinhada a «ausência (...) de um plano consistente», sendo que as prioridades são «definidas de acordo com eventuais fundos comunitários».

Um exemplo apontado foi o da agricultura, cujo investimento aumenta «porque é nesta área que o Governo mais espera receber fundos da CEE», afirmaram os comunistas.

Em termos reais, prosseguem, os investimentos diminuem 13% na Educação, 16% na Saúde, 49 por cento na Habitação e Urbanismo, 38% na Indústria e 40% na Energia.

Quanto à carga fiscal, o grupo parlamentar do PCP afiança que se o Orçamento for aprovado o seu agravamento atingirá os 17%, «sobretudo sobre os rendimentos do trabalho».

**Diminuir preços dos combustíveis**

Assim, e para obviar a alguns «dos aspectos mais gravosos» do Orçamento, os comunistas vão apresentar algumas propostas tendo em vista, segundo Carlos Brito, melhorar as condições de vida da população, a defesa das empresas públicas e o relançamento da economia.

Neste sentido, o PCP propõe que deixem de ser tributados combustíveis industriais como o fuel e a nafta e que os resta-tes passem a beneficiar parcialmente da baixa do preço do petróleo; que sejam incluidos na proposta de Orçamento as verbas necessárias á baixa do preço do pão e do leite; que o aumento geral das pensões e reformas, bem como da pensão mínima, «seja sempre igual ou superior a 50% do valor mais elevado do salário mínimo nacional» e a revogação imediata das taxas moderadoras. Para além disto o PCP afirmou que irá apresentar propostas tendentes «ao pleno cumprimento do lei de combate aos salários em atraso aprovada pala Assembleia da República» e ao funcionamento eficaz da Inspecção Geral do Trabalho. Considerando «escandalosa» a diminuição para cerca de metade do montante previsto para os subsídios das rendas de casa, a bancado do PCP vai propôr neste âmbito o reforço destas verbas para além do «desagravamento efectivo dos impostos que incidem sobre os rendimentos do trabalho».

# Cavaco promete apoios à investigação tecnológica

**«A sabedoria e a ciência, associadas à acção, à iniciativa e ao risco», foi a receita para o desenvolvimento económico do País, lançada ontem, na cerimónia final do 75º aniversário do Instituto Superior Técnico, pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva.**

O Chefe do Governo frisou que dá a «primazia a um mercado livre, aberto e concorrencial» e que, para tanto, conta com o «dinamismo, a criatividade, a capacidade dos jovens».

Referindo-se às Grandes Opções do Plano para 1987-90, Cavaco Silva destacou «a aposta que o Governo faz na investigação científica e tecnológica» e o papel de realce conferido à valorização dos recursos humanos.

«A valorização dos recursos humanos, como opção do Plano, tem por objectivo fundamental conseguir que em cada sector e em cada nível se atinja o máximo de qualificação relativamente a cada indivíduo e a cada aptidão», salientou, a propósito, o Primeiro-Ministro.

**Ligação empresas-universidades**

Cavaco Silva manifestou, por outro lado, o desejo de que sejam lançadas novas associações entre as universidades e as empresas, considerando também indispensável o «desenvolvimento da investigação empresarial».

Lembrou, sobre esta questão, a autorização parlamentar dada ao Governo para legislar sobre incentivos fiscais à investigação empresarial e destacou o acréscimo de 150 por cento nos meios financeiros associados à coordenação científica inscritos no Projecto de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central(PIDDAC), da Junta de Investigação Científica e Tecnológica, relativamente ao ano transacto.

Segundo o chefe do Executivo, a estratégia de expansão da investigação deverá apoiar-se nas universidades, uma vez que não é de esperar a criação «no futuro próximo, de novos laboratórios do Estado».

Disse ainda Cavaco Silva que o Governo está empenhado no «reforço da autonomia universitária» e acrescentou estar o documento legal sobre a matéria em «fase adiantada de elaboração».

«As universidades- disse a propósito- devem deixar de ser apenas centro do saber para passarem a constituir também um centro do fazer».

Participaram na cerimónia o ministro da Educação(que esteve também com Cavaco no encontro das federações desportivas, promovido pela Direcção-Geral dos Desportos), o reitor da Universidade Técnica, o presidente do Conselho Científico do IST, o presidente da Associação de Estudantes e um representante do pessoal não-docente.

Foi concedido ainda, na mesma cerimónia, o doutoramento «honoris causa» ao professor britânico James Lighthill, presidente da União Internacional de Mecânica Teórica e Aplicada.

# Câmaras dos Açores repudiam separatismo

Reunidas ontem em Angra(ilha Terceira), os presidentes das câmaras da região autónoma dos Açores repudiaram «qualquer conotação separatista que seja imputada à grande maioria dos açorianos e aos orgãos que legítimamente os representam». Na moção, aprovada por unanimidade e aclamação(estavam presentes autarcas socialistas), durante uma reunião entre autarcas e técnicos da secretaria regional de Aministração Pública, manifesta-se ainda a «incondicional adesão» à autonomia regional como «a que melhor serve os interesses da região e do País».

Os autarcas socialistas da câmaras de Vila do Porto e das Lajes do Pico explicaram o seu apoio à moção, frisando que não deverá ser interpretado como apoio à pessoa do presidente do governo regional, Mota Amaral. Segundo os dois autarcas do PS, Mota Amaral envolveu-se após o 25 de Abril em actividades atentórias da unidade do Estado tal como está definida na Constituição da República.

**Amaral foi «chefe dos separatistas»?**

Entretanto, os socialistas de Ponta Delgada salientaram a existência de «indícios», para além das próprias declarações de Amaral, de que o chefe do governo regional foi, em 1975, «o verdadeiro chefe dos separatistas».

Solicitados a revelar tais indícios, os responsáveis do PS de Ponta Delgada escusaram-se, alegando não ser este o momento oportuno.

Para os socialistas, é «lamentável» que Mota Amaral tenha assumido publicamente a existência de contactos até 1984 com a FLA, quando «os partidos legais sempre encontraram grandes dificuldades em estabelecer contactos institucionais com o presidente do governo regional».

Albano Pimentel, um dos responsáveis locais do PS, manifestou o apoio do seu partido à aprovação do novo estatuto autonómico, admitindo alterações mais explícitas ao ao seu artigo 6, e frisou que o corte de relações entre o PS e o PSD regionais manter-se-á até que os social-democratas esclareçam «ambiguidades» relativamente aos limites da autonomia regional.

**Rocha Vieira contestado**

O secretário-adjunto para os Assuntos Sociais do executivo regional, Pèricles Martins, considerou em Angra não haver razões para a fiscalização preventiva de constitucionalidade sobre legislação daquele sector, requerida pelo Ministro da República, Rocha Vieira, ao Tribunal Constitucional.

Segundo o responsável regional, o diploma elaborado pela Secretaria dos Assuntos Sociais de Ponta Delgada tem como objectivo a administração e organização de serviços.

A legislação em causa- disse- prevê a constituição de três institutos na área da segurança social, dois de carácter novo e outro adaptando um já existente. Um dos institutos teria a gestão financeira do sector e outro seria de prestações pecuniárias.

# PRD (com Eanes) apresentou cumprimentos ao Presidente

Ramalho Eanes esteve pela primeira vez ontem em Belém na qualidade de líder partidário, á frente de uma delegação do PRD que incluia ainda Hermínio Martinho e Ana Gonçalves..A audiência fora pedida por este partido ao Presidente da República para lhe apresentar cumprimentos bem como as conclusões da Convenção Nacional que elegeu novos corpos directivos. Foi uma audiência de 35 minutos, breve e formal, durante a qual o PRD manifestou ao Chefe do Estado o seu «interesse» em colaborar com todos os órgãos de soberania.

Ramalho Eanes que prestou esta declaração no final do encontro, escusou-se todavia a revelar outros temas tratados, alegando terem sido abordados «por iniciativa do Presidente da República». Para o líder do PRD tratou-se apenas de uma visita de cortesia.

Instado a comentar as referências elogiosas do PSD à actuação do Presidente da República, Ramalho Eanes disse tratar-se de «uma situação pelo menos simpática, que o PRD aprecia».

# CDS preocupado com "estrutura esquerdizante"

O CDS está preocupado com aquilo a que chama a «esquerdização da sociedade portuguesa». A afirmação é do dirigente centrista Anacoreta Correia e foi proferida no final de um encontro de três horas entre delegações do CDS e do PSD na sede deste último partido. Pelo PSD estiveram presentes Eurico de Melo, Correia Afonso, Vitor Crespo, Carlos Brito e Dias Loureiro. O CDS esteve representado por Anacoreta Correia, Narana Coissoró, Moutinho Almeida, José Maltez e Fernando Seara.

Para o dirigente centrista «a designação de esquerda moderna não é apenas mais do que uma resignação perante uma socialização forçada a que o País foi sujeito», e «todas as pessoas que consideram que as soluções dos problemas do País são de esquerda, estão a criar dificuldades às soluções que entendemos que o País precisa». Uma alegada diminuição do peso do sector privado e existência das empresas públicas são o sintoma detectado por Anacoreta Correia para a «consolidação da estrutura esquerdizante». Queixou-se também de que, em alguns casos, ten havido «governamentalização da comunicação social».

O curioso desta reunião, que segundo o social-democrata Corrreia Afonso, «foi muito rica» e nela foram debatidos «muitos assuntos», é que este responsável do PSD reafirmou no final que o seu partido se situa na «esquerda moderna».É certo que teve o cuidado de sublinhar que «não foram procurados consensos», e que «nalguns casos o consenso se verificou e noutros cada partido ficou com a sua posição». De qualquer modo, se agora o PSD vem também dizer que é de esquerda, há o risco de que o CDS fique absolutamente isolado e solitariamente entregue aos seus terrores.

*Direcção da JS*

# Opositores de Apolinário apresentam candidatura

A candidatura de Porfírio da Silva a secretário-coordenador da Juventude Socialista foi apresentada ontem, no Porto, como «candidatura alternativa» aos actuais orgãos directivos da JS.

Os dirigentes da JS de Lisboa e do Porto presentes no encontro deram a conhecer os objectivos do movimento «Ritmo do nosso tempo uma JS nova» e divulgaram dois documentos «fundamentais»: o «Manifesto à juventude portuguesa» e o «Plano de dinamização interna».

Quanto ao primeiro, é anunciado como sendo um contributo inovador para a «renovação da esquerda democrática», defendendo que a «Juventude Socialista deve assumir-se como organização responsável, apresentando alternativas viáveis e de qualidade com propostas concretas para melhorar a situação dos jovens».

*Sob a presidência de Soares*

# CSDN debate leis de programação militar

O Conselho Superior de Defesa Nacional emite hoje o seu parecer sobre as leis de programação militar para o quinquénio 1987/1991 e que envolvem já a aplicação de 1,5 milhões de contos destinados pelo OGE do próximo ano a reequipamento e infraestruturas militares.

É a primeira vez, desde o 25 de Abril, que o ministério da Defesa elabora as referidas leis que foram objecto já de pareceres do Conselho de Chefes Militares dos três ramos e, ontem, do Conselho Superior Militar.

As leis de programação militar deveriam ter sido apresentadas simultâniamente com o OGE ao Parlamento. Fonte ministerial prevê que a entrada dos diplomas na AR ocorra «muito em breve, uma vez que se tenciona discuti-las juntamente com a fatia orçamental referente ao programa de reequipamento das Forças Armadas».

Na reunião de hoje, em Belém, do Conselho Superior de Defesa, a presidir pelo Chefe do Estado, está igualmente prevista a aprovação da nomeação do brigadeiro Carreto para comandante da Brigada Nato, sediada em Santa Margarida.

Outro tema eventualmente abordável pelo CSDN será a questão da indústria de Defesa Nacional- indicou a mesma fonte ministerial, citada pela Anop.

S. R.

## CÂMARA MUNICIPAL DE PENICHE

TELEFONE 72101 - P. P. C. 3 linhas — TELEX 14396 CMPNI

CÓDIGO POSTAL 2520

# AVISO

## CONCURSO DE PROVIMENTO DO LUGAR DE CHEFE DE DIVISÃO DE HABITAÇÃO E URBANISMO

Faz-se público que se encontra aberto concurso de provimento, pelo prazo de 20 dias, a contar da publicação do presente aviso no «Diário da República», para preenchimento de um lugar de Chefe de Divisão de Habitação e Urbanismo do Departamento de Serviços Técnicos, pertencente ao quadro do pessoal desta Câmara, remunerado actualmente com a importância de 73.500$00 e ainda nas seguintes condições:

1 — Nos termos do disposto no artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 116/84 e no Decreto-Lei n.º 191-F/79, o lugar será provido em comissão de serviço, a ele podendo habilitar-se os técnicos superiores principais já vinculados à Administração Central ou local e que possuam a licenciatura em arquitectura.

2 — O conteúdo funcional do lugar a prover é o que consta do artigo 22.º da Organização dos Serviços do Município, nomeadamente, informação de processos de obras particulares e de loteamento, gestão do parque habitacional e planeamento urbanístico.

3 — A Câmara poderá facultar habitação de função.

4 — A selecção dos concorrentes será feita por avaliação curricular e entrevista.

5 — O júri do concurso será constituído pelo presidente da Câmara, pelo vereador, Henrique Bertino Batista Antunes, e pelo director de Departamento dos Serviços Centrais e Culturais.

6 — Os requerimentos, a redigir em papel selado, e acomapanhados da importância de 100$00, serão dirigidos ao presidente da Câmara Municipal de Peniche e entregues ou remetidos pelo correio, com aviso de recepção, dentro do prazo fixado, no serviço de pessoal da Câmara Municipal de Peniche, indicando o nome, estado civil, data do nascimento, filiação, naturalidade e residência, habilitações literárias, número e data do Bilhete de Identidade e serviço do Arquivo de Identificação que o emitiu, n.º de contribuinte fiscal, cargo ou lugar de que é titular e entidade a que pertence.

7 — Os candidatos poderão ainda especificar nos seus requerimentos quaisquer circunstâncias que reputem susceptíveis de influírem na apreciação do seu mérito ou de constituírem motivo de preferência legal.

8 — O local de trabalho terá a sua sede na vila de Peniche e será exercido em toda a área do Município.

PAÇOS DO CONCELHO DE PENICHE, 28 de Outubro de 1986

**O Presidente da Câmara**
**JOÃO AUGUSTO TAVARES BARRADAS**

## SOPROPÉ — ORGANIZAÇÕES DE CALÇADO, LIMITADA

Certifico que, por escritura de 29 de Outubro do corrente ano, lavrada de folha 50, verso a folha 52, do livro de notas para escrituras diversas n.º 178-E, do 1.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, foi constituída entre Acácio Augusto Francisco Teixeira e Emanuel Ataíde Teixeira Pinto, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, que tem a sua sede na Rua Santo António do Zaire, lote 35, loja, freguesia de Camarate, concelho de Loures, e que se regerá pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

**ARTIGO PRIMEIRO**

A sociedade adopta a denominação de SOPROPÉ — ORGANIZAÇÕES DE CALÇADO, LIMITADA, tem a sua sede e domicílio na Rua Santo António do Zaire, lote trinta e cinco, loja, no lugar e freguesia de Camarate, concelho de Loures, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

**ARTIGO SEGUNDO**

O objecto específico da sociedade consiste na comercialização de calçado e produtos afins.

**ARTIGO TERCEIRO**

O capital social é de um milhão e duzentos mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas: — uma de oitocentos mil escudos, pertencente ao sócio Acácio Augusto Francisco Teixeira, e outra de quatrocentos mil escudos, pertencente ao sócio Emanuel Ataide Teixeira Pinto.

**ARTIGO QUARTO**

São exigíveis prestações suplementares, de montante global não superior ao décuplo do capital social, precedendo deliberação tomada em assembleia geral e observados os requisitos legais.

**ARTIGO QUINTO**

**1.** A divisão e a cessão de quotas é livre entre os sócios; a cessão a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

**2.** A recusa do consentimento para a cessão importará a amortização da respectiva quota pela sociedade, ou a sua aquisição pelos sócios, não cedentes, na proporção das respectivas quotas, consoante for deliberado em assembleia geral.

**ARTIGO SEXTO**

**1.** A gerência da sociedade, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, fica a cargo de ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sendo necessária e suficiente a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade.

**2.** Pode a gerência nomear mandatários, em nome da sociedade, para aprática de actos determinados, ou para certas categorias de actos.

**ARTIGO SÉTIMO**

Salvo os casos em que a lei exija outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de dez dias, pelo menos.

**ARTIGO OITAVO**

Quaisquer questões derivadas da interpretação e aplicação do presente pacto serão dirimidas por comissão arbitral, de acordo com o disposto na lei número trinta e um/oitenta e seis, de vinte e nove de Agosto.

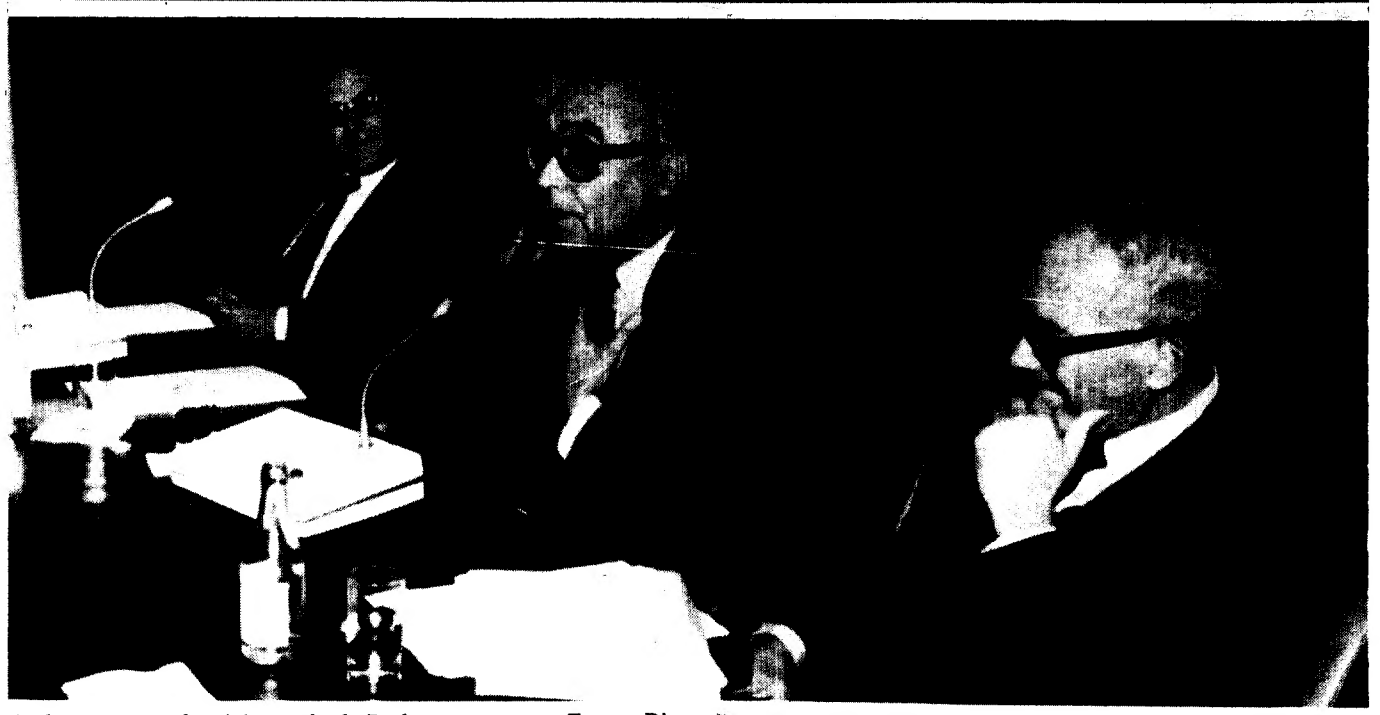
Está conforme o original.

Lisboa e Primeiro Cartório Notarial aos trinta e um de Outubro de mil novecentos e oitenta e seis.

**O Ajudante**
*MARIA FERNANDA IGREJA SIMÕES*

**«DL» 13/11/1986**

DL NACIONAL

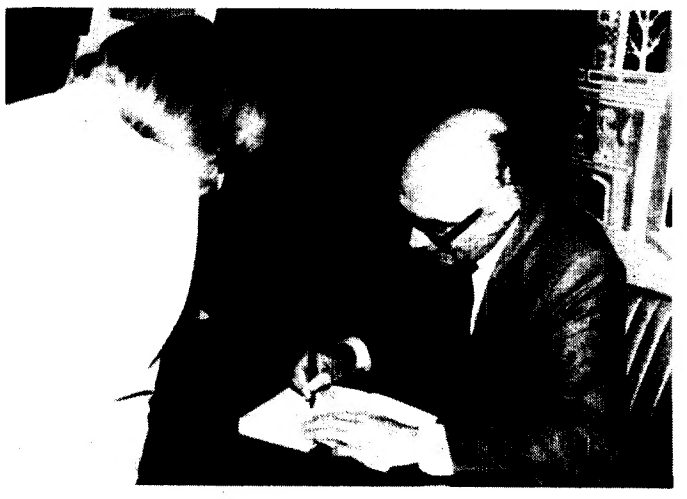


*Ao lançamento de «A jangada de Pedra», ontem, no Forum Picoas*

***José Saramago reaparece com o 17.º título***

# "A Jangada de Pedra" lançada com 40 mil livros "a bordo"

**«Agradeço. Tenho de agradecer e gosto de agradecer». Assim retribuiu José Saramago às muitas pessoas que ontem compareceram no Forum Picoas para assistir ao lançamento da sua mais recente obra, o romance «A jangada de pedra». O tema deste livro é já de si uma surpresa: resumidamente, a jangada em questão é a Península Ibárica, depois de uma fractura, algures nos Pirinéus. As implicações todas, todas, fazem as delícias do leitor, tendo como guia José Saramago, por via da sua escrita e estilo habituais.**



*O inevitável autógrafo*

Sobre o seu livro e dada a circunstância da fractura que dá origem à jangada de pedra, seria o escritor a assinalar nas suas palavras de ontem, com a sua habitual e refinada ironia, que «de acordo com os ortopedistas é praticamente impossível verificar-se nova fractura no sítio da anterior».

E daria a explicação reconhecida pelos especialistas: «Forma-se um calo ósseo. Estejam pois descansados que é improvável que uma fenda geológica surja nos Pirinéus e deixe à deriva esta placa peninsular que a calosidade pirenaica ajustou ao continente europeu».

À festa, a este encontro, vieram, claro os oradores, como foi o caso de Luís de Sousa Rebelo que se deslocou propositadamente de Londres para fazer a apresentação de Saramago neste lançamento.

«Um dos rumos mais fascinantes do discurso de José Saramago, aquele que leva à captação da irrealidade do objecto real: a transgressão de fronteiras que delimitam e definem as coisas e os seres no plano da representação imediata para os libertar do do seu signo verbal» — eis como Luís de Sousa Rebelo começou por referir-se à obra de Saramago, tendo por base «Objecto quase».

Sobre o cenário que serve de base a «A jangada de pedra», Luís Sousa Rebelo acentuou que aí «reside precisamente a sedução da arte de José Saramago».

E explicou: «Arte que explora e pondera não só os possíveis da História — considerada como consciência colectiva e como campo de acção do Homem — senão que também as potencialidades da narrativa, da fábula, na ramificação dos seus enunciados descritivos e no romper de horizontes que lhe oferece a invenção de situações».

«Destas— sintetizou — poucas haverá, de facto, mais intelectualmente estimulantes do que a que nos apresenta a Península Ibérica à deriva, sujeita a caprichos de movimento, naquele Agosto extraordinário, povoado de surpresas e deslumbramentos».

Trata-se, em suma, de mais um passo no êxito sistemático em que se tornou a produção literária de José Saramago, talvez o coroar da sua obra, depois do «escândalo» do ano passado quando o grande prémio da Associação Portuguesa de Escritores lhe passou ao lado (e não só dele). Ou seja, ele é, para este ano um dos mais (o mais?) sérios candidatos àquele galardão. Isto diz-se apesar de o escritor ter manifestado recentemente a sua completa indiferença perante a hipótese, em entrevista concedida a um semanário.

Mas, atenta que está ao «fenómeno Saramago», a sua editora apostou forte neste seu livro e não se fez rogada no volume da edição: nada mais nada menos do que 40 mil exemplares, logo à partida.

Aliás, seria Zeferino Coelho, em representação da editora, a fazer tónica na colaboração estabelecida com o escritor, que data de 1979 e se traduziu na publicação de treze títulos «com uma tiragem global de muitas centenas de milhares de exemplares».

«Negociámos os direitos de tradução para cerca de 20 países. Acompanhámos a sua ascensão ao lugar de destaque que hoje ocupa na literatura portuguesa e mundial. Num certo sentido podemos dizer que crescemos com ele» — acrescentou Zeferino Coelho.

Quanto ao «crescimento» de Saramago, convém assinalar que duas outras obras estão já anunciadas: «História do cerco de Lisboa», romance, e «A segunda vida de Francisco de Assis», teatro. Quanto à obra já publicada, ela desdobra-se por 17 títulos, desde 1966, o primeiro dos quais o único livro de poemas de José Saramago (Os poemas possíveis). Mas ainda mais para trás fica um primeiro romance que o escritor baniu, pura e simplesmente, da sua bibliografia.

No somatário dos seus grandes êxitos editoriais, que vieram abrir-lhe os mercados (no seu múltiplo sentido) estrangeiros, contam-se, «Levantado do Chão», que desde 1980 já averbou sete edições só em Portugal; «Viagem a Portugal», de 1981, que já vai em quarta edição; «Memorial do Convento», de 1982, já com 16 edições e traduções no Brasil, Itália, Espanha, RFA e RDA; «O ano da morte de Ricardo Reis», de 1984, agora em sétima edição e traduções em Espanha e Itália; e, por fim, esta «A jangada de Pedra».

Não esquecendo, de 1974, «As opiniões que o 'DL' teve», como resultado do seu trabalho nesta casa.

*Beleza quer implantar seguros de saúde*

# Sindicatos acusam o Governo de favorecer grupos internacionais

**A ministra da Saúde defendeu ontem em Lisboa a proposta de lei tendente à criação de seguros de saúde, salientando que o Governo quer incentivar as alternativas ao SNS. O Sindicato dos Médicos do Sul, esta manhã contactado pelo «DL», reagiu de pronto à afirmação (aliás, há tempos que vem denunciando os planos de Leonor Beleza neste e noutros domínios). «No momento em que a maioria dos países europeus retiram peso à medicina convencionada em favor do serviço oficial de saúde, o Governo português faz o contrário», disse Mário Jorge ao nosso jornal.**

Países como a RFA, a Dinamarca e a Grécia, entre outros, «sem abolirem propriamente a medicina convencionada, abdicaram do seu peso em proveito de sistemas de saúde oficiais», afirmou-nos Mário Jorge, dirigente do Sindicato dos Médicos do Sul.

«Mas, em Portugal, o que a ministra e o Governo pretendem é destruir totalmente o Serviço Nacional de Saúde», acrescentou.

Aliás, Leonor Beleza não escamoteia os seus propósitos: «O Ministério é o Ministério de Saúde do País e não o ministério do Serviço Nacional de Saúde» — disse Leonor Beleza no final de uma visita aos Serviços de Assistência Médico-Sociais (SAMS) dos bancários, em Lisboa.

Leonor Beleza salientou que o Governo pretende o desenvolvimento de subsistemas de saúde do tipo SAMS e referiu a proposta de lei de criação dos chamados seguros de saúde, previstos no Orçamento de Estado para 1987.

### Bancários: um bom serviço

Na proposta governamental prevê-se incentivos fiscais aos seguros de saúde e qualquer empresa poderá acertar com as companhias de seguros um esquema de protecção da saúde diferenciado para os seus trabalhadores — explicou a ministra.

Leonor Beleza admitiu que as estatísticas, mesmo deficientes em certos casos, mostram que os índices de saúde em Portugal são inferiores aos dos outros países da CEE, mas superiores aos de muitos outros países. «Toda a gente sabe isso» — sublinhou.

«As pessoas não ficam indiferentes ao Ministério da Saúde» — acrescentou Leonor Beleza, comentando uma recente sondagem feita numa estação de rádio.

Segundo uma votação feita por centenas de ouvintes, Leonor Beleza era a pior ministro do actual Governo, aparecendo igualmente como o segundo melhor elemento do Executivo.

Leonor Beleza, acompanhada por vários dirigentes do Sindicato dos Bancários, visitou a maior parte dos serviços do SAMS.

No próximo ano, o SAMS vai implementar um sistema de marcação de consultas a partir de terminais colocados nas maiores dependências bancárias, o que é uma experiência original em Portugal — soube-se junto de dirigentes sindicais.

No âmbito do SAMS são efectuadas diariamente mil consultas, motivando o gasto de um milhão de contos por ano em medicamentos.

### Condições para grupos financeiros

O dirigente do Sindicato dos Médicos do Sul, Mário Jorge, frisou ao «DL» que com esta e outras medidas, aliás, «o Governo está a tentar criar condições para que delas se aproveitem grandes grupos financeiros internacionais». Instado a concretizar, aquele dirigente optou por reservar uma informação mais completa para o futuro, adiantando contudo, que no espírito desses grupos está «o estabelecimento de unidades de saúde nos sectores mais rentáveis», tais como a hemodiálise, a tomografia, a fisioterapia e as análises.

O projecto do Governo visa, no imediato, «encontrar mão-de-obra barata e disponível para a medicina convencionada e seus subsistemas, os quais, aliás, a ministra admitiu. Essa mão-de-obra não há, neste momento, na medicina convencionada. Por isso — acrescentou — e embora reconheça que não há médicos em excesso, o Governo pretende lançar muitos deles no desemprego para que constituam mão-de-obra barata e disponível, ao serviço, talvez, desses grupos financeiros internacionais».

A maioria dos países da Europa trocou a medicina convencionada, que constituia a base do seu serviço de saúde, por sistemas oficiais. Em Portugal, segundo afirmou aquele dirigente sindical, poderá ocorrer o contrário se as estruturas interessadas não demoverem o Governo dos seus propósitos. «A grande verdade é que o nosso País não está nada, absolutamente nada, vocacionado para a medicina convencionada», acrescentou Mário Jorge.

*CI demissionária exonera médicos*

# Hospital de Viana vai de mal a pior

A demissionária Comissão Instaladora do Hospital Distrital de Viana do Castelo tomou ontem uma medida que veio agravar e já de si muito delicada situação hospitalar de Viana e concelhos envolventes: e nove chefes de serviços de urgência do estabelecimento.

A exoneração foi motivada por uma alegada recusa dos médicos em acatar uma determinação do director dos Serviços de Urgência, em que se ordenava que todos os médicos do quadro do hospital passassem a fazer o Serviço de Urgência indiferenciado — explicaram as mesmas fontes.

Em ofício entregue ao director de serviços, director clínico e presidente da Comissão Instaladora, os médicos consideram que o referido director transformou o hospital num serviço de atendimento de Cuidados Primários ao atribuir-lhes a tarefa de trabalho indeferenciado.

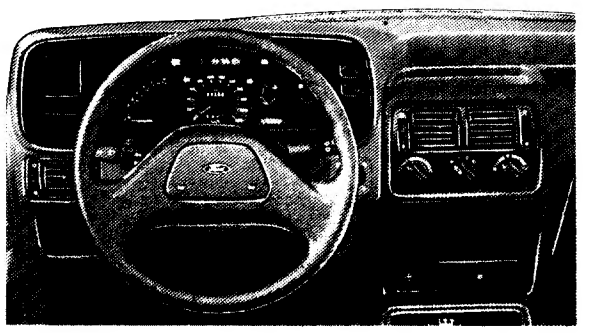
Referem ainda que foi determinada a transferência para os Hospitais Centrais dos doentes que necessitem de cuidados diferenciados.

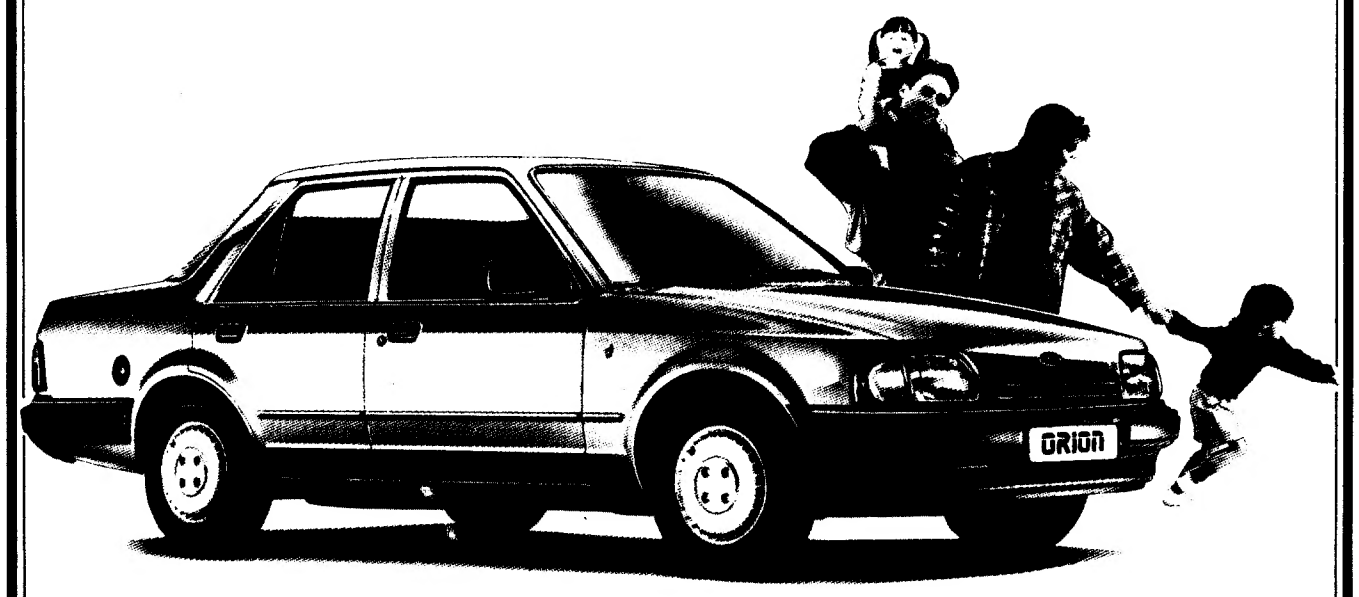
A Direcção Médica e a Comissão Instaladora interpretaram o ofício como um pedido colectivo formal de demissão e decidiram a exoneração e substituição dos nove chefes de serviços.

Novo Ford Orion
a evolução de um clássico

O novo FORD ORION é ideal para quem sempre desejou um carro com linhas harmoniosas, um «design» tecnologicamente avançado, mas sem prescindir do espaço para arrumar bagagem e instalar confortavelmente toda a família.
Mas sendo um carro familiar, o novo FORD ORION é um carro com nervo. Todas as versões – 1.4 CVH, 1.6 CVH e 1.6 Diesel – têm motores potentes e invulgarmente económicos, com caixas de 5 velocidades e o elevado nível do equipamento – Ghia.
E porque num carro familiar a segurança é uma prioridade, o novo ORION tem um sistema de travagem anti-bloqueio mecânico – o que sucede pela primeira vez em carros da sua classe.

O novo FORD ORION continua a ser um belo clássico, sempre em evolução.






Conheça-o no seu Concessionário FORD

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

*Máximo foi em 1978, com 7162 naturalizações*

# Quatro mil portugueses tornam-se franceses todos os anos

**Cerca de quatro mil portugueses adquirem a nacionalidade francesa todos os anos, disse à NP um técnico do Instituto Nacional da Estatística francês. «O máximo de naturalizações foi constatado em 1978 quando houve 7162 naturalizações de portugueses», afirmou a mesma fonte.**

«A partir de 1982 esse total estabilizou-se à volta ds 4 mil, mas não é possível obterem-se estatísticas mais precisas pois as crianças deixaram de ser contadas quando os pais se naturalizam», acrescentou.

Estes números foram obtidos no decurso de um inquérito feito às causas e consequências da nova lei sobre as naturalizações em França.

Com efeito, o Conselho de Ministros francês aprovou na manhã de ontem um projecto de reforma do Código da Nacionalidade que vai tornar mais difícil a aquisição da nacionalidade francesa.

O aspecto mais saliente da legislação proposta será que ela porá termo à concessão automática da nacionalidade francesa, sejam quais forem as condições.

O projecto, proposto e aprovado em Conselho de Ministros, irá em seguida ser apresentado ao Senado, e depois à Assembleia Nacional, onde a oposição por parte dos partidos de esquerda não deixará de se manifestar.

Apesar de ter sido modificado, e redigido em termos mais brandos, o texto proposto já foi criticado pela Igreja Católica, pelo Alto Conselho para a População e para a Família, e pelo próprio Conselho de Estado, que desaprovou alguns aspectos da redacção original.

Segundo a lei actualmente em vigor, um jovem estrangeiro que tenha cinco anos de residência em França, ou tenha nascido em França, ao atingir a maioridade adquire automaticamente a nacionalidade francesa, excepto se tiver manifestado a vontade contrária durante os seis meses que antecedem o seu décimo oitavo aniversário.

«O que acontecia — disse um dirigente da comunidade portuguesa em França — é que a maioria dos nossos imigrantes, por ignorância ou por descuido, não fazia qualquer declaração, pelo que os filhos se tornavam franceses ao atingirem a maioridade».

Segundo se soube ainda junto do Ministério francês da Justiça, cerca de 17 mil jovens de todas as nacionalidades foram abrangidos por esta medida em 1983, «muitos deles sem mesmo se darem conta disso».

«Mas esse problema não é assim tão grave como pode parecer à primeira vista», disse por seu lado um funcionário dos serviços da Embaixada de Portugal, «quando se trata de indivíduos do sexo masculino, são prevenidos no ano em que cumprem 18 anos que terão de fazer o serviço militar».

Segundo a lei agora proposta, o jovem nascido em França, filho de pais estrangeiros, terá de pedir expressamente a nacionalidade francesa entre os 17 e os 23 anos de idade.

No espírito dos legisladores, esta cláusula permitirá subtrair os jovens à influência familiar.

O segundo aspecto igualmente importante que será modificado pela nova lei diz respeito ao casamento.

Até agora, um estrangeiro adquiria automaticamente a nacionalidade francesa ao casar-se com um cidadão francês, desde que a pedisse após seis meses de casamento. Aproveitavam-se dessa regalia, todos os anos, perto de 13 mil estrangeiros.

Se a nova lei for aprovada, a concessão da nacionalidade por casamento só terá lugar após pedido do interessado, tendo o governo dezoito meses para decidir. Se o governo não despachar nesse espaço de tempo, a nacionalidade é concedida automaticamente.

## Esmagado sob um camião o ajudante do motorista

Um indivíduo morreu ontem esmagado sob um camião-frigorífico na Estrada Nacional N.º 1, perto de Coimbra.

Bruno Louça Santos, 37 anos, ajudante de motorista, residente em Vale de Figueira, Loures, teve morte quase instantânea e o seu companheiro, António dos Santos, 54 anos, residente na Portela da Azoia, do mesmo concelho, sofreu apenas ferimentos num pé».

O acidente deu-se quando a viatura pesada em que seguiam desceu desgovernada uma via de acesso à Estrada Nacional N.º 1, à saída de Coimbra, acabando por embater noutro pesado.

A primeira viatura virou-se e o ajudante de motorista, que terá sido lançado fora nessa altura, ficou esmagado.

Segundo os primeiros indícios, uma deficiência no sistema de travões terá sido a causa do acidente.

## Três mortos em acidentes

Três pessoas morreram ontem em dois acidentes de trabalho e um de viação registados em Coimbra e nos seus arredores — informaram os Bombeiros Sapadores de Coimbra.

O acidente de viação, que envolveu duas viaturas pesadas, ocorreu a cerca de três quilómetros de Coimbra, perto da localidade de Fornos, e motivou a morte de uma pessoa e um ferido.

Os bombeiros, adiantaram ainda que os prejuízos materiais são elevados.

Outro dos acidentes aconteceu na freguesia de Santo António dos Olivais, no espaço urbano de Coimbra, com um trabalhador de 28 anos que desmontava uma grua e foi esmagado por umas peças que lhe caíram em cima.

EM)Na Póvoa do Pinheiro, perto de Coimbra, outro trabalhador morreu na sequência do despiste de uma máquina escavadora que conduzia.

Segundo os bombeiros, tratava-se de Carlos Encarnação Catarino, de 44 anos, residente em Cantanhede.

## PSP quer ser civilista e europeia

A Associação Sindical da PSP lamentou que Portugal comemore brevemente o primeiro aniversário da sua integração na CEE «sem ter ainda uma polícia europeia».

Em comunicado, a Associação sublinha que Portugal é «o único país da CEE cujas forças policiais estão sob o comando das Forças Armadas».

*Assunto "desconhecido" em Portugal*

# Família angolana expulsa da Suíça

As autoridades suíças expatriaram segunda-feira uma cidadã angolana e os seus oito filhos para Luanda, num voo da TAP com passagem por Lisboa, mas o caso é desconhecido em Lisboa pela Guarda Fiscal e pelo Alto Comissariado para os Refugiados.

A Imprensa suíça referia que a mulher e os filhos, identificados como a «família S», teriam deixado Genebra na terça-feira com paragem em trânsito em Lisboa e Angola como destino.

Mas a Guarda Fiscal, no aeroporto da Portela, disse à agência NP desconhecer o caso, o que significa que as nove pessoas seguiram para Luanda.

Também o Alto Comissariado para os Refugiados não foi contactado para tratar do caso, como sucedeu há cerca de um mês com um cidadão angolano expulso pela Suécia e que recusou seguir viagem de Lisboa para Luanda.

Segundo a Imprensa suíça, o chefe da família agora expulsa da Suíça chegou a este país em 1984, tendo pedido asilo político no ano seguinte.

Em Setembro deste ano, as autoridades suíças decidiram expatriar a família, não tendo chegado a concretizar-se uma tentativa de organizações humanitárias protestantes para conseguir vistos para o Canadá.

O chefe da família, um engenheiro civil, pôs-se então em fuga, estando em parte incerta.

A família residia no cantão de Vaud, cuja capital é Lausanne.

*Em França*

## Português responde por tentativa de morte da mulher

Um bate-chapas português começou a ser julgado no Tribunal francês de Versalhes pela acusação de tentativa de assassínio da sua mulher com uma bomba por si fabricada.

O acusado é Carlos Ribeiro, de 32 anos, residente na cidade de Louvrenciennes, departamento de Yvelines, que a 1 de Outubro de 1984 terá tentado assassinar Lisette Ribeiro.

O engenho explosivo, feito com chumbos de caça, parafusos, um mecanismo accionado por pilhas eléctricas e uma botija de gás de campismo foi metido num embrulho de prenda.

Carlos Ribeiro é acusado de ter colocado o embrulho em cima de uma mesa à entrada da sucursal do banco onde a sua mulher fazia, de madrugada, limpeza.

Quando mexeu no embrulho, o engenho explodiu e provocou queimaduras graves na cara, pescoço e braços de Lisette Ribeiro.

«Não tinha intenção de matar a minha mulher, queria apenas meter-lhe medo para que ela me deixasse», reconheceu mais tarde Carlos Ribeiro que, na altura da deflagração, mantinha há três meses uma ligação afectiva com outra mulher.

O julgamento de Carlos Ribeiro tem uma duração prevista de dois dias e a sentença deverá ser lida amanhã.

## Mário Raposo rejeita críticas ao seu ministério

O ministro da Justiça, Mário Raposo, rejeitou críticas ao funcionamento do seu ministério e disse que a celeridade processual «é um mito».

«Nós temos de ter a noção exacta daquilo que fazemos, do que somos, sem cairmos nos miserabilismos, nas perspectivas catastróficas de que tudo o que existe em Portugal está mal e tudo o que se faz lá fora é que está bem», disse Mário Raposo, no final de uma visita que ontem fez ao terreno onde se prevê a construção do Palácio da Justiça de Braga.

# ARTIGO DE FUNDO

**Mário Castrim**

*EU — Sei, por portas mais ou menos travessas, que pretendes ser um órgão de informação voltado para os grandes acontecimentos da actualidade.*
***Telejornal** — A actualidade é a minha vocação, essa é a verdade. Aliás, já dei o pontapé de saída.*
*EU — Preferia que desses o pontapé de entrada, como diria o senhor de La Patetice.*

***Telejornal** — Visto que assim o desejas.*
*EU — Quando foi então que pontapeaste?*

***Telejornal** — Foi no domingo passado, quando transmiti aquela reportagem do terramoto de 1755. Reparaste nas imagens do terror que assolou Lisboa, nesse dia, às 9 e 3 da manhã, com as igrejas cheias de gente?*
*EU — Imagina! Em Portugal sempre rezaram mais do que trabalharam. É por isso que Deus nos castiga, ajudando-nos tão pouco. Mas quanto a mim, essa reportagem pecou por algumas falhas imperdoáveis.*

***Telejornal** — Já cá faltava a crítica malévola.*
*EU — Pronto, bicuaite!*
***Telejornal** — A gente não liga, mas gosta de saber. Diz lá.*
*EU — Em primeiro lugar, esqueceram-se de dizer que o responsável de tudo fora a Líbia.*

***Telejornal** — Como é que havíamos de saber, se a própria Embaixada americana se foi abaixo das canetas?*
*EU — Em segundo lugar, esqueceram-se de entrevistar o Marquês de Pombal.*

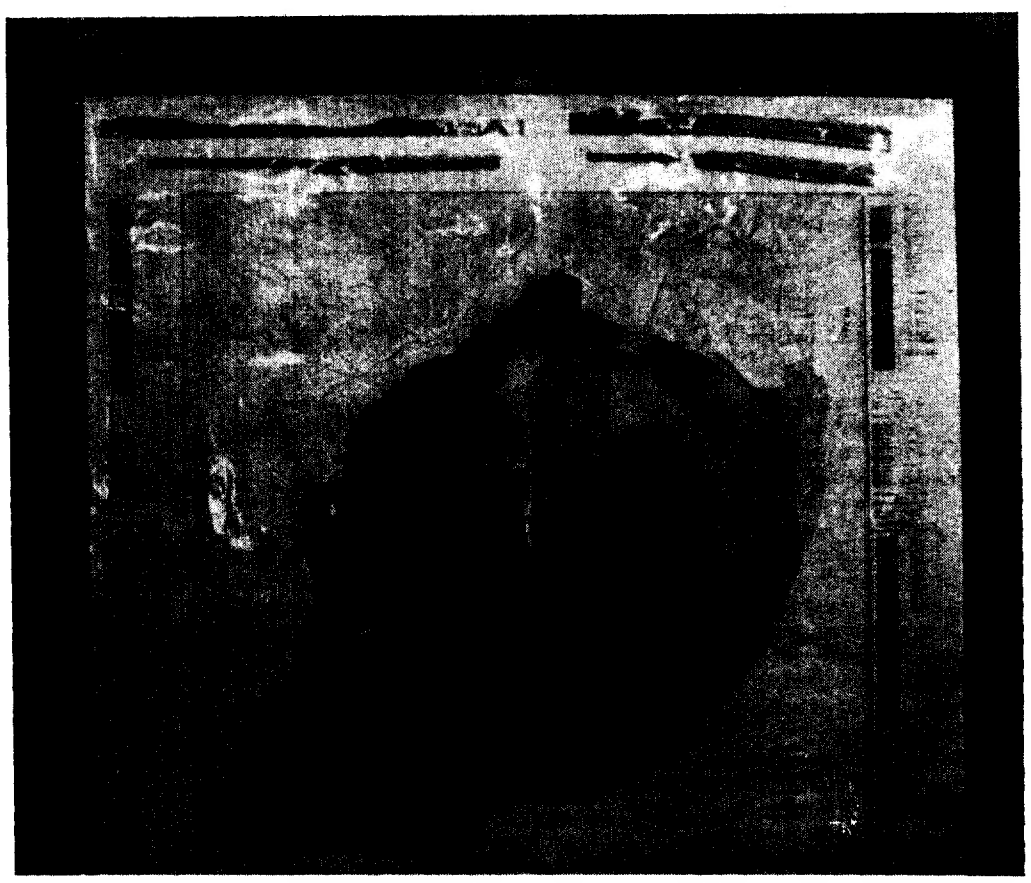
***Telejornal** — A culpa foi dele. Quando Joaquim Távora, o operador, chegou à porta do palácio, o Marquês mandou-lhe limpar o cebo. Já começava a andar obcecado com a perspectiva do atentado...*

*EU — Que tu havias de transmitir em directo.*
***Telejornal** — Claro. As nossas próximas actualidades focarão o incêndio de Alexandria, a degola dos inocentes, o sepultamento de Pompeia, o rapto das sabinas, a destruição de Sodoma e Gomorra, a prisão de Prometeu, acusado de espionagem pelos deuses, a favor dos homens. Transmitiremos igualmente em directo o debate entre um dinossauro e o José Miguel Júdice a propósito da actualidade dos conceitos da «esquerda democrática».*
*EU — Quanto ao dilúvio?*

***Telejornal** — Quanto a isso, chapéu. A câmara instalada na Arca avariou-se e ficámos sem imagens. Bem queria Deus que levássemos um par, como toda a gente, mas esta mania das economias...*

*Da Ponte 25 de Abril sobre o Tejo a Benfica*

# Carta geológica de Lisboa revela três novas falhas sísmicas



**A Carta Geológica do concelho de Lisboa, que esta manhã foi apresentada revela a existência de três novas falhas sísmicas, da Ponte 25 de Abril a Benfica passando pelo leito do Tejo, confirmando que a capital está assente numa zona geológicamente sensível.**

«Lisboa é um sítio onde, no conjunto, se tem de ter cuidado», declarou ao «DL» o engenheiro Fernando de Almeisa, sob cuja orientação foram, durante os últimos três anos, realizadas as 3.470 sondagens ao solo da capital, de que resultou a nova Carta Geológica.

«Para além dos novos acidentes, o estudo possibilitou uma melhor limitação das unidades geológicas», prosseguiu aquele técnico, o que, numa cidade cujo solo vai desde os areolos de Cabo Ruivo aos calcários da Musgueira, é de primordial importância.

E, se a falha na Ponte 25 de Abril foi detectada aquando das sondagens realizadas para a instalação dos pilares, facto que levou os técnicos americanos a encontrarem as soluções técnicas necessárias, os trabalhos realizados para a actualização do estudo geológico de Lisboa, que datavam de 1940, permitiram a localização de outros dois acidentes. «Um na Cruz da Pedra, passando por detrás do Hospital da Cruz Vermelha e perdendo-se na zona de Entrecampos, e outro no leito do Tejo, conhecido por falha do baixo Tejo», precisou o engº Fernando Almeida.

### Ponte não corre riscos

Tratando-se de uma matéria sensível à opinião pública, os técnicos presentes salientaram que a Ponte 25 de Abril não corre qualquer risco.

Por um lado, os técnicos encontraram as soluções para tornear o problema, e como destacou um dos investigadores ao «DL», o «facto da ponte ser suspensa dá liberdade á estrutura para se acomodar». Para os leitores mais cépticos a estas explicações, juntam-se os dados da experiência. «Já houve um grande sismo, em 1969, e a ponte continua lá», declarou o engº Fernando Almeida.

Por outro lado, prosseguiu aquele técnico, «há falhas com actividade e falhas sem actividade», embora o estudo que possibilite a diferenciação seja extremamente difícil de realizar.

A nova Carta Geológica de Lisboa possibilitou igualmente um estudo aprofundado do solo em que assenta a capital, na sua complexa diversidade de areolos, em Caibo Ruivo, calcários, na Musgueira, e argilas dos prazes e areias, do Vale de Chelas. Este levantamento é considerado muito importante, pois em caso de sismo, os técnicos estarão no futuro em condições de prever, pela primeira vez em termos científicos, quais as zonas mais perigosas da cidade.

Aliás, com base na nova Carta, estão a ser efectuados estudos de microzonagem do risco sísmico em Lisboa pelos especialistas do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Instituto Nacional de Metereologia e Geofisica.

A relatividade dos riscos foi tambem assinalada pelo director dos Serviços Geológicos que, em declarações à agência NP, sublinhou que tudo depende da qualidade das construções e da estrutura do terreno. Sabe-se que os terrenos soltos da baixa lisboeta, ou da zona de Chelas, por exemplo, são áreas onde o solo é mais «frágil», declarou Delfim Carvalho.

Segundo os serviços de geologia, o novo estudo vem tambem permirir aferir da vulnerabilidade da área de Lisboa às grandes cheias, para além de facilitar o planeamento da urbanização e minimizar custos e riscos nas fundações para a construção civil e na captação de águas subterrâneas.

### Algarve perde água

Juntamente com a Carta Geológica de Lisboa, os Serviços Geológicos apresentaram uma nova Carta Hidrológica do Algarve, onde se prova que milhares de metros cúbicos de água potável estão a perder-se para o mar pelo rio Arade, que desagua em Portimão.

«Em 1983, enquanto se assistia a uma baixa de nível assustadora na barragem de Silves, perdiam-se 6 metros cúbicos por segundo de águas subterrâneas provenientes do aquifero carbonatado a leste do rio Arade». concluiu o estudo realizado.

Por ano, segundo os mesmos cálculos, a perda representa 180 hectolitros cúbicos de água, o que dava para o abastecimento domiciliário da maioria da população algarvia.

Alertadas as autarquias, já se começou a aproveitar alguma ada água que desagua no rio Arade, que vem através de uma espécie de tubagem natural desde Nave do Barão, a norte de Loulé, a cerca de 15 quilómetros da costa.

O facto de não existir o perigo de invasão de água salina nos terrenos algarvios, excepto casos pontuais localizados em Tavira, Cabanas, Vila Real de Santo António e Montechoro, leva os técnicos a concluirem que, ao contrário do que tem sido afirmado, o Algarve não corre o perigo a curto ou médio prazo de desertificação».

## Português de 22 ofícios é deputado no Brasil

Já foi feirante, estivador e pedreiro, pela porta direita chutou a bola numa equipa de futebol, hoje é professor universitário e o candidato com mais simpatia no horário eleitoral da TV Globo.

Chama-se Nelson Ramos de Almeida, é emigrante no Rio de Janeiro e ninguém se admire se a Portugal chegar, um dia destes, a notícia de que é português um deputado brasileiro.

Simpatia entre os cariocas é coisa que não lhe falta e há quem atribua o afecto popular a um farto e erecto bigode e a uma cabeleira artisticamente despenteada.

Oficios já os teve mais de sete e da sua folha de serviços constam, pelo menos, 22 profissões.

Também foi equilibrista de circo e ilusionista — e agora prossegue a sua carreira na política.

*No Congresso que amanhã começa no Algarve*

# Rádios Locais contam "mágoas" a deputados

Representantes de todos os partidos políticos com assento parlamentar assistirão ao Congresso das Rádio Locais, que decorrerá em Vila Magna (Montechoro) de amanhã a domingo — disse um membro da organização.

Pina Cabral frisou que o Congresso — uma iniciativa da Rádio Solar, sediada em Vila Magna — tem assegurada a participação de cerca de uma centena de representantes de 50 rádios locais em funcionamento em diversos pontos do País.

Segundo o organizador, não se pretende que o Congresso sirva «como forma de pressão junto do Governo ou da Assembleia da República», mas, «apenas para esclarecer, para cada um expor os seus pontos de vista e talvez, criar uma nova luz sobre uma matéria não totalmente aclarada».

O diálogo franco e aberto é o objectivo do Congresso, acentuou Pina Cabral.

Os trabalhos, cuja sessão de abertura será presidida pelo antigo reitor da Universidade do Algarve, Gomes Guerreiro, contarão com a presença dos deputados Alexandre Manuel (PRD), presidente da subcomissão parlamentar para a Comunicação Social, Alexandre Mesquita (PSD), Jorge Lacão (PS), Costa Carvalho (PRD), Jorge Lemos (PCP), Abel Gomes Almeida (CDS) e João Corregedor da Fonseca (MDP/CDE).

Estão igualmente previstas as presenças de Luís Francisco Rebelo, Germano Furtado, Orlando Sousa Lopes e Paco Bandeira, todos da Sociedade Portuguesa de Autores, e do presidente da Câmara Municipal de Albufeira, Xavier Xufre.

«Os poderes constituintes e as rádios locais e o papel destas como órgão ao serviço das populações» serão temas a debater no decorrer do Congresso.

Os participantes abordarão também assuntos como os apoios financeiros e uma boa produção radiofónica, qualidade dos profissionais e legalização urgente das rádios mais e melhor apetrechadas.

# Encontro em Coimbra sobre insucesso no ensino

«Insucesso no ensino obrigatório: o como, o porquê e o futuro» é o tema de um encontro nacional que decorrerá no anfiteatro da Reitoria da Universidade de Coimbra, nos dias 23,24 e 25 de Março do próximo ano.

A iniciativa cabe ao Sindicato dos Professores da Região Centro, à Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente e ao Grupo Educação Nova.

O encontro conta já com a participação do ex-ministro da Educação, Fraústo da Silva, Maria José Rau (MEC), Odete Valente Amaral Dias, Eurico de Figueiredo, Santana Castilho e Lemos Pires.


EXCURSÕES

FERIADOS DE DEZEMBRO

AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.ª

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA
5 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

SEVILHA • TORREMOLINOS • CEUTA
4 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

TÂNGER • CEUTA
4 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

MADRID • VALE DOS CAÍDOS
4 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

SANTIAGO DE COMPOSTELA
3 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

SEVILHA • CÓRDOBA
3 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

MINHO • GERÊS • CANIÇADA
3 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

PEÇA OS NOSSOS PROGRAMAS
DE NATAL E FIM-DE-ANO
CEIAS ★ BAILES ★ RÉVEILLONS

Peça programas e informações na sua agência de viagens ou na

AVIC VIAGENS TURISMO

AV. 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
Telefones: 52 11 16 / 52 11 17 / 57 29 70

*II Congresso dos Jornalistas Portugueses*

# "Um exercício de liberdade e responsabilidade"

## — na opinião do presidente do Sindicato

«Um verdadeiro exercício de liberdade e responsabilidade» — assim classificou o presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Pedro Castanheira, o II Congresso dos Jornalistas Portugueses, ontem inaugurado na Fundação Gulbenkian pelo Presidente da República que, referindo-se ao tema fulcral do encontro, «A Deontologia», o adjectivou, na totalidade do seu discurso, como impulsionador da criatividade, pluralismo e diferença.

José Pedro Castanheira acrescentaria, na sua intervenção, que o objectivo do Congresso é «contribuir para criar as condições para que a informação em Portugal dê um salto qualitativo» em «benefício dos próprios jornalistas e da opinião pública».

Considerou JPC que o jornalismo que se pratica em Portugal «é capaz do melhor e do pior, mas, em termos médios, é insatisfatório», na sua opinião também por culpa dos jornalistas.

Pedro Castanheira referiu como algumas causas «erros involuntários ou opções deliberadas, leviandade ou irresponsbilidade, sectarismo ou intolerância, vaidade ou falta de humildade, ligeireza ou inexperiência, servilismo ou falta de coragem».

Para o presidente do SJ há, no entanto, outras dificuldades que se colocam «ao exercício de uma forma digna, livre e independente» da profissão de jornalista.

Citou, entre outras, «as eternas apetências dos diversos poderes» no sentido de «condicionar, senão mesmo limitar, a informação» — e uma opinião publica «fraca ou por vezes inexistente» que «não cumpre cabalmente a sua função de fomentadora da qualidade».

Ressalvou, no entanto, que o jornalismo português, não sendo satisfatório «também não se tem degradado», devendo-se isso à «difícil aprendizagem da liberdade de informação» desde 1974.

Para Pedro Castanheira é, inclusive, «mais difícil ser jornalista em regime de liberdade que sob a censura de um qualquer coronel».

### Para quando maturidade profissional?

Adelino Gomes, coordenador da Comissão Organizadora, afirmou que chegou a altura de os jornalistas olharem para si próprios, seus deveres, suas responsabilidades.

«É o tempo da maturidade cívica e profissional» — disse.

Lembrou depois que o 25 de Abril dissolveu os serviços oficiais de censura, mas que «os actos censórios de dentro e de fora das Redacções não terminaram na informação portuguesa».

Deu o seguinte exemplo:

«No dia em que tivermos a coragem de dizer 'O Primeiro-Ministro falou e não disse nada', 'O Presidente visitou e não há lugar para notícia', 'O Partido convocou uma conferência de Imprensa e nada acrescentou ao que já se sabia', 'O dirigente desportivo mentiu e vou provar como' — então, nesse dia, teremos conquistado a maioridade profissional.»

### Código Penal afecta a classe

Por sua vez, o presidente do Conselho Técnico e Deontológico do Sindicato dos Jornalistas afirmou que os jornalistas têm de combater disposições do novo código de processo penal que afectam o sigilo profissional da classe.

Jorge Wemans, na sua intervenção, apontou a necessidade de «abrir o estágio» aos maiores de 18 anos com, pelo menos, o décimo primeiro ano de escolaridade, tornar mais rigorosa a passagem da Carteira Profissional, mas acabar com a necessidade de existência de um contrato de trabalho para a sua atribuição.

Admitiu que o Conselho de Imprensa passe a ter a função de passar e revalidar os títulos provisórios e carteiras profissionais, já que o actual quadro (ser o Sindicato a emitir os títulos) pode suscitar problemas de constitucionalidade.

Mostrou-se favorável à manutenção das incompatibilidades no sentido da dignificação da profissão e da «distinção formal entre o jornalista, o publicista, o homem das relaçãoes públicas, o membro do Governo, o funcionário policial e o recruta».

### Intervenção do PRD

Costa Carvalho, jornalista e deputado do PRD, apresentou uma comunicação em que abordou as relações entre o Poder e a Comunicação Social.

Para Costa Carvalho, que ilustrou a sua comunicação com registos magnéticos, «as ditaduras tendem a sustentar a comunicação para resolverem a questão democrática de não haver comunicação» — e as democracias «propendem para um género de totalitarismo ao reivindicarem-se da liberdade exclusiva da suprema responsabilidade».

«O jornalista — concluiu — já foi, ao menos uma vez, um componente utilizado pelos sistemas políticos e, por vez, o político nem sempre conseguiu libertar-se de teias urdidas pela informação.»

Refira-se que ontem foram apresentadas 13 teses e comunicações sobre o tema «A Deontologia» — a que os trabalhos, que decorrem num dos aAuditórios da Fundação Gulbenkian, foram seguidos por cerca de três centenas de pessoas, entre elas uma centena de estudantes de Comunicação Social.

O Congresso, que termina no sábado, prossegue hoje de tarde com conferências de convidados estrangeiros e com a discussão da Deontologia no âmbito dos modos de exercício da profissão e práticas profissionais.

*Sistema Educativo*

# Comissão de Reforma anuncia acções

A realização de um seminário sobre o sucesso educativo, em Janeiro, e a elaboração de novas estruturas curriculares, são acções em estudo pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo, que deverá apresentar propostas num prazo de ano e meio.

Em conferência de Imprensa realizada ontem em Lisboa, a comissão de 11 membros, constituída há um ano, apresentou a evolução dos diversos estudos em curso, para a concretização do seu projecto global de actividades apresentado em Maio último.

Almeida Costa, actual coordenador da comissão (há rotatividade de seis em seis meses) explicou a metodologia seguida, baseada na constituição de grupos de trabalho e atribuição de estudos a instituições.

Habilitada financeiramente segundo o orçamento inerente ao Ministério da Educação, à comissão compete apresentar, depois de ponderados os estudos e análises em curso, propostas ao ministro da Educação que versem sobre a melhoria da qualidade do ensino, modernização da gestão do sistema e o fomento da criatividade e da inovação.

Assim, a comissão convidou o professor Fraústo da Silva para coordenar os trabalhos relativos à elaboração da estrutura dos planos curriculares dos diversos níveis de ensino.

Nesta perspectiva, prevê-se a redução de disciplinas em alguns casos e a introdução de outras mais adequadas, como por exemplo, nos Açores será natural a introdução curricular da disciplina de Vulcanologia.

Fraústo da Silva coordenará uma equipa de especialistas, entre os quais se encontram Marçal Grilo, Roberto Carneiro, Tavares Emídio e Cunha Antunes.

O seminário sobre sucesso educativo será organizado pelas universidades do Porto e do Minho e permitirá fazer-se uma radiografia do ensino a nível concelhio.

Também a Universidade de Évora tem em estudo a formação de actividades lectivas com carácter cultural e desportivo, ao nível dos ensinos preparatório e secundário.

Britaldo Rodrigues, anterior coordenador da CRSE, que apontou a necessidade — constante do projecto global de actividades — em rever o papel do Instituto Nacional de Investigação Científica, referiu que à medida que os relatórios sejam apresentados, a comissão tornará públicas as propostas que for formulando.

*Setúbal*

# Mulheres continuam a ser discriminadas

No concelho de Setúbal as mulheres continuam a ser alvo de discriminação e de exploração por parte de patrões sem escrúpulos.

A afirmação foi produzida ontem pela deputada do Partido Comunista Português, Odete Santos, numa conferência de Imprensa realizada num bar daquela cidade, no âmbito da conferência sobre a «Emancipação da Mulher». Estiveram também presentes os dirigentes comunistas concelhios José Carlos Sousa, Flora Cabrela, Regina Marques e Anita Ribeiro.

Segundo Odete Santos, «as mulheres não vão consentir que o ministro do Trabalho denuncie a convenção da OIT no que respeita ao trabalho nocturno e flexibilidade de horário de trabalho».

«A denúncia da Convenção da OIT é uma violência e expõe, de noite, as mulheres a constantes perigos, além de trazer problemas de desorganização familiar visto que não existem estruturas sociais de apoio» — acrescentou.

Flora Cabrela sublinhou que no distrito de Setúbal ainda existem discriminações, citando como exemplo o caso de uma trabalhadora da Cometna que ficou privada das regalias a que tinha direito por ter tido um filho e o de uma trabalhadora da Setenave que se profissionalizou como fresadora e que enfrentou por isso problemas difíceis no local de trabalho.

Por sua vez, Regina Marques, da Organização Regional de Setúbal, do PCP, denunciou o facto de o presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Mata Cáceres, ter mandado destruir na Praça do Brasil um mural artístico alusivo à conferência sobre a emancipação da mulher, comentando «é assim que a maioria PS/PSD da Câmara de Setúbal trata os direitos da mulher».

Odete Santos chamou ainda a atenção para o facto de numa altura em que a formação de mão-de-obra qualificada é tão urgente, o ministro do Trabalho vai inaugurar o Centro de Formação Profissional de Setúbal que abre com cursos de cabeleireiro e esteticista.

A deputada comunista comentou que se trata de uma «discriminação pois o Governo pretende obrigar as mulheres a profissões limitadas e tradicionais. É uma falta de respeito do Governo pelos trabalhadores».

*Estimativas do INE para 1986*

# Portugal só produz metade do trigo que consome

A produção de cereais em Portugal, aumentou, este ano sensivelmente em relação aos valores estimados, indicam novas estimativas das colheitas de cereais, ontem divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

A produção de trigo que deve atingir 463 mil toneladas, ultrapassou a do ano passado em 17 por cento e a da média do decénio em mais de um quinto, mas corresponderá apenas a metade do consumo anual.

Em contrapartida, os estragos provocados pela chuva fizeram baixar a produção de uva, prevendo-se que se atinjam valores 19 por cento mais baixos à do ano passado.

A chuva acima do normal, registada no mês de Setembro, provocou o apodrecimento de alguns produtos - como foi o caso da uva, tomate e figo - embora tenha beneficiado as culturas hortícolas, forrageiras e as pastagens, bem como a preparação de terras para o próximo ano. A produção de azeitona beneficiou também dessas condições meteorológicas, prevendo-se uma colheita superior em um quinto à do ano passado.

Retirando o caso das culturas forrageiras com aumento estimado superior a 20 por cento, prevê-se que a produção de batata, tomate, e grão de bico diminuirá, em média, 10 por cento e a de centeio cerca de 4 por cento. Os valores da produção de milho e feijão de sequeiro prevê-se que não atinjam os registados em 1985.

A produção de maçã e de pera de outono registarão decréscimos de 16 e 7 por cento, respectivamente, tendo o figo se perdido quase totalmente devido à chuva verificada. Estima-se que a produção de arroz mantenha o valor do ano passado.

### Instituto do vinho

O secretário de Estado da Alimentação, Amaro de Matos, deu ontem posse à direcção do Instituto da Vinha e do Vinho que, nas palavras do seu presidente, Luís Cardoso, permitirá a harmonização entre a produção e o comércio dos vinhos em Portugal.

Amaro de Matos anunciou que serão criadas cerca de três dezenas de regiões demarcadas, juntando-se à dezena já existente. As áreas demarcadas, para produção de vinhos de alta qualidade, passarão a abranger cerca de 80 por cento da área cultivada com vinha, sendo criadas, no prazo de seis meses, comissões que regulamentarão a qualidade dos vinhos.

Luís Cardoso afirmou ter o Instituto, como meta a atingir, a existência de um mercado «fluído, livre e de sã concorrência» e que será proposto ao Governo rotulagem clara dos vinhos para impedir o uso de designações abusivas.

# 24 HORAS

## Parlamento Europeu discute poluição

O Parlamento Europeu anunciou ontem que vai efectuar um debate de emergência sobre a vaga de lixo tóxico que invadiu o Reno depois de um incêndio numa fábrica suiça de produtos quimicos, a Sandoz. Entretanto, um jornal suico e a televisão helvética receberam um telefonema onde um alegado membro do movimento extremista alemão-federal «Fracção do Exército Vermelho» reivindicou em nome da organização o incêndio da empresa Sandoz.

## Mitterrand critica visita de Savimbi

O presidente François Miterrand criticou ontem um ministro francês que se encontrou com o lider da Unita, Jonas Savimbi, quando da deslocacão particular que este efectuou a Paris, no mês passado. Numa entrevista à Rádio France Internacionale, Miterrand afirmou: «é lamentável que Savimbi tenha vindo a Paris e tenha mantido contactos políticos, particularmente com um membro do governo». O presidente referia-se ao ministro francês da Cultura, François Leotard.

## Conversações de Genebra adiadas

Os Estados Unidos e a União Soviética adiaram até ao próximo ano as negociações de Genebra sobre armas nucleares e espaciais. O chefe da delegação norte-americana, Max Kampelman, revelou que «chegaram a um amplo acordo em várias áreas, mas as divergências permanecem noutras». Por sua vez, o chefe da delegação soviética, Viktor Karpov, deu ênfase às divergências existentes: «o principal problema continua a ser a área das armas espaciais»,explicou.

## Greve de funcionários da NATO

Funcionários civis de bases da Aliança Atlântica instaladas na Alemanha Federal fizeram ontem greve para reivindicar melhores vencimentos e condições de trabalho. Cerca de 10.000 trabalhadores, segundo a Federação alemã dos Trabalhadores de Serviços Públicos e Transportes, aderiram à greve, que desde segunda-feira se estendeu das instalações da NATO nos Estados Unidos para bases na Grã-Bretanha, França e Bélgica.

## Naufrágio ao largo de Gonave

Pelo menos 132 pessoas desapareceram no mar, depois do ferry-boat onde seguiam ter naufragado ao largo da ilha de Gonave, disseram hoje fontes oficiais haitianas. O director do Serviço Nacional de Socorros disse terem sobrevivido 19 pessoas do ferry-boat «Oklele» que se afundou quando, na noite de terça-feira, seguia do porto de Montrouis para a ilha de Gonave. O barco ia superlotado e receia-se que não haja mais sobreviventes entre os 250 passageiros. Até ao momento foram recuperados 20 cadáveres.

## Movimento "alternativo" ao PAIGC

Um grupo de guineenses residentes em Portugal apresentou ontem, num hotel de Lisboa, o movimento político «Resistência da Guiné-Bissau», que se afirma como alternatica ao PAIGC. Num texto distribuido à imprensa, afirma-se que o movimento tem por finalidade «a luta pela criação de um Estado laico, inspirados em valores do Estado de direito democrático, estruturado sobre os princípios da soberania do povo, da democracia pluralista».

## Eleições gerais no Brasil

A campanha para as eleições gerais brasileiras de sábado terminou ontem em todo o país. Setenta milhões de brasileiros, incluindo pela primeira vez os analfaberos, serão chamados às urnas para eleger gobernadores nos 23 Estados, 487 deputados e 72 senadores-que se reunirão a partir de 1 de Fevereiro para a elaboração de uma nova Constituição-além de deputados estaduais.

## Exéquias de Molotov

O ex-ministro dos Negócios Estangeiros da URSS, Molotov, falecido no passado sábado, foi ontem sepultado no cemitério do novo Mosteiro das Virgens, em Moscovo. Participaram nas exéquias cerca de 400 pessoas, entre as quais numerosos elementos das Forças Armadas, mas, segundo observadores da cerimónia, foi notória a ausência de altas individualidades soviéticas.

# Reagan admite contactos secretos com o Irão

**O presidente Ronald Reagan admitiu que os Estados Unidos enviaram equipamento militar para o Irão, numa tentativa de estabelecer relações com elementos moderados do governo de Teerão. A informação foi revelada por dois jornais norte-americanos ao mesmo tempo que o representante iraniano na ONU negava qualquer acordo do seu país com Washington.**

O «Washington Post » e o «New York Times» revelavam nas suas edicões de hoje que as afirmações de Reagan tinham sido feitas num encontro à porta-fechada entre o presidente e lideres do Congresso, realizado na quarta-feira.

Reagan teria dito na reunião, segundo as fontes do «New York Times», que os Estados Unidos cometeriam um erro se o ayatollah Khomeini morresse e não preparasse contactos com o futuro regime.

«As armas são necessárias para isso», comentou o presidente.

O mesmo jornal referiu ainda que Reagan considerou necessárias negiciações secretas com o Irão para garantir a libertação de refens norte-americanos no Líbano.

Por seu turno, o «Washington Post» salientou que a operação secreta de envio de armas para o Irão provocou uma troca de palavras azedas entre o chefe de gabinete da Casa Branca, Donald Regan, e o conselheiro de Segurança, John Poindexter.

Por seu lado, o representante iraniano na Assembleia Geral da ONU negou que Teerão estivesse envolvido em qualquer acordo com Washington para o fornecimento de armas em troca da libertação de reféns norte-americanos detidos no Líbano.

Contudo, admitiu que o Irão recebeu armas nòrte-americanas, mas compradas ainda sob o regime do Xá.

### De Itália a Espanha

Entretanto, na Suécia, o presidente do Sindicato dinamarquês da Marinha Mercante, Preben Moelier, afirmou a um jornal de Estocolmo que seis ou sete carregamentos de armas de fabrico norte-americano tinham já sido secretamente enviados para o Irão, a bordo de embarcações dinamarquesas.

De acordo com esta fonte, as armas foram embarcadas no porto italiano de Talamone, no porto grego de Piréus e em Israel, na localidade de Elat. Segundo as afirmações de Moeller, os cinco barcos dinamarqueses estão agora ao largo da costa esopanhola, provavelmente aguardando mais armas provenientes das bases dos Estados Unidos naquele país.

### «Envolvimento» de Roma

As afirmações do presidente do Sindicato dinamarquês da Marinha Mercante levaram deputados italianos do grupo comunista, radical e democrata proletário a acusarem o governo de Roma de ser cumplice dos Estados Unidos na operação de vendas secretas de armas para o Irão.

Os deputados acusam o governo de ter violado o embargo, por ele próprio decretado, das vendas de armas ao Irão, não só «fechando os olhos» às operações secretas entre os Estados Unidos e o Irão, como autorizando «empresas italianas a continuarem a vender armas ao regime de Khomeini e ao Iraque».

A polémica em torno da «moeda de troca» para a libertação de reféns também se faz sentir em França, onde a imprensa se congratulava com o regresso de dois reféns do Líbano, mas perguntava quanto é que a França terá de pagar para conseguir a libertação de outros sies cativos.

# Rumores de golpe continuam nas Filipinas

A segurança foi ontem reforçada em redor das estações de rádio e televisão em Manila, enquanto persistem rumores de que os militares filipinos descontentes preparam um golpe de estado.

Fontes governamentais referiram-se a cenas de pânico em Manila, onde numerosas pessoas afluiram às lojas e supermercados para açambarcar alimentos.

O receio de um golpe de estado tornou-se maior depois que a presidente Corazon Aquino partiu segunda-feira para uma visita de quatro dias a Tóquio, estando o seu regresso a Manila prebisto para hoje.

Soldados fortemente armados foram vistos a patrulhar estações de rádio e televisão. Informadores governamentais salientaram que aquelas instalações são zonas vitais que foram colocadas sob intensa vigilância.

*Patrulhas militares perto do palácio presidencial em Mannila*

Antes de partir para o Japão, Cory Aquino advertiu que poderia chamar os seus partidários para a rua se os militares descontentes tentassem tomar o poder pela força. O principal opositor de Aquino é o ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile que, no entanto, não dispõe de grande influência junto das Forças Armadas.

Estas são de facto controladas pelo seu chefe de Estado Maior, general Fidel Ramos, um homem que não tolerará qualeure cedência do governo à guerrilha comunista.

Ramos afirmou na terça-feira que os comunistas envolvidos há 17 anos na guerrilha não são sinceros quando afirmam pretender tréguas e ordenou uma ofensiva contra os rebeldes em duas regiões.

Entretanto, foi hoje anunciado em Manila que um destacado dirigente político de esquerda filipino, Rolando Olalia, conotado com o Partido Comunista, desapereceu. O anúncio foi feito pela sua mulher que afirmou recear que ele tinha sido raptado.

***A notícia foi dada pela televisão sul-africana***

# Maputo desmente prisão de controladores aéreos

O governo moçambicano desmentiu que controladores aéreos do aeroporto de Maputo tivessem sido presos, na sequência do acidente que provocou a morte do presidente Samora Machel. A televisão sul-africana tinha ontem anunciado que diversos controladores aéreos, em serviço no dia da morte de Machel, tinham sido detidos.

A televisão citava «duas informações independentes mas ainda por confirmar» oriundas de Maputo, como dizendo que alguns elementos das equipa a trabalahar na torre de controlo tinham sido detidos a semana passada.

No seu serviço noticioso, a televisão estatal sul-africana adiantava que a informação sobre a prisão dos controladores de tráfego aéreo se «seguiu a certas acusações sobre determinado equipamento de comunicações no aeroporto de Maputo, necessário para estabelecer contacto em períodos de más condições atmosféricas, não estar a funcionar na altura do acidente» que provocou a morte de Machel e de outras 33 pessoas.

Entretanto, uma fonte oficial da aviação civil soviética indicou que Moscovo suspeita do envolvimento sul-africano na morte do presidente Samora Machel.

O vice-ministro soviético da Aviação Civil, Ivan Vasin, disse em conferência de imprensa que o avião em que seguia Machel foi desviado da sua rota normal. «A única conclusão que se pode tirar é que uma poderosa estação de rádio sul-africana que atinge a frequência de rádio do aeroporto de Maputo desviou o avião do seu trajecto habitual e levou-o a embater nas montanhas», disse Vasin.

O vice-ministro adiantou que só será possível saber o que de facto aconteceu se forem ouvidos os registos das caixas negras do avião na posse das autoridades sul-africanas. O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, anunciou recentemente que o seu governo decidira fornecer à União Soviética uma das caixas negras do Tupolev onde viajava o presidente moçambicanao, para que seja descodificado o conteúdo das gravações do voo.

# O BRASIL VAI ÀS URNAS

O Brasil vai no sábado às urnas. Cerca de 69 milhões de brasileiros culminam, assim, dois meses de campanha intensa, elegendo 23 governadores dos Estados da Federação, milhares de deputados estaduais, os 487 membros da Câmara Federal de Deputados e dois terços (72 senadores) do Senado da República.

A Câmara Federal e o Senado constituirão o Congresso Constituinte a quem vai ser cometida a tarefa de elaborar e aprovar a Magna Carta que, se espera, enterre de vez o fantasma da ditadura e dos seus actos institucionais.

Trata-se, para este país de 130 milhões de habitantes, gigante do subcontinente sul americano, de dar, a 15 de Novembro, o passo fundamental a caminho da democracia plena, no trilho aberto pela eleição indirecta de Tancredo Neves para a Presidência da República.

Essa eleição de Tancredo Neves, a cargo ainda das reminiscências do regime militar e dos resistentes clássicos à ditadura, quebra ra a lógica dos militares e abrirá a via dos votos, segundo a lógica parlamentar.

As eleições do próximo sábado já obedecem a outras regras que não as dos militare, só faltando saber se o personalismo que dominou a campanha, com o seu cortejo de clientelismo e a influência dos cabos eleitorais, não subverterá à nascença uma jornada antecipadamente cantada no Brasil como exaltação da democracia e da maturidade cívica do País.

*S. Paulo é palco da mais animada das pelejas eleitorais com Orestes Quércia, candidato do PMDB, atacado à direita por Paulo Maluf e ultrapassado à esquerda pelo patrão dos patrões, o empresário António Ermírio, neto de portugueses. Nas fotos, Ermírio com um dos seus apoiantes mais conhecidos, o cantor Roberto Carlos, Maluf, tentando conquistar os votos da colónia japonesa, e Quércia, em campanha.*

# Um teste à resistência do PMDB nos Estados principais

Daniel Reis

**Pela primeira vez após a queda da ditadura, 69 milhões de eleitores votam no próximo sábado para a Constituinte, as Assembleias estaduais e Governadores dos 23 Estados**

Cantores, artistas de telenovela, dirigentes do futebol (quase toda a Direcção da Federação de S. Paulo se candidatou a cargos diversos, em agrupamentos políticos de direita) e também muitos jornalistas (há cronistas desportivos, com colunas prestigiadas nos principais jornais que se apresentaram como candidatos ou apoiantes de partidos de matriz socialista e comunista), toda a gente se envolveu na campanha.

As sessões obrigatórias de propaganda eleitoral na Televisão, em todas as cadeias, simultaneamente, em dose de cavalo, já terminaram e o povo brasileiro pôde voltar ao seu ópio preferido depois do futebol, a telenovela da hora do jantar.

Mas depois destes dois meses de propaganda, com a corrida às urnas que no próximo sábado mobilizará 69 milhões de eleitores numa população de 130 milhões de pessoas, o Brasil não será o mesmo.

O fantasma da ditadura prepara-se para ser enterrado e a democracia para ser restabelecida em pleno, após 22 anos de silêncio e clandestinidade.

## Força implantada a nível nacional

O que está em jogo nestas eleições é a capacidade da velha oposição unida no Movimento Democrático Brasileiro resistir à sua própria desagregação (vários dos 16 partidos concorrentes à eleições foram criados por dissidentes da frente unitária de oposição) e ao cerco movido por ex-dignitários da ditadura, por líderes políticos tradicionais, cassados e exilados no regime militar, e por alguns barões da indústria e dos negócios subitamente despertos nos seus apetites políticos.

Nas eleições limitadas dos últimos anos do regime militar, o movimento democrático só foi autorizado a concorrer como partido, tomando o nome de Partido do Movimento Democrático Brasileiro, com a sigla PMDB.

Era e é chefiado por um político da velha escola, presidente da Câmara dos Deputados, Ulisses Guimarães. Foi a trave mestra da Aliança Democrática que alçou Tancredo Neves, por eleições indirectas no Congresso, à Presidência. Ulisses Guimarães, com o respaldo do PMDB, então inteiramente unido em torno do essencial, impôs aos militares a sucessão de Tancredo pelo seu vice, o actual presidente José Sarney. Aí se desobstruiu o caminho para as eleições, que institucionalizarão a democracia.

O PMDB implantou-se por todo o país e é hoje o mais organizado dos partidos, o único aliás que adoptou o modelo organizativo dos grandes partidos nacionais, na tradição das democracias europeias. Está ainda no poder, através da contribuição determinante para a manutenção do frágil equilíbrio do regime simbolizado no presidente Sarney.

*O sociólogo Darcy Ribeiro, candidato do Partido Democrático Trabal na foto, distribuindo cumprimentos com a protecção do governador L -se no Rio de Janeiro com Moreira Franco, do PMDB, e a crítica exercida pelos amigos dos socialistas portugueses*

Esta força política, que já vem de há décadas e assenta em raízes de alguma solidez, não sofre contestação global. Dizem as sondagens, unanimemente, e observadores nacionais e internacionais da política brasileira que o PMDB deve conquistar a maioria absoluta na Constituinte, podendo ir até 60 por cento, e eleger uns 15 a 16 governadores nos 23 Estados da Federação.

Mas o PMDB está a ser alvo de um cerco poderoso nos Estados principais, nomeado S. Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro onde se concentram os círculos eleitorais mais populosos. Esse cerco, nalguns sítios, é de dissidentes do PMDB. Torna-se persistente noutros, quando é personalizado em políticos clássicos com audiência ganha no período democrático anterior à ditadura.

Dispõe de meios e dinheiro quando os adversários são modernos cabos políticos apoiados na grande finança e nas multinacionais que controlam a economia brasileira.

*Miguel Arraes, uma lenda viva da política brasileira apresenta-se à eleição para governador do Estado de Pernambuco sob a sigla do Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Mas as suas alianças à direita estão a custar-lhe muitos votos tornando as eleições de sábado, dia 15, uma grande incógnita.*

## Governadores: 15 prováveis para o PMDB

| | |
|---|---|
| Rio Grande do Sul | PEDRO SIMON |
| Parana | ÁLVARO DIAS |
| Goiás | HENRIQUE SANTILLO |
| Santa Catarina | PEDRO IVO CAMPOS |
| Bahia | WALDIR PIRES |
| Ceará | TASSO JEREISSATI |
| Paraíba | TARCISIO BURITY |
| Rondônia | JERÓNIMO SANTOS |
| Mato Grosso do Norte | CARLOS BEZERRA |
| Alagoas | FERNANDO COLLOR DE MELLO |
| Pará | HÉLIO GUEIROS |
| Acre | FLÁVIO MELO |
| Maranhão | EPITÁCIO CAFETEIRA |
| Mato Grosso do Sul | MARCELO MIRANDA |
| Amazonas | AMAZONINO MENDES |

## Sondagens alimentam dúvidas até à última hora

**S. Paulo** — António Ermírio Morais (PTB), 33%; Paulo Maluf (PDF/PFL), 29%; Orestes Quércia (PMDB), 18%.

**Rio de Janeiro** — Moreira Franco (PMDB), 21%; Darcy Ribeiro (PDT), 13%.

**Minas Gerais** — Itamar Franco (PL), 33%; Newton Cardoso (PMDB), 29%.

**Pernambuco** — Miguel Arraes (PMDB), 42%; José Múcio (PFL/PDS), 39%.

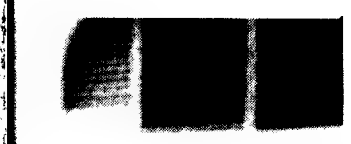
**Rio Grande do Norte** — João Faustino (PDS/PFL/PTB), 42%; Geraldo José de Mello (PMDB), 38%.

**Espírito Santo** — Élcio Álvares (PFL), 41%; Max Mauro (PMDB), 32%.

**Sergipe** — Carlos Valadares (PFL), 32%; José Carlos Teixeira (PMDB), 31%.

**Piaui** — Alberto Silva (PFL), 43%; Freitas Neto (PMDB), 34%.

# DB



*rabalhista (em primeiro plano dor Leonel Brizola), defronta- ríticas à administração local*

### À procura de uma chapa

Aliás, as eleições realizam-se sob uma base partidária falsa. Poucos são os partidos que comandaram de facto a indicação dos seus candidatos aos diversos cargos em jogo neste domingo.

Sobretudo nos grandes centros populacionais, onde os «mass media» gozam de uma penetração avassaladora e determinante nos comportamentos individuais, surgiu uma imensidão de indivíduos à procura de uma chapa (ou sigla partidária) para poderem concorrer às eleições.

No Brasil, tal como de resto na maior parte dos países de democracia consolidada, não são admitidas as candidaturas pessoais e individuais. O voto é vinculativo nos partidos, independentemente dos homens por eles indicados para as listas.

Com excepção do PMDB, ε nível nacional, do PDT, de Leonel Brizzola, no Rio de Janeiro. e uns tantos partidos noutros Estados, quem comanda, de facto. as eleições são as individualidades. Os partidos que representam forneceram-lhes a chapa e têm de moldar-se ao jeito e às propostas políticas dos candidatos.

E se na eleição para governadores de Estado essas individualidades são mais facilmente referenciáveis, até porque tiveram que dar a cara e alimentar uma campanha eleitoral personalizadíssima durante dois meses e tal, já para as assembleias legislativas estaduais, ou para a própria Constituinte, o jogo é muito arriscado devido à pulverização de partidos e à forma de indicação dos candidatos.

Ouvimos no Brasil, em fins de Setembro, avisos múltiplos de advertência contra o risco de a Constituinte ser minada do interior por homens de mão das multinacionais, da banca, dos latifundiários e do capital estrangeiro alçados à condição de deputados por partidos com os quais politicamente nada têm a ver, para além de lhes terem «comprado» a chapa que dá passe livre de acesso, no próximo domingo, aos votos dos eleitores.

A tal ponto vai este risco que um membro do directório do PMDB, o ministro Dante Oliveira, afirmou estar em curso **um jogo individual de interesses** que pode transformar a Assembleia Constituinte **num desastre.**

### O dissidente de Minas

Uma das mais graves dissidências no interior do PMDB deu-se em Minas Gerais, o Estado-natal do defunto presidente Tancredo Neves e tradicional produtor das elites políticas do país.

Minas é o terceiro circulo nacional quanto ao número de eleitores e o dissidente chama-se Itamar Franco. Ele é senador pelo PMDB, mas decidiu apresentar a sua candidatura a governador contra a opinião dos dirigentes locais do partido.

Itamar arrancou com a «chapa» do Partido Liberal, mas posteriormente reuniu apoios numerosos, da direita e da esquerda, onde avultam o PFL, poderosa organização concorrente do PMDB. Tem atrás de si os votos do Partido Comunista do Brasil e do Partido Democrático Trabalhista, de Leonel Brizola.

As divisões no PMDB retardaram a afirmação das possibilidades do seu candidato oficial, Newton Cardoso. Só o apoio tardiamente expresso do governador Hélio Garcia, que também é do PMDB, fez Cardoso recuperar espaço. Nas vésperas das eleições ele surge a par com Itamar Franco nas indicações de voto.

### Brizola e o seu vice

No Rio de Janeiro, a guerra é outra e coloca frente a frente, abertamente, o candidato do governador Brizola, Darcy Ribeiro, e o PMDB, com Moreira Franco.

Darcy Ribeiro é um sociólogo de prestígio internacional, consultor de diversas universidades e com imensas obras publicadas noutros países, nomeadamente sobre os índios brasileiros.

Ele esteve exilado na Europa durante a ditadura e é tido por pessoa com méritos pessoais incontestados. Simplesmente, é capaz de pagar os custos da ruinosa administração de Brizola, de quem, aliás, é vice-governador, e que tem sido muito criticada, particularmente no campo da violência e do banditismo, que não reprimiu como lhe pedem.

O Rio está a perder importância económica no quadro da Federação e essa perda acentuou-se durante o governo de Brizola. Além disso, à direita e à esquerda, Darcy é acusado de gozar do apoio financeiro dos corretores do ilegal «jogo do bicho». Os banqueiros do «bicho» têm usufruído de impunidade tácita e agora retribuem. Um encontro deles com Darcy Ribeiro, numa churrascaria, transformou-se em autêntico escândalo nacional, ampliado pelos poderosos grupos da Comunicação Social que se lhe opõem, em particular as organizações Globo, de quem Leonel Brizola é o inimigo principal.

O candidato do PMDB, que se apresenta com a chapa da Aliança Popular Democrática, centrou a sua campanha em torno da violência e do banditismo no Rio, privilegiando nos volantes de propaganda a afirmação de que «nunca a cidade esteve tão abandonada» e que «a população está alarmada e à mercê do bandistismo».

As sondagens dão 21/13 para o PMDB e o PDT e a menos que os indecisos provoquem a reviravolta — e são muitos — Moreira Franco dispõe de oportunidades excelentes de ganhar o governo do Estado do Rio de Janeiro.

Apesar do peso histórico de um líder como Brizola, candidato às eleições presidenciais e que foi governador de Estado antes da ditadura (Brizola é o aliado brasileiro dos socialistas portugueses), Darcy Ribeiro parece condenado à derrota nas urnas.

## Os "mimos" da campanha

*«O povo está pedindo o casamento do PMDB com António Ermírio de Moraes».* **(José Storópoli, vice-líder do Partido do Movimento Democrático Brasileiro em S. Paulo).**

• • •

*«O PMDB está sendo comido pela borda e a coisa está muito complicada»* **(Deputado Francisco Amaral, coordenador da bancada do PMDB paulista na Câmara).**

• • •

*«Enfrentamos uma campanha de milionários que querem comprar o governo de S. Paulo com milhões de dólares jogados na rua. E não tem diferença entre um e outro (Maluf e Ermírio) pois enquanto estávamos lutando contra a ditadura, endurecendo o jogo em benefício do trabalhador e da agricultura, estes dois ricos estavam afastados das reivindicações do povo, ficando mais milionários à custa do sacrifício do povo»* **(Orestes Quércia, candidato do PMDB ao governo de S. Paulo).**

• • •

*«Quércia é um ignorante, não sabe de nada, é um tonto, desonesto, sem vergonha, retardado mental, gatuno, seu lugar é na cadeia. Além de que é desmunhecado»* **(António Ermírio, em resposta ao seu rival do PMDB para governador de S. Paulo).**

• • •

*«Pena de morte é um dos compromissos de Amaral Neto. Quem tem a certeza de morrer, perde a vontade de matar»* **(propaganda de um candidato do Rio a deputado federal).**

• • •

*«O ministro da Justiça troca de chapéu todo o dia porque não consegue trocar de cabeça. Neste momento acusa um candidato do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, de ter o apoio dos banqueiros de bicho (corretores do jogo ilegal) enquanto o candidato do ministro tem o apoio dos banqueiros só»* **(Fernando Gabeira, candidato do Partido Trabalhista a governador do Rio de Janeiro).**

### O «bom patrão» de S. Paulo

No Estado de S. Paulo, o mais populoso (30 milhões de habitantes), o mais rico e industrializado (com um PIB superior ao resto do país), a locomotiva económica do Brasil, trava-se uma das mais interessantes batalhas nestas eleições.

Para além da candidatura de Eduardo Suplicy, um intelectual de famílias-bem que se apresenta em nome do PT, o partido dos trabalhadores da cintura industrial e dos sindicalistas, perfilam-se três máquinas de guerra na luta pela conquista do palácio do governador.

Uma é a estrutura organizativa do PMDB, em apoio a Orestes Quércia, ex-prefeito de Campinas, segunda cidade do Estado, e que conta com vozes tão fortes como a do governador Franco Montoro e a do presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, deputado por este Estado.

Outra é a do derrotado rival de Tancredo à Presidência, Paulo Salim Maluf, que concorre à frente de uma coligação de direita. Integram essa coligação ex-políticos da Arena, o partido suporte da ditadura e Maluf concorre em nome do PDS-Partido Democrático Social.

Entre as duas, mas contando com a simpatia declarada de muitos dissidentes do PMDB, nomeadamente de intelectuais, como é o caso da portuguesa Ruth Escobar, situa-se o empresário António Ermínio de Morais.

Durante muito tempo, Ermírio parecia imbatível, numa campanha onde gastou sem olhar a meios e o apresentava como já vitoriosa, até pelos «media» mais conservadores. Ele é o «patrão dos patrões» e foi eleito pela oitava vez consecutiva como «empresário do ano», graças aos êxitos do seu grupo Votorantim, o maior congelamento económico privado brasileiro. Apresenta-se como o «bom patrão», liberal, democrata e privado brasileiro, imbuido de preocupações sociais. Começou por atacar as posições de Quércia pela esquerda e levou a divisão ao interior do PMDB sobre as vantagens da continuação do apoio oficial a Orestes Quércia.

Essas divisões foram, entretanto, vencidas e, embora Ermírio continue favorito, Quércia recuperou terreno, em termos de se manter a dúvida até domingo, com Salim Maluf também ainda não derrotado.

O empresário António Ermírio é neto de um português, António Pereira Inácio, fundador, aliás, da maior parte das empresas que tornaram super-rico o candidato. Ele foi, até há pouco tempo, presidente da Beneficência Portuguesa de S. Paulo, proprietária do melhor hospital do Brasil.

# Ciesa-NCK cria Comité Executivo

A agência de publicidade **Ciesa-NCK** acaba de criar um **comité executivo** a fim de formalizar a participação dos quadros superiores nas decisões tomadas pela empresa. Esta medida coincide com uma fase de reestruturação interna que temlevado à melhoria da operacionalidade nas relações com os clientes.

**Adelino Baptista da Cruz,** um dos mais experientes e respeitados técnicos do nosso país, ingressou agora na Ciesa-NCK, tendo ficado a dirigir as duas contas com maior facturação.A agência passou também a contar com a colaboração de **Duarte Forjaz,** um licenciado em gestão com experiência no marketing de empresas que se tornou num dos mais jovens directores de contas da publicidade portuguesa.

Os dois novos elementos fazem parte do recém-criado comité executivo, assim como a directora de contas **Manuela Serrão,** os directores criativos **Luísa Malaquias** e **Guilherme Prospéri,** o director de produção **Hélder José,** a directora financeira **Maria Adelaide Granadeiro,** e a directora de «media» **Irene de Almeida.** Na primeira reunião do comité participaram ainda os directores-gerais adjuntos **José Valgôde** e **Dário Vidal.**

Segundo a **Sabatina,** empresa especializada no controlo de meios, a **Ciesa-NCK** é a agência que mais tem facturado, neste ano, na publicidade da TV, Rádio e Imprensa.

Com 27 anos de actividade e uma facturação anual superior a um milhão e quinhentos mil contos (1986), esta agência de serviço completo é um dos gigantes da publicidade nacional. Neste momento, vive uma fase de reforço da organização e de aquisição de quadros jovens para os seus departamentos de contacto e criativo.

## A J.Walter Thompson apoia ensino universitário em Portugal

Numa perspectiva de âmbito cultural e para celebrar a inauguração oficial da sua sede em Lisboa, no passado dia 13 de Outubro, na Torre 2-15.º piso das Amoreiras, a JWT ofereceu uma bolsa de estudo ao **melhor aluno** do 4.º ano do curso de Comunicação Social da Universidade Técnica de Lisboa.

A foto mostra, da esquerda para a direita, o sr. Denis Lanigan, vice-chairman e CEO da **J. Walter Thompson Company, o professor-doutor José Júlio Gonçalves da Universidade Técnica de Lisboa, o sr. Robert Ouseley, presidente e CEO da J. Walter Thompson Publicidade, Lda. e o sr. Jack Cronin**, vice-chairman da J. Walter Thompson Company, na cerimónia da entrega do diploma.

# Inaugurado em S.Paulo o Centro de Turismo de Portugal no Brasil

Depois de ter sido encerrado em 1982, foi reaberto no passado dia 6, em **S. Paulo,** o **Centro de Turismo de Portugal no Brasil,** que agora passa a ter uma ampla actuação, não só no mercado brasileiro, mas também nos restantes países da América do Sul. Para realçar a importância desta iniciativa que se inclui no programa do actual Governo na área do Turismo, deslocou-se propositadamente a S. Paulo o **dr. Licínio Cunha.**

No acto inaugural, que contou com a presença do **Secretário de Estado do Turismo de São Paulo,** do **presidente da Embratur** e do **presidente da Bahitursa,** além dos principais operadores turísticos daquela cidade, o **Secretário de Estado do Turismo** sublinhou a importância do mercado brasileiro como centro emissor de correntes turísticas para Portugal, destacando também o facto de a reabertura do **Centro** contribuir para o reforço das relações culturais e históricas entre os dois países irmãos.

De acordo com as afirmações do **dr. Licínio Cunha,** o Brasil será, dentro de alguns anos, o décimo quarto consumidor mundial de turismo, não se compreendendo que Portugal abandonasse este mercado numa altura em que começam a ser muito significativas as correntes turísticas brasileiras para o nosso país. Este ano as entradas de visitantes brasileiros para Portugal já bateram todos os recordes do passado, tendo-se registado um aumento de 23%, taxa de crescimento que ultrapassa as verificadas em relação aos principais mercados fornecedores de turismo para Portugal.

Na oportunidade, **Licínio Cunha** acentuou o facto de a política de turismo definida pelo Governo privilegiar um desenvolvimento de qualidade, afirmando que terão de ser criados produtos específicos para o mercado brasileiro que correspondam às suas reais preferências e alargada a acção promocional quer no Brasil, quer nos países vizinhos, sendo desejável aumentar o número de voos aéreos entre os dois países, que actualmente são francamente insuficientes.

Durante a sua visita, o **secretário de Estado do Turismo,** que chefiou uma delegação formada pelo **director-geral de Turismo, representante do INFT** e **elementos da DGT,** participou no I Encontro entre Portugal e o **Estado de Espírito Santo** e no âmbito do qual foram realizadas diversas manifestações de carácter cultural, gastronómico e de promoção turística portuguesa.

Ainda no âmbito deste encontro foi discutida a forma de colaboração entre o turismo português e o **Estado de Espírito Santo,** tendo sido assinado um protocolo de cooperação que aponta para a promoção do turismo brasileiro em Portugal e do turismo português no Brasil, em regime de reciprocidade, para realização de acções de formação profissional nas escolas de ambos os países e para o apoio e estímulo a investimentos recíprocos na área do turismo.

Em reconhecimento da importância das iniciativas agora encetadas, o **governador do Estado de Espírito Santo** distinguiu o **secretário de Estado do Turismo Português** com o grau de Grande Oficial da Ordem de Jerónimo Monteiro, a mais elevada condecoração daquele Estado brasileiro.

# 35 anos ao serviço da TAP Air Portugal

O Presidente da TAP Air Portugal, dr. João Coutinho de Lencastre fez entrega da medalha comemorativa dos 35 anos de actividade ao senhor António Parreira Pinto, no dia 31 de Outubro. Parreira Pinto, admitido na TAP Air Portugal, em 1951, na área de Operações de Tráfego, foi nomeado em 1962 Chefe da Secção de Regulamentação da Divisão de Escalas.

Em 1963 foi nomeado delegado da companhia na Alemanha e esteve a partir de 1965 à frente da delegação do Brasil. Em 1968, regressou à sede e foi nomeado sucessivamente, director-adjunto de Vendas em 1969 e director de promoção de vendas em 1972. Em 1984, foi destacado para a delegação da TAP Air Portugal para a América do Norte, onde exerceu funções de director regional. Nomeado delegado para França em 1981, é actualmente, e desde 1985, delegado no Canadá.

# FIAT passa a controlar a Alfa Romeo

A Fiat passou a dispor do controlo da Alfa Romeo, após ter sido aceite pela FINMECCANICA, detentora da maioria do capital desta marca, uma proposta apresentada em Outubro passado, e batendo assim nas negociações um outro importante pretendente - a Ford.

A proposta da FIAT prevê a constituição de uma nova sociedade formada pela FIAT AUTO e pela FINMECCANICA que irá projectar, produzir e comercializar automóveis das marcas Lancia, Alfa Romeo e Autobianchi. Nesta nova sociedade a FIAT assumirá logo de início 51 por cento do seu capital, bem como a gestão total da empresa..

Estas negociações geraram grande expectativa nos meios automobilísticaos internacionais. A proposta da FIAT insere-se numa estratégia industrial de consolidação e desenvolvimento de uma indústria automobilística italiana e apoia-se na forte solidez económica do grupo Fiat.

O objectivo da nova sociedade é produzir e vender anualmente cerca de 600 mil automóveis desportivos e de prestígio, dimensão que lhe permitirá atingir e mesmo superar a competitividade dos outros produtores europeus que operam em segmentos análogos.

Enquanto a marca Alfa Romeo defenderá uma imagem desportiva de luxo, a marca Lancia caracterizar-se-á pelos automóveis clássicos de luxo e grande conforto.

A proposta da Fiat envolverá um investimento de 500 milhões de contos e garantirá os postos de trabalho que a Alfa ocupa presentemente.

Em 1990 a nova sociedade ocupará cerca de 37 mil trabalhadores com níveis de produtividade alinhados pelos melhores níveis internacionais.

## EPG é membro efectivo da A.A. A.I.

A **EPG — Marketing e Publicidade,** fundada em 1979 e que exerce a sua actividade como agência de publicidade no mercado nacional, dimensionou-se agora à escala internacional (5 continentes) depois de ter sido escolhida entre as agências independentes portuguesas como membro efectivo desde o p.p. mês de Setembro do grupo **AAAI (Affiliated Advertising Agencies International)** com sede mundial nos Estados Unidos e sede europeia em Bruxelas.

Este grupo, presente em todos os mercados do mundo, tem como vocação oferecer a cada um dos seus associados o mesmo tipo de experiência profissional, intercâmbio de conhecimentos, formação de pessoal, banco de dados, etc., como se pratica nas multinacionais de publicidade. Sendo assim a **EPG**, salvaguardando o seu estatuto de empresa independente, passa a situar a qualidade dos seus serviços ao nível das mais conceituadas empresas internacionais que exercem a sua actividade no nosso mercado mas que dependem dos grupos económicos a que pertencem.

## "Informática" informatiza "Vilamagna"

O grupo hoteleiro **VILAMAGNA**, constituído por várias empresas ligadas à exploração hoteleira e turística vai instalar sistema de computadores e software sendo este integralmente concebido e desenvolvido por técnicos portugueses.

O **Aparthotel Vilamagna** em conjunto com o **Albufeira Jardim 1 e 2** possui mais de quatro centenas de unidades de alojamento, gerindo ainda a exploração de bares, restaurantes, «boîtes», centro comercial, cinema, piscina e jogos.

A solução adjudicada à **Informarca** é constituída por dois computadores centrais **IBM** com quatro postos de trabalho e três impressoras a instalar numa primeira fase e um terceiro computador **IBM** com quatro postos de trabalho e impressoras numa segunda fase. Uma linha de comunicações alugada aos CTT/TLP com 3,5 km liga à distância os computadores centrais.

# Privados poderão explorar áreas dos CTT/TLP

Os CTT e TLP poderão ceder a produção dos serviços de telecomunicações a empresas privadas ou a empresas participadas pela própria operadora, mas com funcionamento autónomo, disse à Anop o presidente da administração da empresa.

Viana Baptista acrescentou que a reestruturação da empresa garantirá que as infraestruturas de telecomunicações permanecerão na posse da operadora, envolvendo contudo a cedência da produção de serviços a empresas privadas ou a organismos dos CTT e TLP com funcionamento e gestão autónomos.

Afirmando que não haverá qualquer desmembramento dos CTT e TLP o presidente da Administração frisou a necessidade de se proceder a uma reestruturação da empresa.

Viana Baptista defendeu que a abertura à iniciativa privada da produção dos serviços de telecomunicações, bem como dos novos serviços que serão criados com a digitalização da rede telefónica nacional «é uma decisão que tem de ser tomada pelas instâncias políticas».

A reestruturação da empresa no entender de Viana Baptista tem dois modelos possíveis, mantendo-se em qualquer das soluções a estrutura nuclear do sector na posse da empresa operadora.

Um dos modelos passaria pela criação de uma empresa «holding» de gestão de organismos que explorariam o subsector de correios, de telecomunicações internas e de telecomunicações externas, enquanto o restante manteria os CTT e TLP, mas autonomizando aquelas três grandes áreas de serviços ou alargando mais a especialização.

*Diz a CGTP*

# Proposta do Orçamento/87 agrava injustiça fiscal

A carga fiscal que incide sobre os contribuintes portugueses vai aumentar 4,6% no próximo ano, em termos reais, afirma a CGTP num documento de análise à proposta Governamental de Orçamento do Estado para 1987, divulgado esta manhã em conferência de imprensa.

De acordo com aquela central sindical, a proposta do Governo implicará um «agravamento da injustiça fiscal que atinge já grandemente os rendimentos do trabalho».

Segundo a CGTP, «o peso dos impostos indirectos aumentará em 1986 para 69,4% e em 1987 para 70,6%; ou, dito de outra forma, em cada 100$00 de impostos arrecadados pelo Estado em 1986, apenas 30$60 terão como origem impostos directos, e em 1987 somente 29$40». Como é sabido, lembra a Inter, «os impostos directos são, em princípio, mais justos porque atendem à dimensão do rendimento de quem os paga, enquanto que os impostos indirectos são impostos cegos que já não têm em conta o volume de rendimento usufruido pelo contribuinte».

Agravando a distorsão provocada em prejuizo dos trabalhadores, a CGTP afirma que «com o actual Governo, no seio dos impostos directos, as receitas que têm mais aumentado são aquelas que têm como origem os impostos que incidem sobre os rendimentos do trabalho (imposto profissional e imposto complementar), enquanto as receitas dos impostos que incidem sobre os rendimentos de propriedade e capital têm crescido a um ritmo inferior».

Para fundamentar a afirmação de que este Governo tem agravado a injustiça fiscal, o documento frisa que em 1986 «o ritmo de crescimento das receitas provenientes dos impostos indirectos foi quase sete vezes superior ao das provenientes dos impostos directos; e, em 1987, o Governo prevê que seja quase o dobro». Em segundo lugar, acrescenta a CGTP, «o ritmo de crescimento das receitas que têm como origem impostos directos que incidem sobre os rendimentos do trabalho tem sido muito superior ao ritmo de aumento das receitas que tem como origem impostos directos que ioncidem sobre os rendimentos do capital e da propriedade». A taxa de crescimento das primeiras foi, em 1986, quatro vezes superior à das segundas; e, em 1987, o governo prevê que seja superior ao dobro.

A CGTP critica igualmente, ainda no campo das receitas, o aumento de 51% das transferências das empresas públicas para o O.E e «o aumento significativo do endividamento do Estado e dos encargos com a dívida».

No que respeita às despesas a Inter refere-se ao «aumento claramente insuficiente das despesas estatais de natureza social», ao «aumento insuficiente das despesas para investimento e à tentativa para estrangular as empresas públicas».

Finalmente, a CGTP apresenta um conjunto de propostas relacionadas com a política fiscal; o sector empresarial do Estado, enquanto instrumento dinamizador do emprego e da modernização do país; o aumento das tranferências do O.E. para o orçamento da segurança social e o alargamento do auxílio material aos desempregados.

Em relação à política fiscal a Inter defende uma nova tabela de Imposto Profissional, designadamente com isenções de IP até aos 420 contos de rendimento anual e não aos 350 propostos pelo Governo; a abolição imediata do Imposto Complementar, entre outras coisas, porque ele é um «segundo imposto profissional disfarçado»; a criação de um «sistema integrado e coerente de incentivos fiscais»; e a «manutenção e aumento de algumas taxas de imposto que incidem sobre os rendimentos de propriedade e do capital».

# Deputados portugueses criticam orçamento da CEE

Os deputados portugueses criticaram ontem em Estrasburgo o orçamento proposto pelo Conselho de Ministros ao Parlamento Europeu, orçamento que aliás o Governo português não votou.

«Este projecto de orçamento para 1987 frustra as expectativas dos negociadores portugueses do tratado de adesão» — declarou Medeiros Ferreira, em nome dos renovadores, e acrescentou: «Se é positivo o esforço orçamental nos fundos estruturais, nomeadamente o regional, haverá que encontrar outras modalidades para promover a tão proclamada coesão económica e social dentro da Comunidade». O deputado do PRD disse ainda que «a garantia dada a Portugal e a Espanha de uma neutralidade orçamental durante o período de transição não será mais do que uma falácia caso não se venham a implementar, entretanto, políticas de reconversão industrial e agrícola capazes de promoverem o necessário equilíbrio europeu». «Estes países não têm responsabilidade no peso do passado» — salientou.

Deputados do PS, do PCP e do CDS criticaram igualmente alguns aspectos da proposta do Conselho de Ministros.

# Situação nos Fornos Eléctricos leva a corte de estradas

Trabalhadores da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos de Canas de Senhorim bloquearam ontem, durante algumas horas, a EN 234 que liga Nelas a Carregal do Sal e obstruíram a linha da Beira Alta a partir de Canas de Senhorim.

Com este protesto, os trabalhadores visam chamar a atenção da opinião pública para a «incompetência e incapacidade» da entidade patronal na resolução do problema que impede o normal funcionamento da unidade fabril.

A Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos de Canas de Senhorim foi forçada a interromper, no passado dia 5, a sua actividade devido a um corte de fornecimento de energia verificado cerca das 5h00 daquele dia por aquela empresa dever à EDP mais de 9 milhões de contos.

Uma fonte da GNR disse que o trânsito de pesados com destino a Mangualde e a Santa Comba Dão foi desviado por Tondela e Viseu e o de veículos ligeiros entre Nelas e Canas de Senhorim através de uma estrada camarária.

A circulação da linha na Beira Alta, bloqueada com máquinas da empresa, foi efectuada em alternativa por via rodoviária entre Nelas e Carregal do Sal, disse uma fonte da CP.

# Câmara de Almada apoia trabalhadores da Siderurgia

A Câmara Municipal de Almada deliberou reconhecer como justa a luta dos trabalhadores da Siderurgia Nacional contra projectos comunitários que «ameaçam o futuro da empresa».

Os trabalhadores da Siderurgia afirmam que a empresa facturou de 1979 a 1985 quase 150 milhões de contos no mercado interno e cerca de 36 milhões para o exterior.

Referiram também que a empresa deu trabalho em Junho de 1986 a 394 trabalhadores por conta de empreiteiros e que as horas extraordinárias efectuadas pelos trabalhadores da empresa, de Junho a Agosto, totalizaram 130 800, o que, em seu entender, indica que a rentabilização da empresa não passa por despedimentos.

Os trabalhadores afirmaram ao presidente da Câmara de Almada que os compromissos com a CEE ameaçam o futuro da Siderurgia e referiram a existência de um protocolo (número 20) do tratado de adesão que preconiza o encerramento total ou parcial da siderurgia portuguesa

A Câmara de Almada foi informada das preocupações dos trabalhadores, tendo em conta que a sua maioria reside naquele concelho e decidiu veicular as preocupações enunciadas ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministros do Comércio e do Trabalho.

# Raul Junqueiro acusa Governo de destruir a Centrel

O ex-secretário de Estado das Comunicações e deputado socialista Raul Junqueiro disse hoje à Anop que o governo está a destruir a Centrel e a colocar no desemprego mais de 2000 trabalhadores.

A falta de apoio para a viabilização da Centrel Automática Eléctrica Portuguesa «está a provocar a destruição da empresa», constituindo os cerca de 2000 despedimentos previstos «uma prova insofismável da actuação irresponsável do Governo no sector das comunicações», disse.

Raul Junqueiro acusou o Governo de proteger os interesses estrangeiros em detrimento dos nacionais e de ter neutralizado o papel motor que as comunicações começavam a desempenhar no processo de desenvolvimento e de modernização do País.

«É inaceitável a escandalosa protecção que está sendo dada a conhecidos interesses estrangeiros, em detrimento das empresas nacionais», frisou, acrescentando que a importação directa das seis centrais da Siemens, é a confirmação dessa protecção.

O ex-secretário de Estado das Comunicações defende a viabilização da Centrel através de apoios do Estado, de forma a concretizar o acordo entre a Centrel e a Siemens; «única forma de garantir a transferência da tecnologia das centrais de comutação digital para os técnicos portugueses».

«Se não for aprovado um programa de viabilização, a Centrel corre o risco de encerrar», sublinhou, acrescentando que a introdução das centrais digitais na rede telefónica nacional deveria ser correctamente faseada, mantendo ao mesmo tempo um nível razoável de encomendas de centrais electromecânicas.

Referindo-se ao livro branco sobre o processo de escolha das tecnologias digitais, que deu a vitória à Siemens, associada à Centrel, na primeira fase e à ITT — Standard Eléctrica, na segunda, Raul Junqueiro frisou a necessidde de ele ser elaborado e divulgado.

O livro branco, disse, deveria incluir a análise do caso da Centrel e ainda da vitória dada à ITT, depois de esta ter reduzido os seus preços em cerca de 40 por cento relativamente ao primeiro concurso.

O IPE — Investimentos e Participações do Estado — elaborou um estudo de viabilização da Centrel, que está já na posse do executivo.

O administrador da Centrel, Rocha de Matos disse recentemente à Anop que a empresa está em condições de assinar o contrato de fornecimentos de centrais digitais, desde que seja aprovado pelo Governo um projecto de reestruturação da empresa portuguesa, apresentado pela própria administração.

O referido projecto envolve o despedimento de cerca de 2000 trabalhadores da empresa nos próximos dois anos, para o qual solicitou a atribuição de uma verba de 2 milhões de contos.

Os representantes dos trabalhadores da empresa têm contestado sistematicamente esta «solução», acusando o Governo mas também a «má gestão» de Rocha de Matos de responsabilidade na situação da empresa.

# COTAÇÕES

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | (Por Unidade) COMPRA | VENDA) |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 50$05 | 56$05 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 72$85 | 74$05 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 10$30 | 10$50 |
| BÉLGICA (franco) | 3$298 | 3$548 |
| BRASIL (cruzado) | 3$850 | 6$350 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 106$30 | 108$80 |
| (notas de 5 a 1000) | 106$80 | 109$30 |
| DINAMARCA (coroa) | 19$30 | 19$70 |
| ESPANHA (peseta) | 1$056 | 1$176 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 147$45 | 150$95 |
| (notas de 5 a 1000) | 147$95 | 151$45 |
| FINLÂNDIA (marka) | 29$90 | 30$50 |
| FRANÇA (franco) | 22$25 | 22$95 |
| HOLANDA (florim) | 64$25 | 65$60 |
| IRLANDA (libra) | 199$55 | 203$55 |
| ITÁLIA (lira) | $096 | $111 |
| JAPÃO (iene) | $874 | $929 |
| NORUEGA (coroa) | 19$75 | 20$25 |
| REINO UNIDO (libra) | 211$30 | 215$80 |
| SUÉCIA (coroa) | 21$25 | 21$75 |
| SUÍÇA (franco) | 87$85 | 89$35 |
| VENEZUELA (bolívar) | 5$65 | 6$65 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

## Acácio Silva: superprestígio

Acácio Silva — que actualmente se encontra a participar nos «Seis Dias de Paris» — foi classificado no 6.º lugar do «Super Prestige Pennod», o que significa que os especialistas o consideram (a classificação é oficiosa) o sexto ciclista mundial. As classificações são baseadas nas posições ocupadas nas provas de maior prestígio internacional. Sean Kelly é o primeiroo com 910 pontos, seguindo-se Greg Lemond (660), Criquiellion (505), Van Der Poel (505), Zimmermann (450) e Acácio Silva (340).

# Vítor Santos: um símbolo

O Governo português condecorou com medalhas de Mérito e Bons Serviços Desportivos 17 individualidades pela sua dedicação e trabalho em prol do desenvolvimento do desporto nacional.

A cerimónia, realizada ao princípio da noite num hotel de Lisboa, foi presidida pelo Primeiro-Ministro Cavaco Silva, que fez a entrega das condecorações, tendo estado também presentes o ministro da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro, e o director-geral dos Desportos, entre outros membros do Governo.

A imposição das medalhas teve lugar no final de uma sessão pública, que constou de uma reunião com representantes das federações desportivas nacionais, aos quais Mirandela da Costa apresentou o plano integrado de desenvolvimento desportivo, a que damos hoje o devido relevo.

Numa breve alocução, Cavaco Silva considerou a sua presença na sessão como «uma prova da importância que o Governo dá à actividade desportiva», destacando o papel do desporto na «saúde, cultura e bem-estar do povo português e na protecção do nome de Portugal no Mundo».

Depois de enaltecer os homenageados, sublinhando os «altos serviços que prestaram ao País», o Primeiro-Ministro português fez votos para que o «seu exemplo frutifique».

Por seu lado, o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, qualificou as individualidades e entidades distinguidas como «os melhores de todos nós», referindo, porém, que muitas outras individualidades mereceriam distinção semelhante. «A essas — disse João de Deus Pinheiro — peço que aceitem estas escolhas como símbolo e como exemplos a apontar.»

Considerando o jornalista **Vítor Santos, chefe de redacção de «A Bola» há mais de três decadas e seu distinguido com a medalha de Mérito Desportivo, como o «símbolo dos galardoados»,** o ministro da Educação realçou também o trabalho desenvolvido na área desportiva por Mirandela da Costa, a quem o Governo concedeu a medalha de Honra de Mérito Desportivo.

Foram ainda distinguidos com a medalha de Mérito Desportivo o tenista José Roquete, o antigo atirador João Pedro Vinha, o massagista Manuel Marques, os dirigentes desportivos Ana Matilde Figueiredo e José Castel Branco, O Futebol Clube Barreirense e a Associação de Futebol de Portalegre.

A título póstumo, foram condecorados com a medalha de Mérito Desportivo Fernando Vaz (técnico e crítico de futebol) e Manuel Correia Robalo Gouveia (ginástica).

Com a medalha de Bons Serviços Desportivos, foram distinguidos José Rocha Xavier (hóquei em patins e hóquei em campo), José Moreira de Almeida e Silva (dirigente), Manuel Fernandes (futebolista), António Feliciano (Técnico), Silvio Bulhosa (dirigente), Alexandre António Caldeira Pedroso do Amaral (dirigente) e a Associação de Futebol de Castelo Branco.

*Vítor Santos: um caso de orgulho de todos nós*

## DAJOMA, LIMITADA

Certifico que, por escritura de vinte e seis de Setembro corrente, lavrada de folhas cinquenta e duas a folhas cinquenta e cinco do livro de notas para escrituras diversas número quinhentos e sessenta-B, do Décimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário licenciado ORLANDO RODRIGUES BENTO PEREIRA, foi constituída entre DANIEL DA GRAÇA LOPES, JOAQUIM LOPES, e, MANUEL DA SILVA LOPES, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, que tem a sua sede na Rua Veiga Beirão, número seis, cave, esquerda, em Paço de Arcos, freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras, e que se regerá pelos artigos constantes da fotocópia anexa, que, com esta, se compõe de seis folhas e vai conforme com o original

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação DAJOMA, LIMITADA, vai ter a sua sede na Rua Veiga Beirão, número seis, cave, esquerda, em Paço de Arcos, freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras, sendo a sua duração por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO

O objecto específico da sociedade é o ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL E RESPECTIVA DOCUMENTAÇÃO.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de SEISCENTOS MIL ESCUDOS, representado por três quotas a saber — uma de duzentos mil escudos pertencente ao sócio DANIEL DA GRAÇA LOPES, — outra de duzentos mil escudos pertencente ao sócio JOAQUIM LOPES, — e, outra de duzentos mil escudos pertencente ao sócio MANUEL DA SILVA LOPES.

QUARTO

A cessão total ou parcial de quotas entre os sócios é livre

PARÁGRAFO PRIMEIRO

A cessão a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, a qual reserva o direito de preferência, diferindo-se aos sócios não cedentes, se aquela o não quiser exercer.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Se a sociedade ou qualquer dos sócios não desejar exercer o seu direito de preferência na aquisição da quota alienanda, fica autorizada a cessão a estranhos pelo preço que for acordado.

QUINTO

A sociedade pode amortizar quotas nos seguintes casos:
a) Por acordo dos sócios;
b) Quando a quota tenha sido arrolada, penhorada, arrestada, ou por algum modo sujeita a qualquer providência judicial;
c) No caso de falecimento, falência, insolvência ou interdição do sócio.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Em caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio e se a sociedade não quiser amortizar a respectiva quota, os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, deverão nomear entre si, um que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se achar indivisa

PARÁGRAFO SEGUNDO

O preço da quota, no caso previsto na alínea a), será o que for acordado em assembleia geral.

PARÁGRAFO TERCEIRO

O preço da quota nos casos previstos nas alíneas b) e c), será o que resultar do balanço especialmente elaborado para esse fim e aprovado, devendo o mesmo ser pago por uma só vez, dentro de sessenta dias contados a partir da data da ocorrência do facto que lhe deu origem

SEXTO

A gerência e a administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo apenas dos sócios DANIEL DA GRAÇA LOPES, e, MANUEL DA SILVA LOPES, que desde já são nomeados únicos gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Para a sociedade se considerar validamente obrigada em todos os seus actos e contratos, são necessárias as assinaturas conjuntas de dois gerentes; — porém nos casos e actos de mero expediente, bastará apenas a assinatura de um gerente.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Os gerentes podem delegar, entre si ou em pessoas estranhas à sociedade, todos ou parte dos seus poderes de gerência, através de mandato conferido por procuração, e, a própria sociedade e da mesma forma poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos cinquenta e seis do Código Comercial.

PARAGRAFO TERCEIRO

A sociedade não pode, em caso algum, ser obrigada em fianças, abonações, avales e letras de favor e demais actos e contratos alheios aos negócios sociais, sob pena de o infractor responder pelos prejuízos que causar

SÉTIMO

Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que a mesma necessitar para o desenvolvimento dos seus negócios, devendo a taxa de juro, se a ele houver lugar, e as condições de reembolso ser previamente acordadas em assembleia geral.

PARÁGRAFO ÚNICO

A sociedade poderá exigir dos sócios, por deliberação unânime dos votos representativos de todo o capital social, prestações suplementares de capital.

OITAVO

As assembleias gerais, salvo os casos em que lei exija outras formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência pelo menos, indicando sempre os assuntos a tratar.

NONO

O sócio impedido de comparecer às reuniões, poderá fazer-se representar por outro sócio, mediante simples carta, por si assinada, dirigida à sociedade. — Em caso de se fazer representar por pessoas estranhas à sociedade, deverá o mandato ser conferido por procuração, não tendo, porém, estas pessoas direito a voto.

DÉCIMO

Salvo deliberação em contrário por maioria absoluta do capital, os lucros líquidos constantes do balanço, depois de realizadas as amortizações e provisões para impostos e outros fins deliberados em assembleia geral, bem como as quantias destinadas ao fundo de reserva legal, ou ainda para outros que, também a asembleia geral, delibere criar, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas.
Décimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, vinte e nove de Setembro de mil novecentos e oitenta e seis.

**O Ajudante**
***Cremilde Helena de Figueiredo***

**(«DL» 13/11/1986)**

*Promessa do DGD*

# "Vamos assumir uma nova atitude face ao desporto"

**«Desestatizar» o desporto, reforçar o associativismo e apostar na criação de mais clubes e associações são os motes de um protocolo ontem assinado entre seis federações. Mirandela da Costa, director-geral dos Desportos, sublinhou que se pretende um «desporto dos anos 90» durante uma cerimónia a que estiveram presentes o Primeiro-Ministro Cavaco Silva, o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro e o presidente do Comité Olímpico Português, Lima Bello.**

**Vamos assumir uma nova atitude face ao desporto,** salientou Mirandela da Costa. **Ele nasceu de uma prática associativa livre e independente e é assim que o entendemos.**

A publicação da nova lei orgânica do Ministério da Educação deixou transparecer diversas alterações de fundo na política desportiva nacional, concretizadas na assinatura dos protocolos acima aludidos.

«O novo quadro atribui à DGD um papel de apoio no desenvolvimento desportivo junto das federações e/ou associações com as quais estabelece contratos-programa onde são discriminados as incumbências de cada uma das partes», revelou o director-geral dos Desportos, que acrescentou, constitui o grande calcanhar de Aquiles do desporto a falta de técnicos.

No modelo anterior a estrutura governamental concentrava na DGD e no IND (Instituto Nacional dos Desportos) as tarefas de formação e dinamização do fenómeno desportivo, actividades que se pretendem agora delegadas a quadros técnicos das diferentes federações. Entretanto a DGD seleccionou seis federações (por um critério não divulgado) para assinarem um protocolo de cooperação com a DGD e diferentes órgãos de Comunicação Social, como passamos a designar: futebol — jornal «A Bola»; basquetebol — jornal «O Jogo»; atletismo — «Diário de Notícias»; ténis — «O Record»; canoagem — «Jornal de Notícias» e andebol — «A Gazeta».

O protocolo assinado implica a observância de diversos «itens» de cooperação entre as partes, com os órgãos de Comunicação Social a responsabilizarem-se pela divulgação, as federações, pela dinamização e. a DGD, pelo apoio.

Mirandela da Costa revelou que o organismo que dirige está ainda a preparar um «atlas desportivo» nacional onde são discriminadas as instalaçãoes desportivas existentes, os espaços «verdes», os «planos de água» e as cartas de «enquadramento humano» e de «procura e oferta» (quais as aptidões da população e o que deseja fazer), necessário a uma intervenção eficaz.

João de Deus Pinheiro sublinhou ainda a importância da jornada, reconhecida pela presença do Primeiro-Ministro Cavaco Silva e de outros responsáveis governamentais afectos a áreas distantes da desportiva.

**A hora que passa é de mudança no desporto,** disse João de Deus Pinheiro. «Representa o fim de um sistema paternalista e o reforço do associativismo».

A encerrar a sua intervenção o ministro da Educação revelou que o executivo tinha decidido acrescentar o nome do director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, à lista de individualidades agraciadas com medalhas de mérito desportivo.

## Microscópio

### Judoca brilha em França

Catarina Rodrigues, componente da equipa de judo do Ginásio Clube Português que se deslocou a França, foi a vencedora do Torneio Internacional de Moiranes. Sandra Martins e Sónia Carvalho obtiveram segundos lugares nas respectivas especialidades, enquanto Joana Simões, Deborah Carvalho, Diana Almeida e Sónia Pedro (que também integravam a delegação ginasista) tiveram comportamento muito honroso.

*"Dossier" Saltillo*

# O inquérito não avança por passividade da Federação

## • *A denúncia é feita pelo Ministério da Educação e Cultura*

O Ministério da Educação e Cultura divulgou ontem o «dossier» completo da correspondência trocada entre a Direcção-Geral dos Desportos e a Federação Portuguesa de Futebol a propósito do «caso Saltillo».

As fotocópias das cartas e despachos do ministro da Educação responsabilizam implicitamente a direcção da Federação pelo não andamento do inquérito pedido pelo organismo federativo sobre os acontecimentos que rodearam a participação da selecção portuguesa no «mundial» do México.

Em carta assinada pelo secretário-geral da FPF, César Grácio, a Federação pediu ao director-geral dos Desportos, em Agosto, um jurista **com perfil de isenção e competência** para instruir um inquérito de apuramento de factos **relativamente a todos os jogadores, relativamente aos jogadores indicados e relativamente ao técnico.**

Mas se a direcção presidida por Silva Resende queria inquirir sobre técnico e jogadores, a correspondência mostra que a FPF, como entidade promotora do processo, não lhe deu andamento. Para o ministro João de Deus Pinheiro, este departamento governamental manteve-se afastado do processo e do inquérito, cujo **âmbito a FPF em exclusivo definiu e cuja realização deveria ter «ocorrido sob a sua égide».**

Aceitando a sugestão da Direcção-Geral dos Desportos, o ministro, no princípio de Setembro, aceitou a indicação — **não a nomeação** — de um jurista para o inquérito pedido pela FPF.

Indicado à Federação, o jurista Mateus Roque, Silva Resende respondeu de imediato aceitando o nome indicado e louvando **a correcta posição do Governo** e a «isenção» do director-geral dos Desportos.

Dois meses depois, (dia 4 do corrente), o director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, escrevia a Silva Resende, estranhando declarações do presidente da FPF à Imprensa, as quais revelavam **um entendimento algo desvirtuado da posição** do ministro sobre o inquérito. Silva Resende atribuía, implicitamente, aos departamentos governamentais o não início do processo de inquérito.

Depois do esclarecimento da DGD endereçado ao presidente da FPF, o «dossier» agora divulgado não regista qualquer resposta da direcção federativa, mas somente o pedido de escusa de Mateus Roque da missão para que fora indicado, e que o ministro da Educação aceitou, acusando de «passividade» a direcção liderada por Silva Resende.

### «Puxão de orelhas» à Federação

Originado por declarações de Silva Resende ao jornal «A Bola» acerca do dúbio entendimento entre «indicação» e «nomeação» do inquiridor, a DGD remeteu em 4 do corrente um ofício à FPF do qual destacamos as seguintes passagens:

«Tem sido preocupação do Governo, aliás já oportunamente expressa por S. Ex.ª o ministro, preservar, tanto quanto possível, a autonomia da estrutura associativa «maxime» no contexto das relações entre a FPF, os clubes e, em consequência, os jogadores.

Foi, naturalmente, nestas condições que a FPF — enquanto entidade de cúpula da estrutura associativa — entendeu promover o referido inquérito cujo âmbito ela, em exclusivo, definiu e cuja realização ocorrerá sob a sua égide devendo as respectivas conclusões ser consideradas exclusivamente na mesma linha de interpretação.

Porém, e sem prejuízo da rigorosa salvaguarda daquele princípio e, concretamente, nos termos que se vêm de enunciar, entende S. Ex.ª o ministro não dever deixar de dar satisfação à pretensão da FPF considerado o dever de colaboração a que a entidade tutelar não deverá eximir-se, por um lado e a relevância e a actualidade da questão em análise, por outro.

De todo o modo — repete-se — a indicação (que não a nomeação) de um jurista faz-se, sem prejuízo da total autonomia dos comportamentos já tomados ou a adoptar pela Federação com o sentido e alcance atrás enunciados.

Por outro lado é entendimento inequívoco desta Direcção-Geral que nestas circunstâncias cabe exclusivamente à FPF a decisão de encetar as diligências junto do jurista indicado — ou de outro, caso a FPF entendesse não aceitar a sugestão da DGD — para a realização do inquérito da FPF.»

### Mateus Roque: razão para a recusa

**A demora na definição de quem deveria proceder à nomeação do dr. Mateus Roque, levou este a demarcar-se recusando as funções para que havia sido indicado pela Direcção-Geral dos Desportos, a qual remeteu tal justificação ao ministro Deus Pinheiro alegando o seguinte:** «considerando que as circunstâncias objectivas que rodearam a indicação, ao tempo, do seu nome á direcção da FPF se alteraram de tal modo que, em sua opinião, foi posta em causa a credibilidade do que se viesse a apurar; considerando que a dilação, ocasional ou propositada, das operações preliminares do inquérito, inquinam, de modo grave e negativo aquela tarefa e ainda porque, passados meses, lhe falece a qualidade jurídica de inquiridor».

### Despacho ministerial

**Face a esta posição de Mateus Roque o ministro João de Deus Pinheiro emitiu o seguinte despacho:**

«1. Compreende-se e aceita-se a posição do dr. Mateus Roque face à passividade da FPF. Passividade que, naturalmente, determina menos receptividade da Administração face a solicitações de teor semelhante que lhe venham a ser feitas.

2. Conquanto se me ofereçam dúvidas quanto à necessidade de informar a FPF acerca da indisponibilidade do dr. Mateus Roque e das razões que a fundamentam — já que são públicas as razões aduzidas — entendo dever ser mantida pela DGD uma posição de estrita transparência sobre a matéria, pelo que concordo com o que me é proposto.

3. Atendendo ao interesse público das matérias em questão — constatável, aliás, pelo espaço que vem ocupando nos órgãos da Comunicação Social e nos pedidos de esclarecimento dirigidos quer ao meu gabinete, quer à DGD — fica o sr. director-geral dos Desportos formalmente autorizado a divulgar cópia dos documentos que permitam — factualmente — esclarecer a opinião pública sobre os procedimentos da Administração.»

•

Feita a «história» da razão por que o caso Saltillo não avança, resta que, na Assembleia Geral do próximo sábado, o dr. Silva Resende esclareça os delegados das associações e a opinião pública porque se manteve ante a passividade, quando se reclamava como primeira interessada no apuramento da verdade quanto aos acontecimentos ocorridos, tendo, inclusivamente, sido ela a solicitar a indicação dum inquiridor isento, quando é certo que o Conselho de Disciplina reúne a competência bastante para se ocupar da análise de todo o processo.

## GNR denuncia incidentes

No último fim-de-semana de competições desportivas, as patrulhas da Guarda Nacional Republicana em serviço de manutenção da ordem pública, nos vários recintos onde tiveram lugar tais competições, registaram 8 casos com incidentes, todos eles em jogos de futebol, sendo duas invasões de campo, cinco agressões ou tentativa de agressão aos árbitros e juízes de linha, uma desordem entre assistentes e um caso de insultos a um juiz de linha.

## PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 46/86 DE 16 DE NOVEMBRO DE 1986

Jornal da Amarante, 12x 111 211 1x21; Jorna da Beira, 12x 11x 212 2121; Correio do Vouga, 122 111 211 2121; A Defesa, 1x2 111 2x1 x121; Diário de Viseu, 121 11x 2x1 x111; O Distrito de Portalegre, 12x 111 21x 2111; Folha do Domingo, 122 111 211 2121; O Emigrante 1xx 112 x2x 2x21; Jornal de Felgueiras, 1xx 11x 211 1xx1; Rádio Totobola, 12x 111 xxx xx21; Linhas de Elvas, 122 111 21x 21x1; Maria da Fonte, 122 11x 211 xx21; No Estúdio e no Estádio, 1xx 111 x1x 21x1; Notícias de Felgueiras, 1xx 11x xxx 1xx1;

Notícias de Guimarães, 1xx 112 2x2 2xx1; Notícias de Viseu, 1x1 111 xxx xx1x; Reconquista, 122 11x 212 x121; RDP/Clube da Manhã, 12x 11x xxx 21x1; RDP/Manhã, Manhã, 12x x1x 2xx 1121; RDP/ Secção Desportiva, 1x1 111 212 x121; RDP/ Tempo e Resultado, 11x 11x 21x xx21; Jornal de Sintra, 12x 11x x22 x121; A Voz do Domingo, 12x 11x 211 x1x1; Fim-de-Semana Desportivo, 1xx 111 212 x121; Panorama desportivo 1xx 111 212 x121; Panorama desportivo, x12 11x 222 21x1; Rádio Guarda, 1x2 x11 1x2 2x11; Sons da Madrugada, 122 11x 2x2 21x1; Snak-Bar, 122 111 22x x1x1; Penalti, 12x 111 211 1121; Arte de Bem Madrugar, 122 11x 212 x121; Correio de Coimbra, 12x 11x 211 21x1; Defesa de Espinho, 12x x11 2x2 2121; Diário de Lisboa, 1xx 111 x12 222x; Estúdio 64, 122 111 212 111x; Ecos de Cacia, 122 11x 21x 2x21; Eu Sei Tudo, 121 111 21x x111; Jornal do Fundão, 1x2 11x x11 xx1x; Gazeta das Caldas, 1x1 111 x11 xxx1; Gazeta de Felgueiras, 12x 111 211 x1x1; Litoral, 111 111 211 1121; Jornal de Lixa, 12x 11x 211 x1x1; O Mensageiro, 122 x1x 21x x2x1; Notícias do Douro, 12x 11x 2xx x111; Notícias de Gouveia, 122 11x x12 2111; Informação Desportiva / Radio Altitude, 12x x1x 212 x111; Rádio Sports, 122 111 212 2211; Voz do Ave, 1x2 x11 11x 1111; Voz de Lamego, 12x 111 21x x111; Desporto Regional / Rádio Altitude, 122 11x 21x 2121; Pista de Dança/ Rádio Altitude, 12x 111 x11 x1x1; Diário de Coimbra, 1x2 111 x11 21x1; Dribling, 1xx 111 xxx 22x1; Notícias d'Évora, 12x x1x 21x 21x1; Notáicias de Viana, 12x x1x 21x 2121; Gente Gira, 122 11x x12 21x1; Pôr do Sol, 121 x11 211 1112;

Comércio de Leixões, 12x x1x 21x 2x21; De Tudo um Pouco, 12x 11x 211 1xx1; Jornal de Gaia, 1xx 11x 211 x12x; Jornal da Graça, 122 x11 212 x1x1; Jornal de Notícias, 12x 111 x1x x1x1; Jornal a Ordem, 1xx 111 21x 2121; O Primeiro de Janeiro, 121 111 2x1 xx21; Quadrante Norte, 1xx 111 21x x111; Repórter do Dia, 12x 11x 212 21x1; Resenha Desportiva, 122 111 2x2 1x11; Alvo Desportivo, 12x 11x xx1 x111; Rádio Alvo, 1x2 112 21x 2111; Alvo, 121 111 111 1111; Alvo Suplemento, 121 11x xx1 x111; A Voz dos Ridículos, 1xx 111 x1x 1111; Rádio Placard, 122 121 221 x121; Bola Branca, 121 111 x1x 1121; Diário do Desporto, 12x 111 112 1xx1; Desporto — RR, 1xx 111 x1x x121.

## assim vai o totobola

| | RESUMO 1 | RESUMO X | RESUMO 2 | BOLAS (*) 1 | BOLAS (*) X | BOLAS (*) 2 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Benfica-Académica | 74 | 1 | 0 | 11 | 1 | 1 |
| 2. Boavista-Porto | 3 | 22 | 50 | 1 | 3 | 8 |
| 3. Farense-Belenenses | 11 | 39 | 25 | 2 | 6 | 4 |
| 4. Chaves-Rio Ave | 65 | 10 | 0 | 10 | 2 | 1 |
| 5. Guimarães-Salgueiros | 74 | 0 | 1 | 11 | 1 | 1 |
| 6. Elvas-Portimonense | 41 | 31 | 3 | 6 | 5 | 1 |
| 7. Marítimo-Sporting | 4 | 21 | 50 | 1 | 3 | 8 |
| 8. Varzim-Braga | 53 | 17 | 5 | 8 | 3 | 1 |
| 9. Lixa-Leixões | 25 | 29 | 21 | 4 | 5 | 3 |
| 10. Torreense-Covilhã | 15 | 32 | 28 | 2 | 5 | 5 |
| 11. Mangualde-Peniche | 53 | 18 | 4 | 8 | 3 | 1 |
| 12. S. Cacém-Olhanense | 21 | 25 | 29 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Setúbal-Est. Amadora | 69 | 5 | 1 | 10 | 1 | 1 |

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

**A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:**
**12X 111 21X X121**

## *Ténis: "GP" de Wembley*

# Favoritos fora de prova

Foi negra a jornada de ontem para os favoritos do grande prémio de ténis de Wembley, em Londres, dotado com prémios no valor de mais de 55 mil contos.

Nas partidas da primeira ronda foram eliminados sucessivamente o norte-americano John McEnroe, o francês Henri Laconte e o sueco Stefan Edberg.

John McEnroe foi derrotado pelo australiano Pat Cash, que demonstrou encontrar-se em excelente forma para a final da CPA Davis contra a Suécia.

Henri Laconte não resistiu ao jogo de Amos Mansdorf, um sargento do Exército israelita que figura no 98.º lugar do «ranking» mundial

# Como vai o "Euro-88"

Realizaram-se ontem seis encontros a contar para a fase de qualificação do «Europeu-88» com a curiosidade de nenhum dos visitantes ter conseguido averbar o triunfo. Vejamos os resultados:

**Grupo 1:** Espanha - Roménia (1-0); **Grupo 4:** Inglaterra - Jugoslávia (2-0) e Turquia - Irlanda Norte (0-0); **Grupo 5:** Grécia - Hungria (2-1); **Grupo 6:** Checoslováquia - Dinamarca (0-0) e **Grupo 7:** Escócia - Luxemburgo (3-0).

Após estes encontros, as classificações destes grupos estão assim ordenadas:

**Grupo 1**

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º Roménia | 2 | 1 | 0 | 1 | 4-1 | 2 |
| 2.º Espanha | 1 | 1 | 0 | 0 | 1-0 | 2 |
| 3.º Áustria | 2 | 1 | 0 | 1 | 3-4 | 2 |
| 4.º Albânia | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-3 | 0 |

**Grupo 4**

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º Inglaterra | 2 | 2 | 0 | 0 | 5-0 | 4 |
| 2.º Jugosl. | 2 | 1 | 0 | 1 | 4-2 | 2 |
| 3.º I. Norte | 2 | 0 | 1 | 1 | 0-3 | 1 |
| 4.º Turquia | 2 | 0 | 1 | 1 | 0-4 | 1 |

**Grupo 5**

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º Polónia | 1 | 1 | 0 | 0 | 2-1 | 2 |
| 2.º Holanda | 1 | 1 | 0 | 0 | 1-0 | 2 |
| 3.º Grécia | 2 | 1 | 0 | 1 | 3-3 | 2 |
| 4.º Hungria | 2 | 0 | 0 | 2 | 1-3 | 0 |
| 5.º Chipre | - | - | - | - | - | - |

**Grupo 6**

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º Checoslov. | 2 | 1 | 1 | 0 | 3-0 | 3 |
| 2.º Dinam. | 2 | 1 | 1 | 0 | 1-0 | 3 |
| 3.º P. de Gales | 1 | 0 | 1 | 0 | 1-1 | 1 |
| 4.º Finlândia | 3 | 0 | 1 | 2 | 1-5 | 1 |

**Grupo 7**

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º Escócia | 3 | 1 | 2 | 0 | 3-0 | 4 |
| 2.º Bélgica | 2 | 1 | 1 | 0 | 8-2 | 3 |
| 3.º Irlanda | 2 | 0 | 2 | 0 | 2-2 | 2 |
| 4.º Bulgária | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 5.º Luxemb. | 2 | 0 | 0 | 2 | 0-9 | 0 |

# João Alves: continuação condicionada

Segundo revela «A Bola» na sua edição de hoje, o treinador João Alves demiitir-se-á das funções que exerce no Boavista, caso a sua equipa seja derrotada, no próximo domingo, frente ao FC Porto. Na base destes propósitos fincam-se, naturalmente dois factores: a eliminaçãoo da Taça UEFA e a modesta posição ocupada na pauta classificativa do «nacional». Recorde-se que o Boavista se encontra na 13.ª posição com 7 pontos nos 10 encontros realizados, dos quais apenas venceu dois, empatou três e perdeu os demais (5). Recorde-se, no entanto, que a situação não será alarmante considerando que o 6.º classificado (Chaves) apenas conta com mais três pontos.

# Braga contra Pinto da Costa

O Sporting Clube de Braga vai pedir ao Conselho Nacional de Arbitragem que não nomeie mais o árbitro de Évora João Rosa para dirigir encontros de futebol em que o clube intervenha, divulgou a direcção do clube.

Num comunicado assinado pelo presidente da direcção, Mesquita Machado, faz-se referência ao facto de antes do último Sporting de Braga — FC do Porto a direcção bracarense ter recebido um telefonema de denúncia sobre a existência de «um tal Toni» presente em casos anteriores.

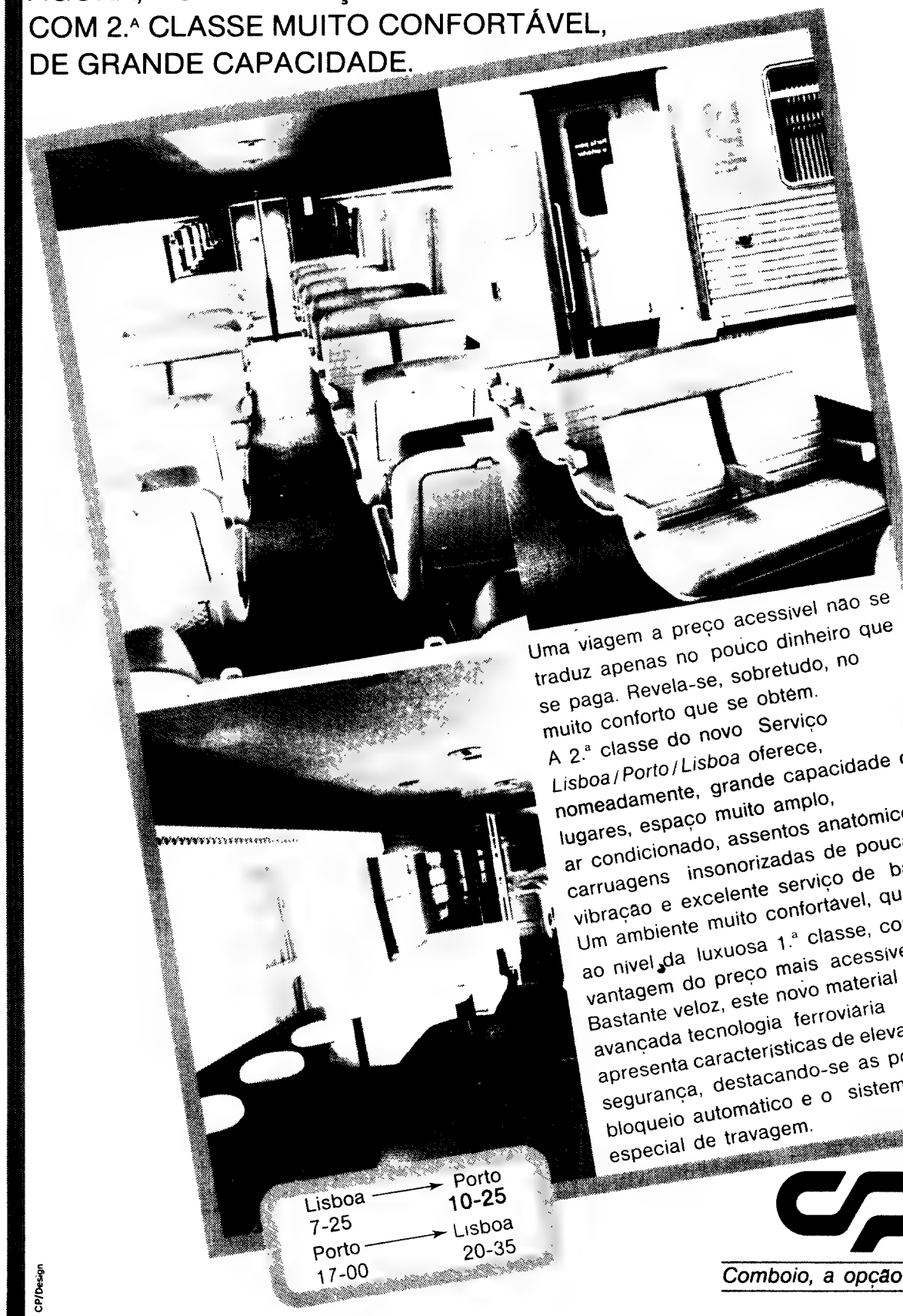
A direcção do clube bracarense acusa o árbitro João Rosa de utilizar dualidade de critérios na amostragem do cartão amarelo, com prejuízo para a sua equipa e refere a não marcação de faltas em lances capitais.

Segundo Mesquita Machado esta chamada de atenção não visa arranjar desculpas para a derrota da equipa mas antes «a tentativa de pôr a verdade em cima da mesa».

Mesquita Machado lançou ainda inúmeras críticas ao presidente do FC Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa, e desmentiu qualquer hipótese de chicotada psicológica no comando técnico da equipa, a cargo de Humberto Coelho.


LISBOA/PORTO/LISBOA

UMA VIAGEM A PREÇO ACESSÍVEL?
É DAR POUCO DINHEIRO POR MUITO CONFORTO!
AGORA, NOVO SERVIÇO *LISBOA/PORTO/LISBOA*,
COM 2.ª CLASSE MUITO CONFORTÁVEL,
DE GRANDE CAPACIDADE.



Uma viagem a preço acessível não se traduz apenas no pouco dinheiro que se paga. Revela-se, sobretudo, no muito conforto que se obtém.
A 2.ª classe do novo Serviço *Lisboa/Porto/Lisboa* oferece, nomeadamente, grande capacidade de lugares, espaço muito amplo, ar condicionado, assentos anatómicos, carruagens insonorizadas de pouca vibração e excelente serviço de bar. Um ambiente muito confortável, quase ao nível da luxuosa 1.ª classe, com a vantagem do preço mais acessível. Bastante veloz, este novo material de avançada tecnologia ferroviária apresenta características de elevada segurança, destacando-se as portas de bloqueio automático e o sistema especial de travagem.

Lisboa 7-25 → Porto 10-25
Porto 17-00 → Lisboa 20-35

CP

*Comboio, a opção decisiva.*

CP/Design

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
77 11 58 — 1000 LISBOA

*Rui Reininho, a voz*

## GNR (os da música) têm novo disco

Os GNR (Grupo Novo Rock) têm a partir de agora um novo álbum no mercado nacional. Chama-se «Psicopatria» e é o quinto de uma carreira de cinco anos.

Onze faixas, originais, constituem este novo trabalho do grupo da cidade do Porto: «Pós Modernos», «Bellevue», «O Paciente», «Dá Fundo», «Cerimónias», «Coimbra B», «Efectivamente», «Ao Soldado Desconfiado», «Nova Gente», «Choque Frontal» e «To Miss».

Segundo a editora, «Os GNR assumem (em «Psicopatria») um patriotismo que reivindica o direito fundamental de o artista português fazer bons discos, isto é, simples mas bem tocados, eficazes».

Os GNR, que começaram em 81 com «Portugal na CEE», cinco antes da adesão europeia, são formados por Rui Reininho (voz), Alexandre Soares (guitarra), Toli (bateria) e Jorge Romão (baixo).

Um dos seus êxitos mais conhecidos é «Dunas», editado no ano passado.

# Antena 1 : prémios e nova programação

A programação da RDP-Antena Um, entre as 10 e as 21 horas, vai ser «toda nova», a partir do dia 17 — anunciou terça-feira à noite o director de programas daquela estação.

«Assumimo-nos como a Rádio portuguesa» — disse José Manuel Nunes, durante um intervalo do espectáculo de entrega dos prémios «Antena Um 1985-1986», no Casino Estoril.

Ao anunciar a nova programação da RDP-Antena Um, que irá para o ar a partir da próxima segunda-feira, José Manuel Nunes salientou que, nos últimos dois anos e meio, o objectivo daquela estação foi «recuperar a credibilidade junto do público».

O director de Programas da Antena Um revelou também que, a partir de 1 de Janeiro de 1987, a estação terá um novo logotipo com o «T» da palavra «Antena» simbolizando os dois canais de estereofonia.

Os prémios «Antena Um 1985-86» contemplaram as áreas de Artes Plásticas, Cinema, Literatura, Música, Teatro e Desporto.

Nas Artes Plásticas, o prémio foi atribuído à pintora Vieira da Silva e às nove galerias que representaram Portugal na «A.R.C.O.» (Arte Contemporânea) de Madrid, em Abril último.

No cinema foram premiados os filmes «Era Uma Vez na América», de Sérgio Leone, e «Um Adeus Português», de João Botelho.

«Um Falcão no Punho», de Maria Gabriela Llansol, e «Guilhermina», de Mário Cláudio, foram as obras contempladas no campo da Literatura.

Os prémios de Música foram atribuídos aos discos «Os Sete Instrumentos», de Júlio Pereira, e «Galinhas do Mato», de José Afonso.

No Teatro, Luzia Maria Martins ganhou um prémio «pela dedicação de toda a vida ao teatro» e a peça «Mãe Coragem e Seus Filhos» foi considerada a melhor da temporada.

Os prémios de Desporto foram atribuídos a Fernando Mendes, «Revelação do Ano», Carlos Manuel «Futebolista do Ano», Aurora Cunha «Atleta do Ano», Manuel José «Treinador do Ano», Raul Nazaré «Árbitro do Ano» e Fernando Martins «Dirigente do Ano».

Durante o espectáculo actuaram o músico são-tomense Gilberto Gil Umbelina e o português Paulo Gonzo.

# Irene Ribeiro e Henrique Silva no Atelier.15

«2 Escolas, 2 Autores em 12 Fotografias» é a designação da mostra patente ao público até 3 de Dezembro, no Atelier15.

Maria Irene Ribeiro e Henrique Silva são os dois artistas plásticos que têm os seus trabalhos patentes naquele espaço. São doze trabalhos de técnicas diferentes e escolha de temas também diversa, o que permite um confronto conclusivo de interesse crítico e didáctico.

As referências aos autores são feitas por Lima de Carvalho, que escreve: «Maria Irene criou um estilo. Trata as chapas com jeito familiar, usando o buril com o carinho com que o lavrador faz sulcar com as lâminas de aço do arado os campos da sementeira de trigo ou, se preferirmos, do milho verde, cultura tradicional lá das terras nortenhas de Gemeses, nas margens ribeirinhas do Rio Cávado, em que nasceu».

Sobre Henrique Silva escreve o mesmo autor: «a sua obra gráfica é uma emanação consequente da sua obra pictórica, sobretudo na selecção dos temas e na construção das matrizes. As vulgares caixas dos materiais ou os frascos de vidro, que os artistas sempre guardam nas mesas e prateleiras, servem, como serviram para o sóbrio Morandi».

*Uma gravura em metal de Maria Irene Ribeiro*

A exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira das 18 às 22 horas e aos sábados das 15 às 19 horas.

# Cerâmica de Cecília de Sousa na Galeria do Casino Estoril

Inaugura-se às 22 horas do próximo dia 14, sexta-feira, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma exposição de cerâmica da autoria de Cecília de Sousa.

Expondo desde 1954, esta ceramista integrava o grupo de autores que, sob o estímulo do pintor Eduardo Leite, então a dirigir a Fábrica Viúva Lamego, deram início ao Movimento de Renovação da Cerâmica Portuguesa, ainda nos anos quarenta.

Dezenas de exposições colectivas, nomeadamente nos Salões dos Novíssimos, da Primavera e do Outono da Junta de Turismo da Costa do Estoril; representações internacionais em Washington e Paris, além de individuais realizadas no Casino do Luso e na Galeria Átrio, assinalam o seu percurso artístico onde já pontificam algumas distinções, tais como o Prémio Manuel da Costa Brioso (1957) e duas medalhas de prata.

Numerosos painéis figuram em edifícios públicos em Lisboa, Marquiteira, Amadora, Santiago de Compostela, Monte Estoril, Faro, Porto, Albufeira, Alvor e na antiga cidade de Carmona (Angola).

Iniciando-se com uma série de pesquisas no campo da cerâmica decorativa, nos moldes em que era entendida na altura, Cecília de Sousa conseguiu, através de uma criteriosa evolução, obter qualidade técnica que lhe permite, hoje, apresentar-se na plenitude de uma criatividade madura dentro da sua própria linguagem. Dominando o desenho, privilegiando a composição e os ritmos, fazendo opções de crescente austeridade cromática, Cecília de Sousa chega ao primeiro plano da nossa cerâmica com toda a carga de modernidade que justifica este destaque. Convidada já para o mais importante evento da cerâmica nacional a realizar em Portugal em 1987, esta autora é apresentada, na Galeria de Arte do Casino Estoril, pelo Dr. Lima de Carvalho que, sobre a sua obra, tece pertinentes considerações.

Esta exposição poderá ser visitada das 15 às 24 horas de todos os dias, até 25 de Novembro.


**TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA**
**8.º JUÍZO**

**ANÚNCIO**

O Dr. Abílio Lopes Cardoso, Juiz de Direito do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber que na 2.ª Secção corre seus termos a acção com processo sumário com o n.º 94/85, movida pela autora Maria Fernanda dos Santos Sarmento, com residência em Lisboa, na Rua Maria Lalande,n.º 15, contra Luís Filipe Santana e Outros e ainda Luis António Fialho Marcelino Ferreira, residente em parte incerta nos Estados Unidos da América, com última residência conhecida na Rua Maria Lalande, n.º 15-8 º-Es.º, em Lisboa, é este último réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de oito dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sob a comnação de vir a ser condenado imediatamente no pedido que a autora deduz naquele processo e que consiste na anulação do despedimento com a consequente reintegração e o recebimento das retribuições que normalmente auferiria, bem como o mesmo réu deve contestar o pedido de assistência judiciária formulado pela mesma autora

Lisboa, 16 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
*Ass. ilegível*

O Escrivão de Direito,
*Ass. ilegível*

**«DL» 13/11/86 — 2.ª Pub.**

**TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA**

**ANÚNCIO**

O DOUTOR JOÃO ANTÓNIO VALENTE TORRÃO, JUIZ DE DIREITO DO PRIMEIRO JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pela Segunda Secção deste Juízo, correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum — ORDINÁRIA, sob o n.º 76/86, em que é autora, CARMEN MARIA PINHÃO TAVARES, residente na Rua D. Filipa de Lencastre, n.º 10-1.º Esq., em Oeiras, e Ré, «NOVA APOLO — OPERADORES TURÍSTICOS, LDA.», cuja última sede conhecida foi na Av. Duque de Loulé, n.º 47-7.º, em Lisboa; e neles correm éditos de trinta dias, contados a partir da data da afixação do edital, para citação da Ré, para no prazo de DEZ DIAS, contados a partir da data da segunda e última publicação deste anúncio, contestar a acção nos referidos autos, encontrando-se o duplicado da petição inicial à sua disposição na respectiva Secção de Processos.

Lisboa, 5 de Novembro de 1986

**O Juiz de Direito do 1.º Juízo**
***(Ilegível)***

**A Escrivã-Adjunta**
***Maria Helena Andrade***
**Pedro da Ponte**

**«DL» 13/11/86 — 1.ª Pub.**

Sindicato dos Agentes Técnicos de Arquitectura e Engenharia

**CONVOCATÓRIA**

Nos termos do disposto nos art.os 27.º, alínea c), 46.º, alínea b) e 56.º do Estatuto, convoco a **Assembleia Geral do Sindicato** para reunir, em sessão ordinária, nas sedes das Secções Regionais e sede Nacional do Sindicato pelas 20.30 horas, do próximo **dia 28 de Novembro de 1986**, com a seguinte

**ORDEM DE TRABALHOS**

1 — **Apreciação e votação do orçamento para o ano de 1987**
2 — **Informações.**

Lisboa, 11 de Novembro de 1986

**O Presidente da Mesa da Assembleia Geral**
*CARLOS ALBERTO BASTOS GOMES*

**NOTA** — De acordo com o art.º 31, as reuniões da Assembleia Geral têm início à hora marcada, com a presença de qualquer número de sócios.

COMPANHIA Tel. 2752175
TEATRO DE ALMADA
GEORGE DANDIN
de MOLIÈRE
13 Nov. a 7 Dez.
21,30 - de 5ª a dom.
16 - dom.
Sub. SEC/CMA

encenação
JOAQUIM BENITE
com
ADELAIDE JOÃO | ALFREDO SOBREIRA | ANTÓNIO ASSUNÇÃO
CARLOS GONÇALVES | EMA PAUL | LUIS VICENTE
TERESA ESTEVES | VITOR GONÇALVES
"Um divertimento inteligente"
C.PORTO (D.Lisboa)
"Portentoso"
M.RIO CARVALHO (JL)

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
As 21.30 h.

TOURO
Texto: ABEL NEVES
Encenação: JOÃO MOTA
4º MÊS
ULTIMAS SEMANAS
DOMINGO AS 17 H
veja teatro a preços reduzidos
TERÇA • QUARTA • QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00
PR ESPANHA (T 726 0818)
SUB SEC M 12 A
APOIO E GULBENKIAN - COMERCIAL

# Crónica de Touros

## Os quase anónimos

**Soliloquio**

**Praça de Touros de Madrid. Domingo, 21 de Setembro de 1986. Novilhos de Conde de la Maza para Juan de los Rees, Juan Carlos Vera e Carmelo.**

Quando o ponteiro atingiu a hora, pontualmente, inexoravelmente, o portão abriu-se, lá do outro lado do pátio das quadrilhas, e por ela saíram Don Francisco Llorente e Don Teodoro Martinez. Vestidos de negro, emplumado chapéu, vem do tempo dos Felipes seu trajo de alguaciles, montados em cavalos que já perderam o gosto de se enfeitarem; basta-lhes cumprir com pacata dignidade seu ofício. Também eles zeladores de um ritual que os ultrapassa, em que seus cavaleiros de negro simulam autoridade, em nome dela vão buscar as quadrilhas ao portão que já se abre, que na arena despeja o garbo dos novilheiros, atrás deles sua gente, esperando dos jovens maestros o gesto de avançar. São três os maestros, promessas que a capital do toureio aceitou, por isso os repete. Juan de los Rees, de Madrid, vestido de lilás e ouro; Juan Carlos Vera, de Valência, tabaco e ouro; Carmelo, andaluz de Sanlúcar, branco e ouro. O ouro lhes move os passos. O ouro que Don Francisco e Dom Teodoro não ganharam, à frente deles seguem conformados no passo de seus cavalos, vestidos de negro como mandam as regras da festa, quem sabe se também como manda o luto por algum sonho desfeito.

* * *

Algures no correr da tarde, o presidente mostra lá de cima, sobre o veludo vermelho de seu palco, o lenço verde, sinal para recolha do inválido novilho. Abre-se a porta por onde saem os cabrestos. E atrás deles vem o maioral da praça. Florito Fernandez Castillo se chama esse homem que na arena entra a passo, arrastando na terra a curta vara, até ao lugar onde em postura galharda se queda, esperando que os três sossegados mansos levem para dentro o rejeitado novilho, cumpram a lição que lhes ensinou o paciente mestre: o mestre que já os segue na escuridão do corredor, entre a ovação do gentio, admirado do quase milagre, recolher um touro com tão singela e toureira presteza, mais tempo leva a contá-lo. Da coxeira de «Pegaso», quarto da tarde, tinha ficado o sabor dos lances em que o recebera Juan de los Rees. Aluno foi da escola de tauromaquia de Madrid, mas vê-se que não só aluno de lição estudada, aprendida, também alma de toureiro lá dentro, vibrando naquelas verónicas clássicas e profundas, e no remate da meia, repetida entre o clamor maior da tarde, afinal interrompida para que saia o sobrero: doutra ganaderia, de Miguel Zaballos, e tão de ecomenda como os do curro anunciado. Já tivera Juan de se haver com o nervo e o mau génio do novilho que abriu praça, expusera mais do que ele merecia, afinal quando ao amparo da ovação quis começar a volta à arena, logo o público justiceiro lhe tolhera o primeiro passo; e agora tocava-lhe um «Cordeiro» que cordeiro não era, pescoço ágil para voltar as hastes na direcção da presa, não do engano. Assim não há forma de alimentar a ilusão, a promessa de chegar longe, consolo é ficarmos ao menos com a vontade de tornar a vé-lo.

* * *

Os tímbales e clarins chamam o quinto da tarde. O «torilero» vem, pausado, pôr-se à entrada da passagem que leva ao portão dos sustos. Veste de prata, como bandarilheiro que o mais certo é ter sido. Seus olhos gastos percorrem vagarosos o redondel, donde se escapam os últimos moços de arena. Antes de dar saída ao touro, ele precisa da certeza de estar despejado o círculo, da certeza que o perigo de morte vai existir apenas para aqueles que desse perigo fazem ofício. Só na praça da capital do toureio, como em nenhuma outra, a figura do «torilero» se assoma assim prévia, acentuando em suas cautelas a eminência do trágico, disfarçado nessa alegria que das bancadas se solta, quando ele abre por fim o portão, e rápidas vêm as hastes ferir a luz. Uma alegria mais esperançada quando do quinto da tarde se trata. Força apenas do adágio, «no hay quinto malo». Desta vez, houve. Mal o «torilero» deu saída a «Hurton», depressa se viu como era igual aos irmãos. Bem pode o Conde de la Maza invocar para a sua divisa a procedência de Vistahermosa, os sementais do marquês de Villamarta, as vacas com sangue doce de Nuñez: do curro desta tarde, nem o quinto iria salvar-se, enfrentou o adágio com a sua arrancada curta, querendo espreitar por baixo do engano, o génio à flor da pele, impróprio. E o fino estilo de Juan Carlos Vera, o dom da sua mão esquerda para cinzelar a pureza do passe natural, ficaram para outro dia, desta vez apenas sugeridos, uns momentos recreando-se, e outros apenas se expondo, credor do consolo de uma ovação, que sobrou de à praça ter brindado a faena ao quinto, na mira do luzimento que não lograra no segundo da tarde, dobrado o novilho ficou a praça em silêncio, quase se ouviam os passos miudinhos duma longa excursão de japoneses retirando, duas lides lhes tinham bastado para as fotos, coloridas com vermelho, dos enganos e do sangue.

* * *

O terceiro é negro bragado, e chama-se «Cocinero». Derruba o cavalo do picador na segunda vara, onde entrou vindo do gracioso recorte de Carmelo, seu matador. Com os capotes dos toureiros, acodem ao quite as varitas, às vezes mágicas, dos monosabios; assim chamados porque no ano de em 1840, tendo a empresa de Madrid resolvido vesti-los assim, de vermelho e azul nas calças, na blusa, na boina, apareceu na capital, no teatrinho de Cervantes, «calle» de Alcalá, uma «troupe» de macacos amestrados, e também assim os trajaram; de modo que na praça uns graciosos do sector 5 se puseram a chamar, aos ajudas dos picadores, macacos sábios. E monossabios ficaram para sempre. Na corrida de touros, eles são os únicos que, sem serem toureiros, estão para lá da trincheira, ajudam no ir e vir, e no colocar o cavalo do picador; acorrem em seu socorro quando derrubados, hoje com dispensa dos trabalhos de outrora, meter para dentro as entranhas dos cavalos furados, coser-lhes os rasgões, ou rematar-lhes o sofrimento, despojá-los dos arreios, cobrir seu corpo exangue; agora são mais as ocasiões em que acorrem a um toureiro ferido, quantas vezes os primeiros a tomá-lo em seus braços, até a meter-lhe o punho pela cornada dentro, para que nela se guarde o sangue, durante esses intermináveis instantes do apressado caminho que leva à enfermaria, e assim se salve a vida que depois ninguém lhes irá agradecer. Ao quite acodem os monosabios, levantam o cavalo que «Cocinero» deixou por terra, protegido pela muralha do «peto», para que atrás dela se levante e abrigue de novo o picador. Nos médios, o novilho mete as hastes nas cingidas chicuelinas de Carmelo, depois nas verónicas de Juan de los Rees, e nos «delantales» de Vera. O de Sanlúcar brinda à praça sua ilusão, com três passes toureiros coloca no centro da arena o inimigo, descara-se com o novilho que a bem dizer é touro, dois meses lhe faltam para cumprir os quatro anos; e touro bronco, valentia exige, sem nada dar em troca, E valente torna a estar o pequeno Carmelo no que fecha praça, juntando as sapatilhas no quite, abrindo de joelhos a faena que o manso inimigo deixava sem glória, expondo o corpo jovem às hastes que o buscavam perigosas, sobre elas se debruçando na estocada, varrendo a praça com uma emoção dramatica, feita de raiva e de tristeza, de sentir que o valor não bastara para se abrirem as portas da fortuna, preço de tamanho risco.

* * *

Com o seu punhal, o «puntillero» faz cessar os restos da agonia que da espada de Carmelo sobrou ao último da tarde, por fim quieto o corpo negro, vencido. Antonio Medina é agora o «puntillero» da praça de Madrid, ocupa o lugar que durante trinta anos foi de Agapito Rodriguez, raros eram os touros que a «puntilla» do velho Agapito levantava, seis touros Palhas apuntilhou na dura tarde em que cortou a coleta, e os seis à primeira, certeiro como sempre, dessa derradeira corrida sua o levaram em ombros. Em ombros não vai sair ninguém, deste festejo do Outono madrileno. As mulas vieram, engancharam-lhe o corpo inerte e negro, ao estalar do chicote se agitaram no galope, fazendo tocar os guizos, drapejar o adorno das pequenas bandeiras, e ao lado delas os «mulilleros» correndo, as cabeças descobertas, como manda o ritual onde a morte é presença, representada no touro que se arrasta. As quadrilhas abandonam a praça, entre o crepúsculo da tarde, e da pena sem glória que levam. «Gonzalez! Gonzalez!» — chama da bancada uma voz. Um bandarilheiro desconhecido, que entre os outros caminha, levanta a cabeça, busca o lugar do chamamento, faz um aceno vago. «É de Camporeal» — explica o chamador — «da minha terra. Fizemos juntos a tropa, temos a mesma idade, quarenta e três». E chama-o ainda outra vez, quem sabe se para lhe atirar algum recado, talvez só para o orgulho de outro aceno. «Gonzalez! Gonzalez!». Mas o bandarilheiro de Camporeal já o não ouve, sumiu-se anónimo pelo portão das quadrilhas.

## Lydia Barloff: espectáculos no Algarve e em França

Continua a fazer esgotar diariamente o Finalmente Club, o espectáculo «Não Há Nada P'ra Ninguém» no cartaz há perto de 2 anos, antecedendo a partida para França onde irá dar uma série de espectáculos conforme já anunciado.

José Manuel Rosado (Lydia Barloff) prepara as suas malas para dar mais um grande espectáculo, desta vez no Algarve — na Discoteca Horta 2 — entre Portimão e Lagos, já no próximo sábado dia 15 de Novembro.

Neste espectáculo, completamente remodelado, acompanharão Lydia Barloff — Cindy Scrash — Vicky Batton e ainda a participação especial de Ruth Bryden.

O Algarve está de parabéns por poder ter tão belo espectáculo ao seu alcance.

# Roteiro Cultural

*Retrato de Fernando Pessoa por Michael Barrett, em «A Grade», Aveiro*

## Exposições

- «A Grade» — Galeria de Arte de Aveiro, inaugura no próximo sábado, pelas 21.30, uma exposição de pintura de Michael Barrett, subordinada ao título «Retratos Polémicos do Fernando/Imagens do Impossível». Patente até 30 do corrente, de segunda a sábado das 9 às 19 horas.
- No Ditec — Espaço Arte, na Av. da Igreja, 46-A, desde amanhã até ao fim do mês, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30 e aos sábados das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30. Desenhos na obra de Thomaz de Mello-/Tom (Mini Retrospectiva 1940-1986).
- Na Diferença — Rua S. Filipe Neri, 42-1º, inauguração hoje pelas 22 horas. Até 30 de Novembro de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19: Caseirão expõe Sala de Trofeus — regresso da expedição.
- Esta noite (19 às 22 horas) no Clube dos «Apartamentos de Lago» no Monte Estoril, Isabel Neves expõe batiks artísticos-tapisseries. Até dia 17 das 18 às 23 horas.
- No Espaço Forum do Centro Cultural de Santarém inaugura-se no sábado dia 15 a exposição dos trabalhos seleccionados para o Salão de Outono 86.

Com uma participação de artistas de quase todos os concelhos do distrito, foram enviados 181 trabalhos a concursos os quais foram apreciados por um júri constituído pelos professores Américo Marinho, João da Conceição Ferreira e Matilde Marçal e ainda por José Manuel Rodrigues Paula e Luís Filipe Malha Valente da direcção do CCRS. Mas porque o Salão de Outono não é só exposição, estão previstas diversas manifestações paralelas com destaque para uma sessão-/debate, no dia 29, com a presença do professor Martins Correia, haverá também visitas guiadas à exposição, por especialistas na matéria.

- Na Galeria Leo — Travessa da Queimada, 48, inauguração amanhã, pelas 22 horas, de uma exposição de pintura de Teresa Ferrand. Até 2 de Dezembro, de terça a sábado das 15,30 às 19,30.
- Hoje, às 21,30, na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Estoril (Arcadas do Parque), inauguração de uma exposição de pintura de Isabel Torres. Patente ao público de segunda a sábado das 9 às 19, domingos das 9 às 18.
- Na Altamira — Rua Filipe Folque, 48-A, patente até dia 20 do corrente, de segunda a sexta das 10 às 18 e aos sábados das 10 às 13, uma exposição de pintura de Victor Fortes.
- No Museu Municipal de Santiago do Cacém, até 30 de Dezembro uma exposição de pintura de Manuel Espírito Santo Guerreiro.
- Na Galeria Espace Alliance, R. Braamcamp, 13-1.º a primeira exposição individual (em Portugal) de Manuela de Sena.

## Música

- Na Sociedade Portuguesa de Autores, Av. Duque de Loulé, actuação hoje, pelas 18,30, dos artistas britânicos Peter Nu (piano) e Margueux Champlain.

## Conferências

- Amanhã, pelas 21,30, na sede da Caixa Económica Operária, na Rua Voz do Operário, 64-2.º, «Encontro com Noronha Feio», no âmbito da série «Encontros na Caixa».

# CINEMAS

## Alfas Triplex
— T. 806496

### Alfa 1
ASES INDOMÁVEIS
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### Alfa 2
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

### Alfa 3
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

## Alfa Club
T. 763319

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

## Shopping Center de Lisboa

### Anfiteatro 1
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

### Anfiteatro 2
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### Anfiteatro 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

## Apolo 70
A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

## Ávila
— T. 539930

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Avis
— T. 547163

CLUBE PRIVADO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

## Capitólio
— T. 372358

MIRONES SEXUAIS
(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## Castil
T. 530194

O BRAÇO FORTE DA LEI – COBRA
(maiores 16 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

**Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass.**
**Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto**

## Cinebloco
— T. 556824

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
MASSACRE EM S. FRANCISCO
(maiores 16 anos)
24 h

## Cinebolso
INTRODUÇÃO ÍNTIMA
(Int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Cine Camões
T. 324194

O PAI DE BRUCE LEE
(n/acons. a m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

## Cine 222
— T. 579460

NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

## Cine Portela
— T. 2524761

## Estúdio Amoreiras

### Sala 1
ACADEMIA DE DOUTORES
(maiores 18 anos)
16.00 e 21.45 h

## Estúdio Sheza
O ROMANCE DE MURPHY
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

## City Cine
— T. 549999

GINGER E FRED
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O TOURO ENRAIVECIDO
(m. 18 anos)
23.45 h

## Condes
— T. 322523

DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Eden
— T. 320768

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Estúdio
— T. 555134

A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

## Estúdio ACS
— T. 887255

PLENTY – UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Estúdio 444
— T. 768078

OPERAÇÃO ORION
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

## Fonte Nova
— T. 7145109

### Sala 1
LUA-DE-MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

### Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

### Sala 3
REVOLUÇÃO
(maiores 13 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h.

## Forum Picoas
— T. 541037

CARMEN JONES
(n/acons. a men. 13 anos)
21.45 h

## Gemini
— T. 734009

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

## Hollywood
— T. 802859

### Sala 1
FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

### Sala 2
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

## Império
— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(maiores 10 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

## Las Vegas
— T. 631162

### Sala 1
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

### Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Londres
— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Mundial
— T. 538743

Encerrado para remodelação

## Nimas
— T. 574362

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Odeon
— T. 326283

CHAMARAM-LHE GÉNIO
(n/acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Olímpia
T. 325309

VAMOS FALAR DE SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

## Pathé
— 821933

OPERAÇÃO ZEBRA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

## Politeama
T. 326305

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Quarteto
T. 771378

### Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
SER OU NÃO SER
(m. 16 anos)
23.30 h

### Sala 2
A CORTINA RASGADA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ADOLESCENTE PERVERSA
(m. 16 anos)
23.30 h

### Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O MISTÉRIO DAS AREIAS
(m. 16 anos)
23.30 h

### Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ENCONTRO COM O AMOR
(m. 16 anos)
23.30 h

## Roma
T. 889192

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Roxy
T. 548560

CAÇA ÀS VIRGENS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## S. Jorge
T. 579144

### Sala 1
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

### Sala 2
A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

### Sala 3
COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

## 7.ª Arte
— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Star
— T. 804210

PAVLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Terminal
— T. 371573

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

## Tivoli
— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Turim
T. 706666

AMANHECER VIOLENTO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

## Voxmania
— T. 880808

NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ
(maiores 18 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

## Xenon
— T. 368480

O MENSAGEIRO DA VINGANÇA
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Zodíaco
— T. 570151

FIANÇA DE AMOR
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

## Linha de Sintra

**AMADORA — Cineteatro** — «O Destravado Táxi Amarelo», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**AMADORA — Cinestúdio** — «Vampiros em Fúria» às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

**AMADORA — Babilónia** — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

**CACÉM — Cinestúdio Flores** — «Um Marido sem... é como um Jardim sem Flores», às 15 e 21.30 h (int. 13 anos)

**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby** — Descanso

**MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme** — «Gelado de Limão V», às 21.30 h (m. 16 anos)

**SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António** — «Jovens sem Rumo», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

## Linha de Cascais

**ESTORIL — Casino Estoril** — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 17 e 21.15 h (maiores 6 anos)

**ALGÉS — Cinema 2000** — «Momento da Verdade II», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «Duelo Imortal», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**Sala 2** — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 15.30 e 21.45 (m. 12 anos)

**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «Corações e Armaduras», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

**CASCAIS — Miramar — Sala 1** — «Duelo Imortal», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)

**Sala 2** — «Ana e as suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

**CASCAIS — Oxford** — «FX — Efeitos Imortais», as 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

## Outra Banda

**ALMADA — Academia** — «Amor em Tempo de Guerra», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**ALMADA — Incrível Almadense** — «Vidas em Jogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**ALMADA — Cinestúdio** — «Denúncia Sinistra», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 18 anos)

**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «O Fio do Suspeito», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

**Sala 2** — «O Fio do Suspeito», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)

**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — «Ases Indomáveis», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

**LINDA-A-VELHA — Cinetropical**Cobra — «O Braço Forte da Lei», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

**ODIVELAS — Cineodivel** — «Acto de Vingança», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos).

**CRUZ DE PAU — Cinema Lord** — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

## Farmácias

**Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Moura**, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALCÂNTARA: Vieira [illegible]**, R. Prior do Crato, 7[illegible] (T. [illegible]87); **AREEIRO: [illegible]**, R. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMÕES: Sanitas**, P. Luís de Camões, 22-24 (T. 322798); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, E. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE: Salutar**, R. Conde Redondo, 9-B (T. 683694); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **BRANDOA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTIHHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

**REFORÇO — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada**, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Frazão**, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BENEFICÊNCIA -SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS: Lopes Cortez**, R. Rui de Sousa, 65-A (T. 886565); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues**, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira** R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio. lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita**, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo do Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 17-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 41 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Amadora**, Pt. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Até às 22 horas; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **AGUALVA: Guerra Rico**, L. Adriano S. Gil (T. 4312833). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. do Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A, Pendoa (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

**Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes**, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

**Porto**

ESTÁCIO — Rua Sá da Bandeira, 120; ALVES MOREIRA — Avenida Rodrigues de Freitas, 167; DA GIESTA — R. D. Afonso Henriques, 206 (Areosa); AZEVEDO — R. de Azevedo, 136;

# TEATROS

### ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 54**

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo, às 16.00 e 21.30

**«LISBOA, TEJO E TUDO«**, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

### Estoril — Teatro Mirita Casimiro

**Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20**

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h

**"GALILEU GALILEI"**, de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

### Comuna

**Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818**

De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h

**"O TOURO"**, de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

### Maria Matos

**Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17**

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

**«ISTO É MARIA VITÓRIA«**, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

### Teatro Infantil de Lisboa

**R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74**

Sábados e domingos, às 16.00 h

«NO REINO DA FANTASIA«. Pelo TIL.

### Teatro da Graça

**T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26**

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

**"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT"**, de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

### Porto — Cooperativa do Povo Portuense

**R. de Camões**

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

**"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA»**, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

### Academia Almadense

**Grupo de Teatro de Campolide**

De quinta a domingo, às 21.30; domingo, também às 16.00

**«GEORGE DANDIN«**, de Moliére. Encenação de Joaquim Benite. Interpretação de Adelaide João, Alfredo Sobreira, António Assunção, Carlos Gonçalves, Ema Paúl, Luís Vicente, Teresa Esteves e Vítor Gonçalves.

AOS PAIS
"Ensine o seu filho a parar sempre na beira do passeio antes de atravessar a rua"
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA


### Teatro ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 45**

Sábados, às 18.00; domingos, às 11.00

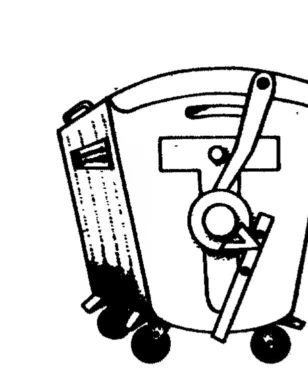
**«FECHA OS OLHOS E ENTRA NA HISTÓRIA«**, de Alexandra Solnado. Encenação de Agostinho Macedo. Interpretação de Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo e José Boavida, entre outros.

### Teatro D. Maria II - Sala Experimental

**Rossio — Tel. 37 22 46**

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

**«JONAS«**, de E. G. Berreuby. Encenção e interpretação de Domingos Semedo.

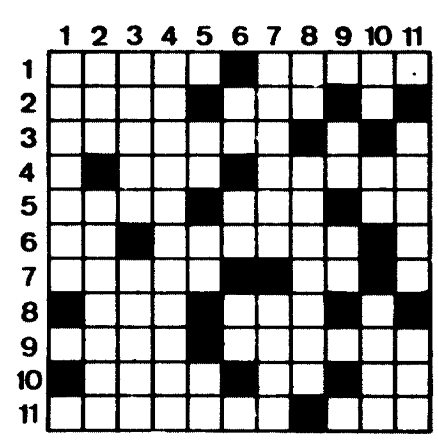

CML

proteja a sua saúde
mantenha
a tampa fechada


# PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 883

**HORIZONTAIS:**

1 Tamanco rústico. Ser racional.
2 Cupido. Deusa.
3 Pequenos tumores.
4 Título honorífico na Índia. Substituição.
5 Rumores. Interjeição usada para obrigar os distraídos a descobrirem-se à passagem de qualquer símbolo respeitado. Preposição.
6 Em o. Costumaram.
7 Verbais. Solitário.
8 Rio de França. Ofereces.
9 Capital do Gana, porto no golfo da Guiné. Aceirou.
10 Poeta entre os gregos. Reis. Centímetro.
11 Cidade da Argentina. Artilharia antia-érea.



**VERTICAIS:**

1 Curto.
2 Sapo do Amazonas. Órgão central da circulação do sangue.
3 Animal bovino, do sexo masculino e não castrado. Serra de Portugal.
4 Morta.
5 Pronome pessoal. Ósmio (s.q). Sufixo que designa estado.
6 Preposição e artigo. Motivo (fig). Contracção da preposição e com artigo.
7 Madeira escura das Antilhas. Frágil.
8 Compaixão (inv). Saísses frequentemente à rua.
9 Moderato. Pedra de moinho.
10 Pertences. Césio (s.q). Cratera.
11 Sepultura. Artigo indefinido.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 882

**HORIZONTAIS:**

1 QUANTO. MAIS.
2 Urra. Suai.
3 Erada. Lisos.
4 Aranhas.
5 EC. No.
6 Oau. Moer.
7 Rate. Siri.
8 Hora. Nata.
9 Olas. Inda.
10 Casem. Amali.
11 Ou. Narro. VS.

**VERTICAIS:**

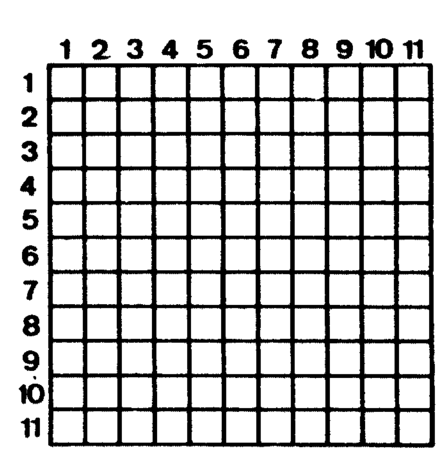
1 Que. CONHEÇO.
2 Urraca. Au.
3 Arar. Urros.
4 Nadar. Aalen.
5 An. Ama.
6 OS. HOMENS.
7 Ulano. Ar.
8 MAIS. ESTIMO.
9 Ais. Triana.
10 OS. DLV.
11 Sós. ANIMAIS.

**PROVÉRBIO: Quanto mais conheço os homens mais estimo os animais.**

## NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 712

**HORIZONTAIS:**

1 Cidade da Turquia. Cidade francesa do departamento de Vaucluse.
2 Espécie de rã que vive nas moitas. Separara a baganha do linho com o ripanço.
3 Dás mios. Satélite de Júpiter. Rente.
4 Sódio (s.q). Sentidas condolências.
5 Excêntricas.
6 Cachimbo persa em que o fumo atravessa água perfumada. Levas à toa, à sirga.
7 Sírio da Síria.
8 Artilharia antia-érea. Anel. Bondoso.
9 Freguesia do concelho de Alenquer. Rã (pop).
10 Rompiam. Níquel (s.q).
11 Carta de jogar. Arara. Primeira parte do nome do aio de D. Afonso Henriques.



**VERTICAIS:**

1 Cidade da Irlanda. Negra.
2 General de Napoleão. Tomaras rumo ou direcção.
3 Divindade do antigo México, personificação das águas celestes, senhor do Inferno chamado Tlalocan. Suspiros.
4 Duna da Suécia. Basta! Nome de letra.
5 Neon (s.q). Remediar.
6 Tempo do verbo ir. Indignava.
7 Escudeiro. De alto preço.
8 Antiga medida para líquidos, entre os judeus. Estime.
9 Rio da Suíça. Isolado. Bromo (s.q).
10 O vencimento diário de um soldado (pl). Alinda.
11 Tabernas. Em mais alto grau.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 711

**HORIZONTAIS:**

1 Baila. Qui.
2 Imortal,
3 Loto. Aias.
4 Ira. Crisol.
5 Panaras. Tam.
6 Irite. Opa.
7 Camelo. Ar.
8 Amaçaras. Ri.
9 Sá. Arada. Id.
10 Ter. Dás. Ao.
11 Ho. Asa. SSS.

**VERTICAIS:**

1 Filipinas.
2 Morar. Mato.
3 Botânica.
4 Aro. Atacara.
5 It. Cremar.
6 Laura. Erada.
7 Al. Isolada.
8 Ás. Osas.
9 Quioto
10 Alaparias.
11 Ias. Maridos.

## Rádio

**Antena Um**

**16.00**: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários a todas as horas.

**Programa 2**

**16.00**: Música do século XX; **17.00**: Integrais; **17.32**: Um poema sinfónico, de Liszt; **18.00**: Quarteto, em ré maior, op. 20, de Haydn; **18.40**: Música, de Ludwig van Beethoven; **20.40**: Música orquestral; **20.52**: «Fantaia Cromática», em ré menor, de Sweelinck; **21.00**: Música instrumental; **21.30**: Música, de Anton Dvorak; **22.15**: Sonata, em dó menor, de Spohr; **22.30**: Concerto, par violino e orquestra, de Alban Berg; **23.00**: Música de câmara; **00.00**: Música portuguesa; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**
**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**16.00**: Dora a hora; **17.00: A feira mágica; 20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

**15.00**: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**
**Onda Média**

**15.00**: Ré maior; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.55**: Meditando.

**Onda Média Regional-Voz do Alentejo**

**13.00**: Sopa dourada; **14.00**: Peça-nos em directo; **15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar; **20.00**: Ligação à rede nacional.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **19.00**: Jornal de Lisboa; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

# TELEVISÃO

RTP 1

### 18.02 — Sumário
### 18.07 — Brinca Brincando
«O Pequeno Inventor», «O Patinho Cuac Cuac» e «Feira de Bonecos».
### 18.50 — Show Bis
### 19.30 — Telejornal
### 20.00 — Boletim Meteorológico
### 20.10 — Corpo a Corpo
Episódio 178: Teresa consegue enganar Raul e pede que ele faça alguma coisa para manter Hermengarda na rua por uma hora. Depois, ela avisa Osmar, que sai imediatamente para tentar capturar Raul na rua. Lúcia pede a separação a Alfredo e ele concede. Lúcia vai ao estúdio tentar falar com Amauri. Heloísa sai com Murillo e vai para casa dele. Osmar consegue seguir Raul e vai a casa dele. De lá, liga para a Polícia mas resolve subir antes mesmo dos polícias chegarem. Quando abre a porta, Osmar fica espantado quando vê a pessoa que estava envolvida com Raul.
### 21.00 — Europa
Em análise: as consequências políticas, económicas e sociais da adesão portuguesa às Comunidades Europeias. Ao longo de doze programas, será destacada a forma como os fundos comunitários poderão contribuir para a modernização da nossa agricultura, para a reconversão da frota pesqueira ou para as adaptações que se impõem no sector industrial. O problema das relações luso-espanholas, será, naturalmente, outro tema em destaque. No primeiro programa desta nova série — intitulado «A guerra dá, a guerra leva», — serão abordados os primeiros passos da criação do espírito industrial português, nascido durante a Segunda Guerra Mundial, até à participação da indústria portuguesa no mercado europeu com a nossa entrada na EFTA, em 1960. O dr. José Silva Lopes, economista especializado no processo da Integração Europeia, será entrevistado neste programa.
### 21.35 — Face a Face
### 22.10 — Uns e os Outros
5.º episódio: Em 1960, Sarah Gleen tinha começado a sua carreira de cantora; em 1980, depois de grandes êxitos, chega a decadência total. Jason diz-lhe, pela primeira vez, para ir para França, onde ela é ainda uma estrela. Então, ele, que sempre vivera para a irmã, sem quase pensar na sua própria vida, sente-se horrivelmente só e tenta matar-se. Edith, que começara uma nova carreira como locutora encontra Francis e Robert. Uma breve história de amor vai unir Edith e Robert, mas para ele e para os seus «camaradas da Argélia» a vida já não tem sentido e Jacques tenta mesmo pôr termo à vida.

Sarah Gleen chega a Paris, vai para o Lido e o filho de Robert estreia-se na primeira parte do seu espectáculo. Robert, depois de muitos anos de esforço inglório, descobre finalmente uma pista e acaba por encontrar a mãe, mas Anne não encontra o filho: depois de tantos anos tão duros, tão infelizes, ela perdera a memória.

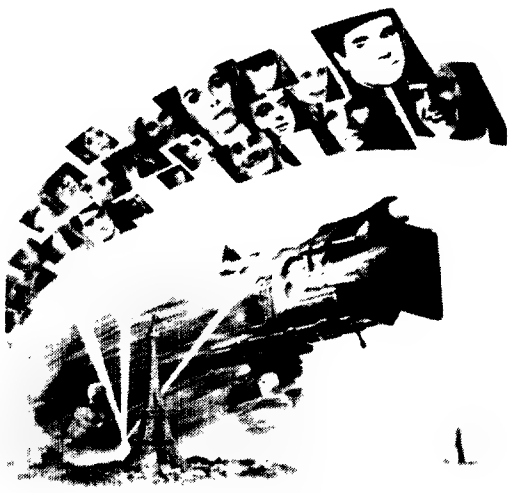
Karl, Sergei, Sarah, Patrick, Evelyne, Robert, Anne, Francis, Jean-Claude, Eva Fanny e todos os outros cuja recordação foi apagada pelo tempo, mas que permanecem no fundo da memória, serão reunidos pela Cruz Vermelha, ligados ao «Bolero» de Ravel que será, afinal, em si mesmo, a representação da própria memória.

Intérpretes: G. Chaplin, J. Caan, E. Bouix, F. Huster, R. Hossein, J. Villeret, D. Olbrichski, M. Meril. Realização: Claude Lelouch.
### 23.10 — 24 Horas
### 23.40 — Remate

RTP 2

### 14.47 — Agora, Escolha!
### 16.15 — Notícias
### 16.25 — Europa TV
O Tempo
### 16.30 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Ploom», «Plastinots» e «A Família Partridge»
### 17.00 — Countdowm
### 17.45 — Informação
### 18.10 — Almanaque
Um programa sobre B. Britten

*Às 20.30 no 2.º canal, o 19.º episódio da série «Doce e Amargo»*



*Às 22 horas, no canal 1, veja o 5.º episódio de «Uns e Outros»*

### 18.15 — O Tempo
### 18.20 — O Mundo Amanhã
### 18.30 — EuroDesportos
### 19.30 — Spectrum
As notícias em revista
### 20.00 — Notícias
### 20.05 — 5.ª Dimensão
24.º episódio
### 20.30 — Doce e Amargo
19.º episódio
### 21.00 — Jornal das Nove
### 21.30 — A Quinta do Dois
### 23.25 — Contas Claras
### 23.50 — É de Ler

## Amanhã

RTP 1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Show Bis
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.10 — Corpo a Corpo (último episódio)
21.00 — Este É o Meu País
21.15 — Duarte e C.ª (10.º episódio)
22.15 — Hitchcock Apresenta
22.45 — 24 Horas
23.15 — Remate

RTP 2

14.47 — Agora, Escolha!
16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — 5.ª Dimensão (25.º episódio)
20.30 — Doce e Amargo 20.º episódio e último
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Contraponto
22.30 — O Bravo Soldado Schweik (1.º episódio)
23.30 — Uma Boa Ideia
23.40 — É de Ler

**AOS CONDUTORES**

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

**PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA**

**GRUNDIG** seleccionou para si...

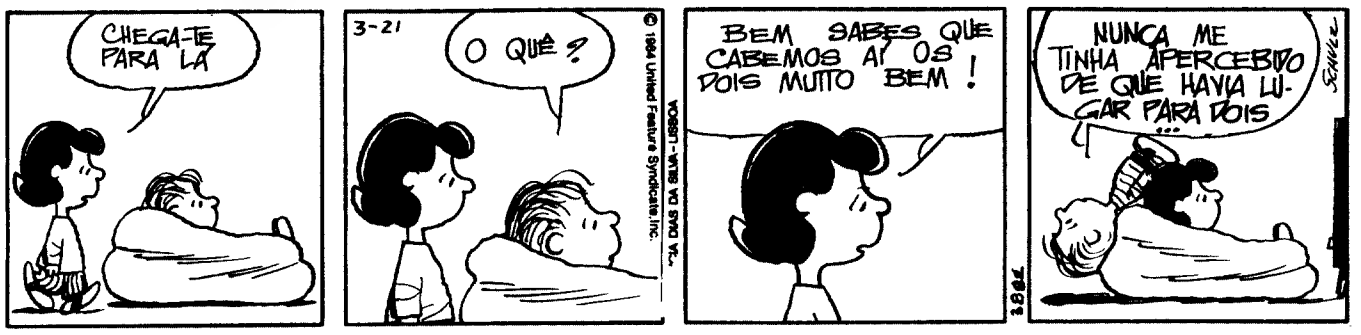
RTP 1 — Uns e Outros 5.º episódio

RTP 2 — A Quinta do Dois

Corpo a Corpo

**GRUNDIG PORTUGUESA**
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 4197570

DL
PORTE PAGO




**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 00.48 | **3,80 m** | 06.36 | **1,40 m** |
| 13.03 | **4,00 m** | 18.59 | **1,30 m** |
| Dia 14 | | | |
| 01.28 | **3,90 m** | 07.13 | **1,30 m** |
| 13.44 | **4,00 m** | 19.31 | **1,20 m** |

**TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:**

| | |
|---|---|
| BRAGANÇA | 7° |
| VIANA DO CASTELO | 12° |
| VILA REAL | 9° |
| PORTO | 12° |
| COIMBRA | 12° |
| CABO CARVOEIRO | 14° |
| CASTELO BRANCO | – |
| PORTALEGRE | 9° |
| LISBOA | 14° |
| ÉVORA | 11° |
| BEJA | 12° |
| FARO | 17° |
| SAGRES | 17° |
| PONTA DELGADA | 16° |
| FUNCHAL | 16° |

*Opinião da CT*

## Inquérito à anterior gerência do "DP" cria instabilidade

A Comissão de Trabalhadores do «Diário Popular» acusou o Governo de «criar instabilidade na empresa» com o inquérito referido ao anterior Conselho de Gerência da empresa.

Afirma a CT daquele vespertino que «não acredita que a averiguação seja movida por outros desejos que não os de procurar justificar a exoneração dos anteriores gestores e preparar a alienação da EPDP.»

Acresenta que «o Governo já confessou que quer destruir a empresa pública do 'Diário Popular'» — e publicamente anunciou que a exoneração do anterior Conselho de Gerência foi por aquele «não ter apresentado propostas de desmantelamento» da empresa.

Acentua ainda a CT que nunca lhe chegaram «quaisquer indícios sobre a apreensão do Governo quanto à gestão praticada nos últimos anos», e que, pelo contrário, «as informações que iam chegando apontavam para um apoio da Tutela à gestão praticada.»

A Comissão refere também que o Governo «nunca quis ouvi-la» e lamenta que o Executivo «ignore os pedidos de audiência formulados pela CT e pelo Conselho de Redacção» há mais de um mês.

Finalmente, a CT afirma que «a celeridade com que as averiguações forem reduzidas, os resultados que vierem a dar, o relacionamento que o Governo tiver com os trabalhadores da empresa do «DP» ajudarão a compreender as verdeiras intenções do inquérito.»

*Virá de Londres num voo TAP*

## "Turista um milhão" chega amanhã a Lisboa

A evolução da chegada de visitantes estrangeiros às fronteiras portuguesas leva a Direcção-Geral de Turismo a prever para amanhã, sexta-feira, a chegada a Portugal do «Turista Inglês um Milhão», facto que se verifica, — disse esta manhã José Carrasco ao «DL», pela primeira vez num único ano.

Segundo ainda o director-geral do Turismo, «convencionou-se que essa chegada, portanto, se verificará no voo de Londres», TAP-451, com chegada prevista ao Aeroporto Internacional de Lisboa pelas 16.15 horas.

A escolha do «Turista Inglês um Milhão» será feita através de um número, previamente determinado, de ordem de entrada a bordo.

Este acontecimento reflecte — acrescenta — «a significativa importância do mercado inglês e o crescimento constante do turismo em Portugal».

O «Turista Inglês um Milhão» será objecto de acolhimento especial e terá a aguardá-lo, na sala dos «VIP» das entradas internacionais, o director-geral do Turismo, que desta forma assinalará a relevância desta iniciativa.

## Reclusos vão ter formação profissional

Uma brigada de trabalhadores, constituída por detidos no Estabelecimento Prisional de Braga, iniciou ontem, por conta da Câmara Municipal desta cidade, a prestação de serviços nas piscinas municipais.

A acção insere-se nos planos da direcção do estabelecimento prisional que aposta no trabalho profissional como caminho de reinserção dos reclusos.

Estão programadas outras acções, por conta do Instituto de Formação Profissional, e também a implantação de trabalho artesanal na cadeia.

Para tanto, foi solicitada a colaboração do movimento de apoio aos reclusos e, ainda, da Caritas diocesana.

## /D/E/C/A/R/A/S/

**ALIPIO DIAS**, nomeado vice-governador do Banco de Portugal há cerca de mês e meio, só tomará posse em Dezembro, após a discussão do Orçamento de Estado, disse o próprio. O ex-secretário de Estado do Tesouro, que é membro do Conselho de Administração do Banco Totta e Açores, acrescentou que a sua tomada de posse no próximo mês foi acordada com o Ministério das Finanças.

**ROCK HUDSON** só acreditou realmente que tinha sido atingido pela SIDA alguns dias antes de morrer, informou o médico pessoal do actor norte-americano, Michael Gottlieb. «Hudson - revelou o médico numa conferência de Imprensa em Sidney - ficou estupefacto, absolutamente estupefacto quando lhe foi comunicado o diagnóstico. Estava convencido de que se curaria e, por isso, continuava a negar que tinha contraído a SIDA». Segundo Gottlieb, «dizer ao mundo que tinha SIDA foi a mais difícil decisão que Hudson tomou em toda a vida, como o próprio confessou».

**AURORA CUNHA** vai ser homenageada pela Câmara Municipal de Guimarães por ter conquistado por três vezes o título de campeã mundial de estrada - decidiu o executivo, que aprovou por unanimidade uma proposta dos vereadores socialistas. Durante a homenagem será entregue a Aurora Cunha o mais alto galardão do município para a área do desporto já atribuído, «pela singularidade da proeza conseguida».

**BRUCE SPRINGSTEEN**, cantor rock norte-americano, tem à venda nos Estados Unidos cerca de dois milhões de cópias de uma colecção de cinco discos da sua autoria e a editora responsável pelo lançamento espera bater «o recorde de vendas». A colecção, que tem a denominação genérica de «Live 1975-1985», é uma edição da «Columbia». O último disco de Springsteen, «Born in USA», chegou a ser o álbum mais procurado da história, com 17 milhões de cópias vendidas.

**ERNESTO SABATO**, escritor argentino, considera que ninguém deve alegrar-se ou entristecer-se demasiado por receber ou não o Prémio Nóvel. «O galardão - observou - foi dado a grandes escritores como Thomas Mann e William Faulkner, mas negado a outros igualmente grandes como Marcel Proust e Jorge Luís Borges». Na opinião de Sabato, não se vive actualmente «uma crise de sistemas económicos e políticos mas algo infinitamente mais profundo, de carácter espiritual». «É o fim dos tempos modernos. E o mal deste homem standardizado não afecta apenas os países capitalistas mas também os socialistas», acrescenta.

**WIM WENDERS**, realizador alemão-federal, começou a rodar um novo filme, «Himmel Ueber Berlim» («Céus Sobre Berlim»), com Bruno Ganz e Otto Sander nos principais papéis. No centro da acção do filme, quatro anjos envolvidos em divertidas aventuras. A produção é da «Road Movies Production», do próprio Wenders, e as filmagens deverão estar concluídas em finais de dezembro.

*Por causa do carapau espanhol*

## Armadores algarvios ameaçam bloquear estradas

Armadores e pescadores de Portimão ameaçaram bloquear nas próximas semanas o porto e as estradas de acesso e esta cidade se não forem tomadas medidas para diminuir as suas dificuldades, criadas pela importação de carapau espanhol.

A ameaça foi feita pelo presidente da Associação das Empresas de Pesca do Algarve (ADEPA) que em declarações a classificou como uma «medida drástica que só será tomada em último caso, se a situação entretanto não for resolvida».

Aquele armador explicou que a venda de carapau trazido de Espanha por «verdadeiras frotas de camiões» é efectuada em «lotas paralelas» a poucos metros das lotas oficiais de Portimão e Olhão, «fazendo concorrência desleal» ao peixe pescado pelas embarcações algarvias.

«Como se isso não bastasse, os camiões começam a vender o peixe muito cedo, por volta das 7.30h da manhã e, quando os nossos barcos chegam a maioria dos comerciantes compraram já o que queriam», disse Figueiredo Luís.

O presidente da ADEPA salientou que resta apenas ao peixe algarvio ser vendido a preços muito baixos para consumo ou para as fábricas de farinação.

Figueiredo Luís revelou que nos últimos dias barcos do porto de Portimão que poderiam ter vendido o seu peixe «por 800 ou 900 contos, acabaram por vendê-lo por pouco mais de 300».

Tal situação,, explicou, «causa grandes prejuízos a armadores e pescadores, colocando-os em grave situação financeira».

Aquele responsável salientou ainda que os camiões do carapau espanhol conseguem vender esse peixe a preços muito baixos já que «em Espanha e França o carapau quase não tem valor comercial para consumo humano, sendo vendido a pouco mais de dez escudos o quilo para farinação».

# LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 279


## BOIARÁ?

# Lançada a jangada de pedra

ONTEM, ao fim da tarde, no Forum Picoas, o novo romance de José Saramago apresentou-se aos leitores. Chama-se **Jangada de Pedra** e tem — acontecimento insólito no nosso meio — uma tiragem inicial de 40 mil exemplares.

«Não se trata de um exagero», explicou um responsável da Editorial Caminho. «É a medida certa da nossa confiança no autor e no seu público.»

**Jangada de Pedra** é a Península Ibérica que se parte nos Pirenéus e se desprende do resto da Europa, navegando sem rumo nem amarras, à deriva pelo mar fora. Trezentas e trinta belas páginas sobre a condição hispânica e o nosso direito à diferença, admiráveis glosas de um motivo constante e secreto: o de uma utopia sempre contraposta ao dia-a-dia que nos força e estreita.

No ano da integração de Portugal na CEE, louvada em todos os tons e escalas como uma espécie de pedra filosofal que vai transformar o chumbo da nossa miséria no ouro de um futuro próspero e risonho, a publicação deste livro surge como um acto claramente desmistificador dessa miragem e ao mesmo tempo reivindicativo da necessidade de nos reorientarmos para algo de que os senhores de poder e mando insistem em separar-nos: os países da área ibero-americana e ibero-africana (levada pelos ventos e correntes, é aliás para o Atlântico Sul que a jangada se encaminha).

O livro, bem entendido, não se esgota na grandeza desta fábula, nem nos mitos do mar e da terra próprios das culturas ibéricas: há ainda as deambulações de cinco viajantes e um cão. São eles os portugueses Joaquim Sassa, que atira ao mar uma pesada pedra, José Anaiço, que vagueia pelos campos seguido por um bando de estorninhos, Joana Carda, que faz um risco no chão com uma vara de negrilho, assinalando o início da fábula, do andaluz Pedro Orce, que sente a terra tremer, e do cão do destino, que traz na boca um fio azul e conduz os viajeiros à Galiza, à solidão de Maria Guavaira, onde ela dobra a meada de uma esperança.

O dr. Luís de Sousa Rebelo, que se deslocou expressamente de Londres a Lisboa para fazer a apresentação do livro, disse em dado lance da sua bela intervenção, abordando o tema da viagem, tão caro a José Saramago: «É sempre a odisseia de uma descoberta. Descoberta do mundo interior e dos próprios sentimentos; descoberta dos mistérios da vida e da morte, encastoados no rito e na tradição; descoberta da História e do segredo das vontades humanas. Descobertas que decorrem num domínio onde se transcendem as convenções da mimese. Para isso contribui o descolamento do bloco peninsular, causador da turvação das populações. A anomalia confere súbita actualidade aos topos medievais do mundo às avessas, tão do agrado dos surrealistas. A mudança do curso dos rios, a refluição das águas à sua nascente — o inadmissível tornado realidade, cria a atmosfera de sonho, que envolve o grupo viajeiro, de novo na rota de Santiago, tal como seus distantes avós o fizeram em séculos idos.»

Foto de José Tavares

O casal Eanes troca impressões com Saramago no lançamento público de «Jangada de Pedra»

Uma assistência numerosa e interessada assistiu à sessão de lançamento, enchendo completamente o vasto auditório do Forum Picoas. Entre as personalidades de relevo na vida política e cultural portuguesa, demos conta da presença de Manuela Eanes, Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Pezarat Correia, Vítor Alves, Aquilino Ribeiro Machado, Vítor Crespo, João de Freitas Branco, Aurélio Santos, Octávio Pato.

No final, José Saramago anunciou as próximas obras que tenciona publicar: um romance, **História do Cerco de Lisboa**, e uma peça de teatro, **A Segunda Vida de S. Francisco de Assis.**

**Págs. 2 e 3**

# Parcialmente irrecuperável o legado de Carlos Ferrão

Muitas dezenas de caixas de cartão contendo a biblioteca e o espólio de Carlos Ferrão estão «expostas» na Biblioteca Geral do Palácio Foz, e o seu conteúdo é parcialmente irrecuperável.

Encontra-se na Biblioteca Geral do Palácio desde que em 1981 foi decidido mantê-lo ali. Porém, na falta de condições de preservação, e sobretudo atacadas pela humidade, as caixas de cartão que o contêm foram-se deteriorando, bem como, inevitavelmente, o seu conteúdo.

Obras agora iniciadas, e que se destinam, exactamente, à instalação do legado, vieram revelar o que parecia inevitável — que há livros irrecuperáveis, embora, de momento, se desconheça o seu número.

A biblioteca e o espólio de Carlos Ferrão foram recebidos, em 1979, pelo então ministro Almeida Santos, e até hoje não tinham sido levadas à prática as obras necessárias à sua instalação na sala de leitura da Biblioteca Geral da actual Direcção-Geral da Comunicação Social. Recentemente, «alguém» terá alertado para o facto de o legado estar pura e simplesmente a perder-se, e foi possível libertar uma verba com vista a instalá-lo... mas teme-se que, para parte dele, seja tarde de mais. Trata-se de mais um caso em que uma «instalação provisória» se foi tornando «definitiva», como tantas vezes acontece entre nós.

Fotos de José Tavares

O legado de Carlos Ferrão fotografado ontem, à tarde, nas instalações da Biblioteca Geral do Palácio Foz

# Na Jangada de Pedra

*Racha a cordilheira pirenaica e a Península Ibérica afasta-se, por inteiro, da Europa. Eis a ideia forte que dá origem a* ***Jangada de Pedra.*** *Aqui reproduzimos páginas do romance em que a fenda começa a afirmar-se aos incrédulos.*

Em revoada, os homens da informação, alguns dos quais eram mulheres, foram enxamear os Pirenéus Orientais, que era a região crítica, felizmente dotada de melhores meios de acesso, tantos e tão excelentes que em poucas horas ali se reuniu o poder do mundo, com gente que até de Toulouse e Barcelona viera. As auto-estradas ficaram entupidas, quando as polícias de um lado e do outro quiseram desviar os fluxos de trânsito era tarde de mais, quilómetros e quilómetros de automóveis, o caos mecânico, depois foi preciso aplicar providências drásticas, fazer voltar toda gente para trás pela outra faixa de rodagem e para isso destruindo as vedações, enchendo os fossos, um inferno, razão tiveram-na os gregos quando nesta região o colocaram. Valeram na emergência os helicópteros, esses artefactos voadores ou passarolas capazes de pousar em quase todos os lugares, e quando de todo impossível, procedem à imitação do colibri, aproximam-se quase a tocar a flor, os passageiros nem precisam de escada, um saltinho e basta, entram logo na corola, entre estames e pistilos, aspirando os aromas, quantas vezes de napalm e carne queimada. Largam a correr, baixando a cabeça, e vão ver o que aconteceu, alguns destes chegam directamente do Irati, já com experiência tectónica, mas não esta.

A fenda corta a estrada, toda a grande área de estacionamento, e prolonga-se, adelgaçando-se para os dois lados, na direcção do vale, onde se perde, serpenteando pela encosta do monte acima, até desaparecer nos matos. Estamos no exacto e preciso lugar da fronteira, a autêntica, a linha de separação, neste limbo sem pátria entre os postos das duas polícias, la duana e la douane, la bandera e le drapeau. A uma distância prudente, porque se admite a probalidade de desmoronamentos dos bordos da terrestre ferida, autoridades e técnicos trocam frases de nulo sentido e eficácia nula, não se pode chamar diálogo a tal rumor de vozes, e usam altifalantes para melhor se ouvirem, enquanto outras personagens mais qualificadas, dentro dos pavilhões, falam pelo telefone, ora entre si, ora com Madrid e Paris. Mal desembarcaram, os jornalistas vão indagar como foi que isto se deu, e recolhem todos a mesma história, com algumas elaboradas variantes, que a sua própria imaginação ainda mais irá enriquecer, mas, pondo as coisas no simples, quem deu fé do acontecimento foi um automobilista que, passando quando já a noite se fechava, sentiu dar o carro um salto brusco, como se as rodas tivessem entrado e saído de um rego transversal, e foi ver o que era, capaz de haver obras de beneficiação do piso que imprudentemente se tivessem esquecido de assinalar. A racha tinha então meio palmo de largura, uns quatro metros de comprimento, se tanto. O homem, que era português, de nome Sousa, e viajava com a mulher e os sogros, voltou para o carro e disse, Até parece que já entrámos em Portugal, imagina, uma vala enorme, podia amolgar-me as jantes, partir um semieixo. Não era vala, nem era enorme, mas as palavras, assim nós as fizemos, têm muito de bom, ajudam, só porque as dizemos exageradas logo aliviam os sustos e as emoções, porquê, porque os dramatizam. A mulher, sem dar muita atenção à informação, respondeu, Vê lá tu, e ele achou que era de seguir o conselho, embora não tivesse sido essa a intenção, a frase da senhora, mais interjeição do que recomendação abreviada, era daquelas que de resposta só fazem as vezes, tornou ele a sair e foi verificar as jantes, estragos visíveis não havia, felizmente. Daí a dias, já na sua terra portuguesa, será herói, dará entrevistas à televisão, à rádio e à Imprensa, Foi o primeiro a ver, senhor Sousa, relate-nos as suas impressões do terrível momento. Repetirá vezes sem conto, e sempre há-de rematar a ornamentada história com uma pergunta ansiosa e retórica, de causar arrepios e que a si próprio arrepia deliciosamente, como um êxtase, Se o buraco fosse maior, já pensou, como dizem que é agora, tinhamos caído lá dentro, sabe Deus até que fundura, e mais ou menos assim também pensara o galego quando perguntou, se estão lembrados, Para onde vai essa água.

Até onde, eis pois a crucial questão. A primeira providência objectiva seria sondar a ferida, averiguar-lhe a profundidade, e depois estudar, definir e pôr em prática os processos adequados para colmatar a brecha, nunca expressão alguma pôde ser tão rigorosa, por isso francesa, chega-se a pensar que alguém a pensou um dia, ou inventou, para vir a ser usada, com plena propriedade, quando a terra se rachasse. A sondagem, logo feita, registou pouco mais de vinte metros, uma insignificância para os meios da moderna engenharia de obras públicas. De Espanha e de França, do perto e do longe, avançaram as betoneiras, as misturadoras, essas interessantes máquinas que, com os seus movimentos simultâneos, fazem lembrar a terra no espaço, rotação, translação, e chegando ao ponto despejavam o betão, torrencial, doseado para o efeito com grandes quantidades de pedra grossa e cimento de presa rápida. Estava-se em plena operação de enchimento quando um perito imaginoso propôs que se colocassem, como dantes se praticava nas feridas das pessoas, uns gatos, grandes, de aço, que segurassem os bordos, ajudando, por assim dizer e acelerando, a cicatrização. A ideia foi aprovada pela comissão bilateral de emergência, as siderurgias espanholas e francesas começaram imediatamente os estudos necessários, liga, espessura e perfil do material, relação entre o tamanho da unha que ficaria cravada no chão e o vão abrangido, enfim, pormenores técnicos só para entendidos, aqui enunciados muito pela rama. A fenda engolia a torrente de pedra e lama cinzenta como se fosse o rio Irati caindo para o interior da terra, ouviam-se os ecos profundos, chegou-se a admitir a probabilidade de haver lá em baixo um oco gigantesco, uma caverna, uma espécie de goela insaciável. É que, se assim for, não vale a pena continuar, constrói-se uma passagem por cima do buraco, se calhar é mesmo a solução mais fácil e económica, chamam-se aí os italianos, que têm grande experiên-

**A fenda corta a estrada, toda a área de estacionamento, e prolonga-se, adelgaçando-se para os dois lados, na direcção do vale...**

cia de viadutos. Mas, ao cabo de não se sabe quantas toneladas e metros cúbicos, a sonda assinalou fundo a dezassete metros, depois a quinze, a doze, o nível do betão ia subindo, subindo, a batalha estava ganha. Abraçavam-se os técnicos, os engenheiros, os operários, os polícias, agitavam-se bandeiras, os locutores da televisão, nervosos, liam o último comunicado e davam as suas próprias opiniões, enaltecendo a luta titânica, a gesta colectiva, a solidariedade internacional em acção, até de Portugal, esse pequeno país, saiu um comboio de dez betoneiras, estrada fora, têm à sua frente uma longa viagem, mais de mil e quinhentos quilómetros, esforço extraordinário, não vai ser preciso o betão que trazem, mas a história registará o simbólico gesto.

Quando o enchimento atingiu o nível da estrada, a alegria explodiu em delírio colectivo, como numa passagem de ano, fogo-de-artifício e corrida de S. Silvestre. Abalaram os ares os «claxons» dos automobilistas que não tinham arredado pé mesmo depois de desempanchadas as rodovias, os camiões libertavam os mugidos roucos dos «avertisseurs» e das bocinas, e os helicópteros adejavam gloriosamente por cima das cabeças, como serafins possessos dé potências acaso nada celestiais. Crepitaram incessantes as máquinas fotográficas, os operadores da televisão aproximaram-se, dominando os nervos e, ali, rente aos bordos da fenda que deixara de o ser, registaram grandes planos da superfície irregular do betão, a prova da vitória do homem sobre um capricho da natureza. E foi assim que os espectadores, longe dali, no conforto e segurança das suas casas, recebendo em directo as imagens tomadas na fronteira franco-espanhola de Collado de Pertuis, puderam ver, quando já riam e batiam palmas, e festejavam o acontecimento como proeza sua, foi assim que puderam ver, sem quererem agora acreditar nos seus próprios olhos, viram mover-se a superfície ainda mole do betão e começar a descer, como se a massa enorme estivesse a ser sugada de baixo, devagar mas irresistivelmente, até outra vez ficar à vista a brecha escancarada. A fenda não se tinha alargado, e isso só podia significar uma coisa, que a junção das paredes já não se fazia a vinte metros de fundo, como antes, mas a muitos mais, só Deus saberá quantos.

Os operadores recuaram, assustados, mas o dever profissional, tornado instinto adquirido, manteve as câmaras a funcionar, trémulas sim, e o mundo pôde ver os rostos alterados, o pânico insofreável, ouviam-se as exclamações, os gritos, a fuga foi geral, em menos de um minuto apareceu deserta a área de estacionamento, ficaram as betoneiras abandonadas, aqui e além algumas ainda a funcionar, com as misturadoras girando, cheias de um betão que, três minutos antes deixara de ser preciso e agora se tornara inútil.

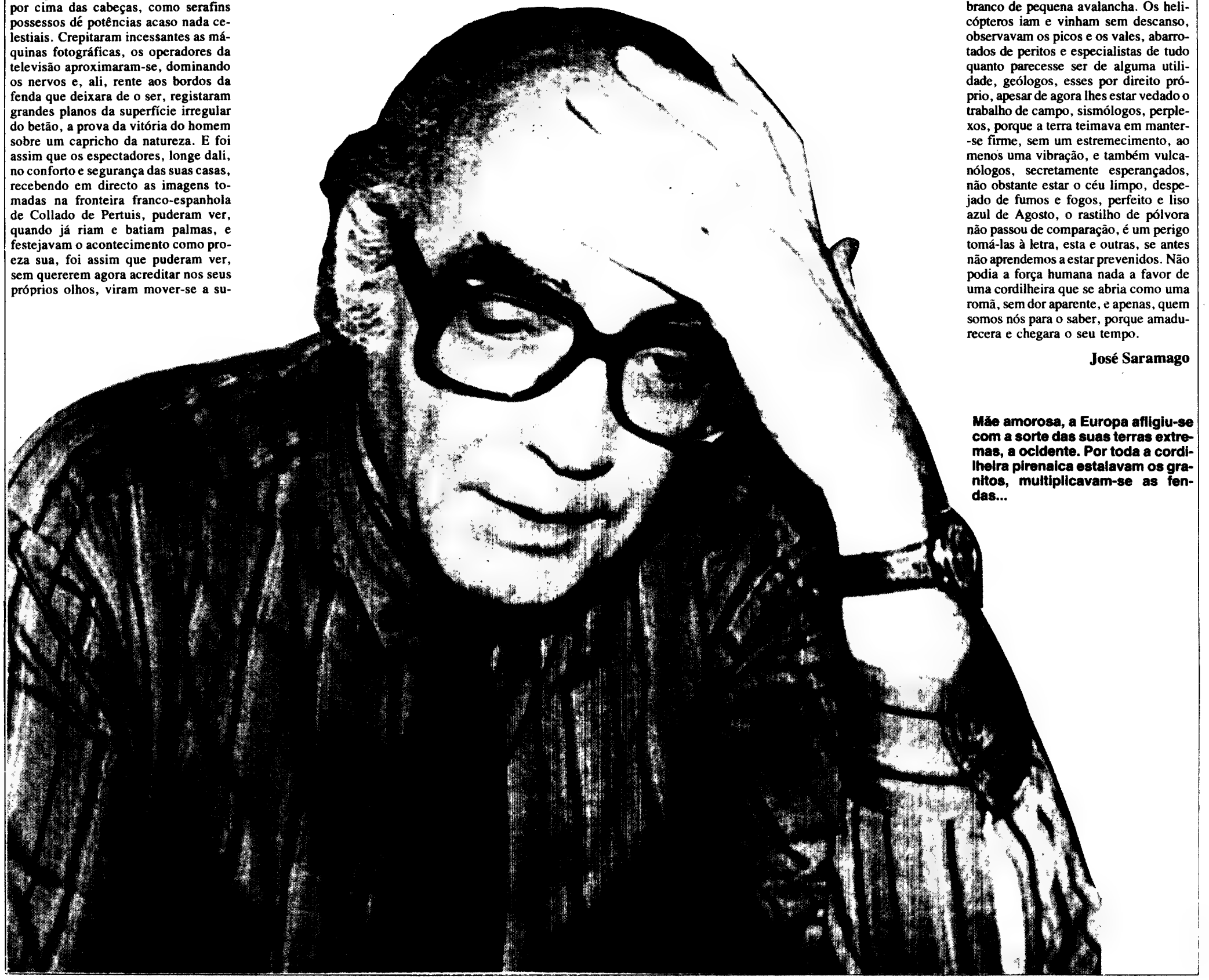
Pela primeira vez um arrepio de medo perpassou na península e na próxima Europa. Em Cerbère, bem perto dali, as pessoas, correndo para a rua premonitoriamente como o tinham feito os seus cães, diziam umas para as outras, Estava escrito, quando eles ladrassem acabava-se o mundo, e não era precisamente assim, escrito nunca estivera, mas nos grandes momentos precisamos sempre de grandes frases, e esta, estava escrita, não sabemos que prestígio tem que ocupa o primeiro lugar nos prontuários do estilo faltal. Temendo, com mais razões do que ninguém, o que estava para acontecer, os habitantes de Cerbère começaram a abandonar a cidade, em maciça migração para terras mais sólidas, talvez que o fim do mundo não chegasse tão longe. Em Banyuls-sur-Mer, Port-Vendrès e Collioure, para só falar destas povoações da corda ribeirinha, não ficou uma alma viva. As mortas, porque tinham morrido, deixaram-se ficar, com aquela inabalável indiferença que as distingue da restante humanidade, se alguma vez alguém disse o contrário, que Fernando visitou Ricardo, estando um morto e outro vivo, foi imaginação insensata e nada mais. Mas um destes mortos, em Collioure, mexeu-se um pouco, como se estivesse a hesitar, irei, não irei, para o interior da França é que nunca, só ele saberia para onde, talvez nós o venhamos a saber também.

Entre as mil notícias, opiniões, comentários e mesas-redondas que ocuparam, no dia seguinte, jornais, televisão e rádio, passou quase despercebido o breve comentário de um sismólogo ortodoxo, Gostaria bem de saber por que é que tudo isto se passa sem que a terra trema, ao que outro sismólogo, da escola moderna, pragmática e flexível, respondeu, A seu tempo explicaremos. Ora, numa povoação do sul da Espanha, um homem, ouvindo estas diferenças, partiu da sua casa para ir à cidade de Granada, dizer aos senhores da televisão que há mais de oito dias sentia a terra tremer, que se até agora não falara foi por pensar que ninguém o acreditaria, e que ali estava, em pessoa, para que se visse como um simples homem pode ser mais sensível do que todos os sismógrafos do mundo juntos. Quis o seu destino que um jornalista lhe desse ouvidos, ou por simpatia benevolente, ou seduzido pelo insólito do caso, em quatro linhas foi resumida a novidade, e a notícia, embora sem imagem, foi dada no telejornal da noite, sob risonha reserva. No dia seguinte, a televisão portuguesa, por falta de matéria local própria, aproveitou e desenvolveu o tópico, ouvindo em estúdio um especialista de fenómenos paranormais que nada adiantou à inteligência do caso, segundo se pode concluir da sua mais importante declaração, Como no resto dos casos, depende tudo da sensibilidade.

De efeitos e causas muito aqui se tem falado, sempre com extremos de ponderação, observando a lógica, respeitando o bom senso, reservando o juízo, pois a todos é patente que de uma betesga ninguém seria capaz de retirar um rossio. Aceitar-se-á, portanto, como natural e legítima, a dúvida de ter sido aquele risco no chão, feito por Joana Carda com a vara de negrilho, causa directa de se estarem rachando os Pirenéus, que é o que tem vindo a ser insinuado desde o princípio. Mas não se rejeite este outro facto, e inteira verdade, que foi partir Joaquim Sassa à procura de Pedro Orce por dele ter ouvido falar nas notícias da noite, e o que disse.

Mãe amorosa, a Europa afligiu-se com a sorte das suas terras extremas, a ocidente. Por toda a cordilheira pirenaica estalavam os granitos, multiplicavam-se as fendas, outras estradas apareceram cortadas, outros rios, regatos e torrentes mergulharam o fundo, para o invisível. Sobre os cumes cobertos de neve, vistos do ar, abria-se uma linha negra e rápida, como um rastilho de pólvora, para onde a neve escorregava, e desaparecia, com um rumor branco de pequena avalancha. Os helicópteros iam e vinham sem descanso, observavam os picos e os vales, abarrotados de peritos e especialistas de tudo quanto parecesse ser de alguma utilidade, geólogos, esses por direito próprio, apesar de agora lhes estar vedado o trabalho de campo, sismólogos, perplexos, porque a terra teimava em manter-se firme, sem um estremecimento, ao menos uma vibração, e também vulcanólogos, secretamente esperançados, não obstante estar o céu limpo, despejado de fumos e fogos, perfeito e liso azul de Agosto, o rastilho de pólvora não passou de comparação, é um perigo tomá-las à letra, esta e outras, se antes não aprendemos a estar prevenidos. Não podia a força humana nada a favor de uma cordilheira que se abria como uma romã, sem dor aparente, e apenas, quem somos nós para o saber, porque amadurecera e chegara o seu tempo.

**José Saramago**



**Mãe amorosa, a Europa afligiu-se com a sorte das suas terras extremas, a ocidente. Por toda a cordilheira pirenaica estalavam os granitos, multiplicavam-se as fendas...**

# Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

## Capítulo XVII

# Giallo XVII fra Pietro

DOIS homens, com ar de «tiffosi», passaram a uns dez metros de mim, ignorando-me por completo. Não eram ele decerto, o meu desconhecido contacto: eu não acreditava no fundo que nem Hans Lucas nem a Kathe viessem directamente ao meu encontro. Isso seria tomar-me declarada e descaradamente como um imbecil e, muito no fundo, custava-me deveras supor que alguém pudesse fazê-lo. Por outro lado, também não estava muito certo sobre as conclusões a tirar da talvez precipitada identificação do meu manipulador de sempre com o Labrador na companhia do qual tinha tomado o pequeno-almoço. Maquinalmente, enleado nestas cogitações identificatórias, levei a mão ao bolso, como que para sentir a permanência do pedaço de papel vincado pela escrita raivosa de Lucas... uma faísca passou-me pelo espírito: se havia algum imbecil em tudo isto, esse imbecil era seguramente eu. Quando, já há muito tempo, tivera a surpresa de receber uma mão decepada, um pormenor anódino captara a minha atenção e fizera-me tomar certas precauções: na orla do velho papel que acompanhava a macabra encomenda, duas ou três palavras escritas à mão, uma delas incompleta, me tinham deixado a pensar. Nessa altura, porém, eu tinha-me preocupado com descobrir-lhes a significação, saber o que elas significavam. De nada me tinha servido isso: no papel em meu poder apenas vinha desembocar um texto, ele mesmo decepado por um corte transversal, que apenas deixava intactas duas palavras no fim de outras tantas linhas, acompanhadas pelos restos de uma outra, um miserável prefixo. Mas agora eu estava, ou pelo menos esperava estar, em condições de dispensar inteiramente o significado daquele texto: eu dispunha de um outro, o que me assegurava aqui e agora a possibilidade, ainda que remota, da construção de um sentido. Estranha verdade esta que a constatação do um exija sempre a passagem pelo outro, de que o único apenas possa surgir da comparação do múltiplo: uma esperança infantil animou-me, pois o outro papel estava ali comigo, esquecido na minha carteira, perdido no meio dos detritos que os dias que passam deixam como hóspedes importunos da parte mais social do homem civilizado. Desapareci no interior sombrio possuído por uma agitação febril. A passos largos aproximei-me de um altar menor onde estavam acesas inúmeras velas de promessas. Apoderei-me de uma, gasta e apagada, o suficiente para que eu pudesse ter alguns minutos de luz. Uma benzidela-«écran», e eis-me de novo a caminhar o mais rapidamente possível, desta vez em direcção a um rico confessionário onde, talvez, pudesse vir a ter acesso à verdade obscura sobre os meus pecados. O confessionário era rico e de aspecto pesado, imponente nas suas formas, como que para excitar pela riqueza a imaginação devota dos fiéis. A porta, entreaberta, convidava-me a tomar o lugar do sacerdote. Entrei.

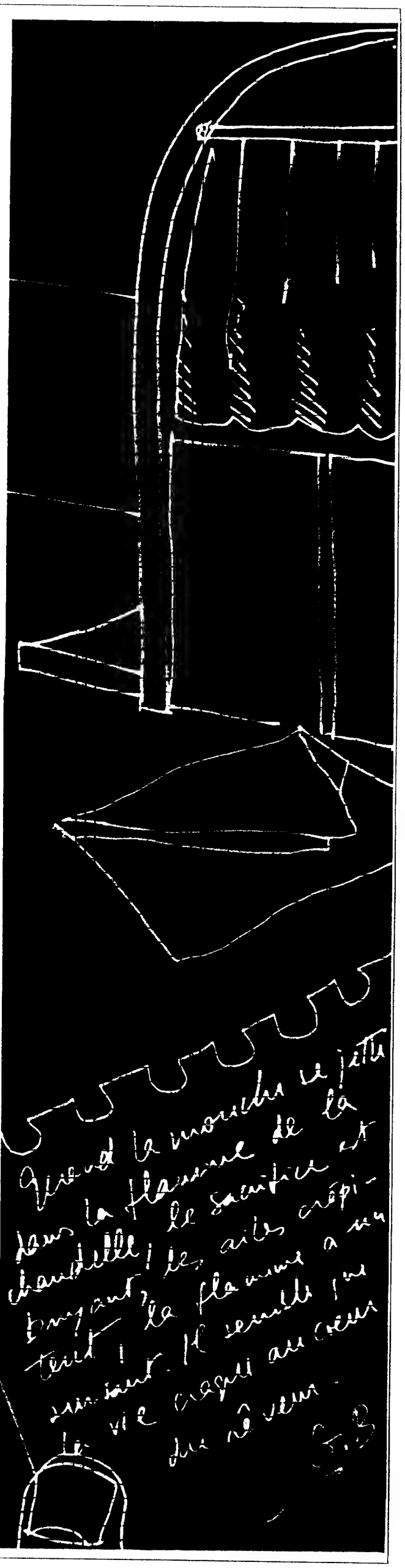
O espaço interior era amplo, desmentindo a proverbialmente alegada incomodidade necessária ao humilde desempenho na Terra das funções de ministro da divindade. Sentei-me no assento, decidido a verificar de imediato as minhas suposições... antes de acender a vela, porém, um cheiro estranhamente familiar, a corpo, fez com que, por momentos, eu hesitasse. Decidi-me, e acendi a vela com o isqueiro... pousei-a numa saliência e procurei febrilmente o outro pedaço de papel, que encontrei a custo. Apesar da escuridão que a chama não chegava a resolver, apesar das vacilações desta luz que me permitia ver mas que com maior poder ainda me levava a sonhar,a perder-me no dédalo dos meus pensamentos desordenados, dos meus desejos talvez descabidos, aquelas letras, embora não totalmente idênticas, traíam a comunidade propositadamente mal disfarçada de uma mesma mão: Deus era afinal um Labrador raivoso, um cão-que-dá-a-morte. Senti que o ar me faltava, e encostei-me para trás, reclinando a cabeça até tocar com ela na parede do confessionário. Tinha, não sei porquê, os olhos fechados.

Terei ficado assim pouco mais de três minutos, respirando fundo, ouvindo o crepitar da vela e pensando nas consequências futuras de identificação do meu manipuldor: uma coisa era certa, eu não tinha descoberto tanto quanto ele se me dera a conhecer. Abri os olhos. Emergindo da minha escuridão interior, a luz da vela parecia-me agora muito mais intensa. Distinguia uma prateleira situada à altura dos ombros de um homem de estatura mediana, e a maneira como ela tinha sido irreflectidamente rachada por uma cavilha enorme, a julgar pelo diâmetro da sua base, que nela havia sido pregada. Em torno da cavilha, uma mancha irregular mais escura fez-me pensar numa qualquer marca de óleo ou do tempo. Era ali que o sacerdote devia guardar as suas coisas, pensei, e não liguei mais ao assunto. Olhei para baixo, para as minhas mãos que seguravam ainda, crispadas, os dois papéis da minha singular revelação. Dispus-me a arrumar tudo na carteira, que tinha pousado perto da minha luz e, talvez por causa de algum movimento involuntário associado à minha decisão, um dos papéis, o da manhã, caiu por terra. Segurei o outro e a carteira com a mão direita e tacteei o chão à minha frente com a esquerda: antes de encontrar o papel caído a minha mão pousou, ou roçou, algo de um molhado pegajoso, grosso. O papel emergiu do chão manchado pelo contacto da minha mão. A cor, para aqueles que estão familiarizados com os seus problemas, é uma daquelas impressões que mais pode trair o supostamente fiel testemunho da nossa visão... basta que uma luz pouco conveniente a venha falsear, por exemplo a de uma vela gasta. A prova, aqui um reconhecimento, deve então ser procurada na concordância dos testemunhos dos outros aparelhos da nossa sensibilidade, e neste caso o mais adequado seria o cheiro: aproximei os dedos húmidos do nariz e cheirei cuidadosamente a estranha matéria que os tinha besuntado. O cheiro doce que então senti remeteu-me para momentos atrás, aquando da minha entrada no confessionário, fazendo-me saber que aquele estranho cheiro a corpo que inicialmente sentira era na realidade o odor do sangue. Como poderia aquele sangue ter chegado ali? Ter-se-ia algum cura cortado ali logo pela manhã? Não, era absurdo. De repente, senti um arrepio, ao pensar na cavilha e na mancha em seu redor. Olhei para cima, como que para confirmar aquilo que já sabia: ela estava cravada na prateleira exactamente por cima da mancha de sangue, da qual eu entrevia agora os contornos e que não era nada pequena. Uma sensação terrível, misto de desconfiança e de asco, de curiosidade e de repulsa apoderou-se de mim. E o trabalho selvagem da minha imaginação desenfreada parecia querer forçar-me a admitir uma verdade que eu hesitava em confirmar mas que a cada momento que passava mais se me afirmava como a única possível... Levei pouco tempo a resolver estas vertigens e levantei-me de um salto, como ninguém em seu perfeito juízo se lembraria de fazer num espaço com aquelas dimensões. A cabeça decepada de Kathy, espetada com crueldade na cavilha de aço até que a ponta desta encontrasse um obstáculo na parede interior do crânio aparecia-me agora à luz daquela vela de promessa com os cabelos desgrenhados e empastados em sangue, os olhos esbugalhados fitando-me sem me ver, como se a morte tivesse sido a sua «ultime allucinatie». Da sua boca pendia o espectáculo mais horrendo que jamais me fora dado observar, algo que excedia largamente a mais perversa das imaginações com que me fora dado privar até ao momento: as carnes do seu sexo, recortadas a bisturi, escorriam seladas entre dentes pelo rigor da morte. Ao lado destes despojos um sobrescrito parecia destinado a fazer-me admitir que nas artes do macabro também pode existir mensagem... Abri-o furiosamente, rasgando-o nervosamente apenas com o cuidado necessário para não destruir o seu conteúdo. Numa folha branca, escritos com a mesmíssima letra do primeiro papel, encontravam-se os seguintes dizeres:

*Quand la mouche se jette dans la flamme de la chandelle, le sacrifice est bruyant, les ailes crépitent, la flamme a un sursaut. Il semble que la vie craque ao coeur du rêveur»*

**G.B.**

**(continua)**



## Ainda o Coração das Trevas e Apocalypse Now

# Mais postos avançados do progresso

*Momentos depois a corrente seguia entre muitas histórias.*
**(João Miguel Fernandes Jorge, Tronos e Dominações)**

EM *Heart of Darkness* assiste-se ao delinear de uma personagem que se inscreve nos mais plenos valores da classe média vitoriana. Kurtz, o funcionário exemplar, transporta para o mundo colonial a eficácia de um modo de exploração capitalista, na sua fase avançada — o imperialismo. Recorde-se que nesta narrativa de finais de século, o imperialismo britânico aparece representado no seu momento mais ostensivo.

Ora, ao mostrar-se um funcionário eficaz desse posto perdido de exploração de marfim, nas selvas do Congo, Kurtz aparenta transportar para aquele espaço as normas da burguesia vitoriana a que pertence. Como se sabe, não é isso que se passa.

A selva, o calor, a humidade, os silêncios, transformam aquele competente funcionário. Mas em que sentido? Dois tipos de adaptação são requeridos: física e psicológica. Ora nenhuma delas se afigura fácil. Num primeiro instante, o organismo dever-se-á adaptar, adquirindo as defesas necessárias que, lhe permitam sobreviver. Desde logo, o espaço revela uma profunda influência (óbvia) sobre o indivíduo, transformando-o. Não serão assim as regras burguesas que irão dominar o novo espaço, mas pelo contrário este que dita as mutações necessárias, fazendo em breve do lar acolhedor uma memória difusa.

Já em «An Outpost of Progress» («Um posto avançado do progresso»), Conrad apresentara este tipo de relação entre o indivíduo e o espaço. Neste conto, o autor indica o conflito inevitável que o eu mantém consigo mesmo face a um universo hostil que o *absorve, enlouquece* e *anula*. Isto é, se o corpo pode construir defesas, com a mente algo de diferente se passa: a resistência é impossível, pois isso significa a vitória dos valores da civilização. Assim, a adaptação associar-se-á a um profundo salto qualitativo, à *reactualização mítica original*. Kurtz é disso paradigma (e quem melhor do que Marlon Brando para o representar?).

Afirma Mircea Eliade: «Na geografia mítica o espaço sagrado representa o espaço real por excelência, pois o mito é real para o mundo arcaico, sendo a revelação da autêntica realidade: do sagrado.» *(Imagens e Símbolos)* in *Arte e Mito* de ErnestoGrassi). A questão adiantada por Ernesto Grassi face a esta ideia é a seguinte: «Será, porém, ainda possível no nosso mundo refazer a experiência do mundo mítico?» (*op. cit.*, p. 120).

Antes de tentar uma resposta, repare-se no seguinte excerto de *Myth and Primitive Psychology*, também citado por Grassi: «O mito tal como o encontramos nas comunidades primitivas, isto é, na sua forma original, não é simples narrativa, mas realidade viva; não é pura ficção, semelhante à que apreciamos nas novelas e romances, mas um sucesso originário que domina e determina ininterruptamente o mundo e o destino dos homens... É um factor vivo da civilização humana, não é uma expliaçã intelectual ou uma fantasia artística... Afirmo que há uma certa espécie de narrativas, consideradas sagradas, que estão incorporadas na ética e organização social e constituem a parte essencial das culturas primitivas. Essas narrativas não se impõem por intermédio de um interesse superficial e exterior ou na qualidade de descrições fictícias ou por pretenderem representar a verdade, mas sim porque representam a afirmação de uma *realidde* original, mais importante e elevada, que determina a vida, o destino, e a actividade da raça humana e porque o seu conhecimento constitui o fundamento da ética e dos ritos.»

Essa reactualização da verdade original, esse instante mítico vivido no presente, essa presença do sagrado, eis as linhas de força insinuadas em «Um posto avançado do progresso» e determinantes em *Heart of Darkness* e *Apocalypse Now*. Daí que este conto se torne uma memória necessária sempre que desejemos abordar aquele romance e, consequentemente, aquele filme. Como nos lembra o próprio Conrad no seu prefácio a *Tales of Unrest (Histórias Inquietas)*: «*Um posto avançado do progresso* é a parte mais leve, menor, do ganho que trouxe da África Central, a parte central sendo, evidentemente, 'O Coração das Trevas'».

Mas mais do que uma intriga, obviamente importante, será um determinado tipo de atmosfera que, quanto a mim, se torna fundamental como eco daquele universo: a decorrente da transformação psicológica operada pelo espaço no eu. Como o disse o autor no referido prefácio, «Nós não podemos evadir-nos de nós mesmos». Ou seja, a selva parece, assim, possuir a capacidade de despertar instintos, medos, fantasmas, conhecimentos, memórias, que antes se encontravam latentes, e mesmo reprimidos por um universo normativo particularmente rígido como o vitoriano.

Uma pequena digressão impõe-se antes de voltar a este aspecto. Noutro conto incluído em *Histórias Inquietas*, «Karain: A Memory» «Karain: Uma Recordação»), outros vectores relevantes de *Heart of Darkness* são insinuados. Em primeiro lugar, a selva, sedutora, fascinante e mortífera, na ilusão que é a sua própria realidade: «vultos passavam, intensos, e desapareciam.» Ou ainda: «Uma terra sem memória nem saudade, sem futuro: uma terra onde nada sobrevivia à vinda da noite e onde cada nascer do sol, tal um acto deslumbrante de uma criação única, se não ligava a nenhum crepúsculo, a nenhum alvorecer.»

Em segundo lugar, o imperialismo, na sua dimensão de fascínio, torna-se ainda mais ambíguo: «A Rainha que segurava um ceptro cuja sombra começava no Ocidente e se estendia sobre as terras e sobre os mares até muito para lá do seu palmo de terra conquistado, fascinava-o (a Karain).»

Em terceiro lugar, Karain, cujas homologias com Kurtz de *Heart of Darkness* são relevantes a nível de:

a) determinação: «Com uma fidelidade em relação ao objectivo e uma constância de que eu o teria julgado incapaz.»

b) influência e diálogo mí(s)tico com os seus homens: «Os movimentos destes homens estavam suspensos dos lábios de Karain; liam os seus pensamentos nos olhos dele.»

c) discurso sedutor: «Ele falava-lhes da vida e da morte em voz baixa e com naturalidade e eles aceitavam as suas palavras humildemente, como dádivas do destino.» E ainda: «Divaga como um homem inspirado.»

d) imagem, também ela, sedutora: «Era necessário ter visto o esplendor natual deste homem, era necessário

tê-lo conhecido antes — olhado por ele então.»

e) a relação por ee mantida com o espaço (a selva): «Karin mostrava-se absolutamente separado de tudo menos da luz, e mesmo o sol parecia ser feito só para ele.»

Estas várias alíneas demonstram, na minha opinião, a importância deste conto face a *Heart of Darkness*. Com efeito, se «Um posto avançado do progresso» lhe fornece um universo e uma certa estrutura narrativa que o romance desenvolve, «Karin: Uma recordação» não deixa de ser determinante pelo solo simbólico e pela atmosfera que insinua e se torna fundamental para o entendimento de *Heart of Darkness*. Embora não seja habitualmente referido, ele não deixa todavia de ser importante. Ora de novo se torna necessário referir que todos estes aspectos são determinantes no filme de Coppola, e se os tivermos em conta, uma outra dimensão mais profunda e fascinante de *Apocalypse Now* se revelará. Ainda a tal ambiguidade de que falava Bill Krohn.

### Rio e alteridade

«O rio, a floresta, toda aquela extensão de terra palpitante de vida, eram para eles, apenas um imensa solidão. Mesmo a luz brilhante do sol lhes não revelava o que quer que fosse. As coisas apareciam-lhes e desapareciam-lhes da frente dos olhos sem intencionalidade nem ligação. O rio parecia vir de nenhures a correr para nenhures. Fluía no vazio. Deste vazio, às vezes, saíam canoas e homens com lanças nas mãos.»

Este segmento é retirado de «Um posto avançado do progresso», no entanto, o universo ali referido apresenta claras analogias com *Heart of Darkness* e *Apocalypse Now*. Como se pode ver, a floresta (selva) funciona como o espaço de expectativa e alteridade máxima. Assim a designou Michel de Certeau em *L'écriture de l'histoire*, referindo-se aos conquistadores do Novo Mundo, e do mesmo modo se afigura ela aqui face ao olhar vitoriano. A alteridade obriga os estranhos à solidão ou à loucura, consoante se recusarem a enteder o conhecimento de si próprios que exteriormente se lhes oferece, ou a identificarem-se totalmente com o eu.

Em «Um posto avançado do progresso» as personagens enlouquecem e morrem. O Kurtz de *Heart of Darkness* morre no caminho de regresso (ao ser retirado do seu novo espaço), e o de *Apocalypse Now* morre ainda na selva, mas ambos nos revelam uma situação diferente. Nos dois casos a alteridade que a selva enuncia permitiu-lhes dar o tal salto qualitativo, isto é, o conhecimento de si próprios. Daí o poder exercido sobre os outros; daí o discurso estranho, «louco» à semelhança de certas concepções de poeta (que se estendem a Kurtz/Brando); daí o assumirem-se como Poder.

Este Poder paralelo não pode ser consentido pelo imperialismo. Assim surge Willard, o homem que tem consciência da hierarquia, das normas, do dever, corajoso e só. Recorde-se a conversa que ele mantém com a hierarquia na hierarquia na presença do coronel, do general e do agente da CIA. Ali se constata como ele é o homem designado para o restabelecimento da ordem, para eliminar a lteridade que Kurtz representa. No entanto, para o faer, Willard neessitará de conhecer a sintaxe daquele espaço, de utilizar as suas armas (a faca), de se adaptar ao ritual (às suas «pinturas»), de o fazer no momento certo (consonância com o ritual da morte da vaca) e quando Kurtz assim o deseja. Enfim, necessita de descer às origens do mito. Só depois ele se retira transportando consigo os livros, os papéis escritos por Kurtz, isto é, *a assinatura do seu Saber*. Ao matá-lo, Willard *eleva-se*, torna-se um homem superior e conhecedor, também ele, da alteridade. Por isso mesmo, no regresso, ouvimos o seu monólogo interior: «Eles não o sabiam, mas eu já não era um deles» (do exército, da hierarquia).

A atmosfera ritualística vivida no templo da selva, transforma Willard. Ali domina a simbiose da natureza com o homem. Como ele referira no início da sua narrativa, depois daquela experiência deixara de ser o mesmo. Razões: o conhecimento de Kurtz e a viagem. A mesma razão é apresentada por Marlow, o narrador de *Heart of Darkness*.

### Novos tronos e principiados

A viagem ao longo do rio encontra-se assim no cerne das narrativas pela *elevação* (iniciação) que proporciona às personagens. E aqui voltamos à citação feita anteriormente. O rio, serpenteado, ao longo de margens estranhas, traiçoeiras e mesmo fatais (o episódio do tigre, os silvos e os guerrilheiros), introduz as personagens no espaço do Outro. Esta introdução dá-se gradualmente: episódio após episódio, um mundo diferente vai-se insinuando (Como em qualquer viagem em direcção ao inconsciente, ela deverá processar-se lentamente, passo a passo). Assim, quando chegam ao lugar da *alteridade máxima*, eles já se encontram preparados, *iniciados*, o que não significa que não estranhem. Recorde-se, por exemplo, a aventura da ponte e a simbiose ali operada (os tiros/«fogos de artifício»): «É o inferno», diz um. «É lindo», afirma o jovem surfista sob o efeito de um alucinogénico.

A narrativa desenvolve-se segundo uma determinada lógica que torna *coerente* a possibilidade de retorno de apenas duas personagens: o narrador, Willard, aquele que entende a alteridade e, deste modo, o inconsciente, e o surfista, aquele cujo espírito se movimenta no tempo *inocente* da infância, quando as castrações sociais não determinaram ainda definitivamente o comportamento. Nesta personagem também se observou um salto qualitativo mas ao nível da regressão.

Assim, a viagem pelo rio, como metáfora deuma viagem em direcção ao inconsciente, deverá estar presente numa leitura do livro de Conrad e do filme de Coppola. Como é eviente, essa leitura não invalida leituras centradas nas dimensões antropológicas, simbólicas, políticas, ou outras, antes lhes introduz um plano mais profundo, ambíguo e sedutor. Porque *os vários planos não se excluem*, antes coexistindo num fascinante universo que a arte e a vida são. Entre o Conrad de *Tales of Unrest* e os de *Heart of Darkness*, Eliot e Conrad, Coppola e aqueles escritores, um profundo diálogo se estabelece, obrigando todo aquele que vê *Apocalypse Now*, a um esforço em que cultura e perspicácia não são palavras vãs.

Daí que para os preguiçosos, geralmente mascarados sob a capa de um discurso ostensivo, ou de rótulos pomposos como o de *crítico cinematográfico* u *docente*, a ambiguidade e o esforço salutar a que ela obriga, constituam sempre resistências. Mas a inteligência deverá ser o reduto contra aqueles que, sob a bandeira da ignorância, pretendem inscrever a assinatura de uma minoria, de um qualquer principado despótico, «reduzir tudo à morna imagem do Mesmo», como o disse Foucault.

**Mário Avelar**

**Referência a** *Histórias Inquietas*, de Joseph Conrad, Assírio e Alvim, trad. de Carlos Leite

# O ser Pop, páginas de um diário

*«O essencial da vida é sabermos discernir quando estamos a ver por dentro e quando não. É preciso localizar o ecrã hipnagógico.»*

**Joel de Lisboa**

FAÇO inquéritos junto das pessoas. Certas, não reconhecem sonhar; afirmam nunca terem tido, ou de pelo menos não lembrar-se dum sonho (visual e onírico) seu. Muitas não têm alucinações, nem atingem as cores avivadas. Nas minhas primeiras experiências com sumo acidulado tive visões fortes mas *interiores* — como da primeira em que me levaram para o hospital sem eu dar conta. À 6.ª mudei de dimensão (?) e fui dar a um mundo onde estive privado do sentido da visão para além de ficar combalido e «baralhado». Dessa vez regressei descontroladamente, dando comigo de casaco de pijama e chinelos de quarto à entrada do café Rivoli, às 8 da manhã dum domingo soalheiro e quente. Ainda vivia com os meus pais. Era um tempo em que eu andava meio louco sem ninguém se aperceber (1974). Era o centro do Universo. Tomei o 6.º propositadamente para terminar de vez com tudo. Ou foi pouco antes ou pouco depois do 25 de Abril. Desta altura em diante aprendi a controlar-me mais. A 7ª vez foi já nesta casa (junto de 74).

A alucinação do sumo era o poder de leitura ambígua das formas e a divertida instabilidade movente dos contornos e das texturas; a exaltação da cor em tudo, o sobressair de novas tramas nas superfícies e a tendência para uma minuciosa e indestrinçável trama alucinatória e colorida saturando os ares. Por exemplo, olhar-se para uma parede rugosa, um chão arenoso, a folhagem de uma árvore, ou até uma estrada em «paralelos» e ver tudo a mexer, ondular, fervilar, respirar.

Anos foram somando e a conta dos sumos subindo. No começo dos anos 80 usei em quantidade um pingo assim-assim, a estrela azul ★. Foi quando verdadeiramente cultivei e trabalhei a alucinação. «She comes in colours in the air, she's everywhere, she's like a rainbow.»

Torrentes de cor — às vezes renda de cor — começavam no escuro, em fases de descanso, isolamento, controlo e serenidade. Em horas avançadas da sessão o planalto duradouro do êxtase. Podia vê-las tanto de olhos semiabertos na obscuridade do quarto, como de olhos fechados. Mesmo de olhos fechados, o ecrã tanto podia trespassar-se como estender-se no exterior. O ecrã é mais ou menos limitado. Leques de ecrãs. Fatias sucessivas. A princípio, muita cor com suportes formais ainda pouco definidos. Todas se suscitando serialmente. Sucessivas unidades bi-tri-poli-colores desfilando.. Umas saindo de outras.

O esquema espontâneo mais ocorrido sendo comparável em termos de tese — antítese — e síntese particulares. Presentifica-se uma cor, uma tonalidade (por si só já decorrente duma síntese gobal anterior); vem a essa, ou sobre essa como pano de fundo juntar-se outra cor e outra tonalidade contrastante; surge uma 3.ª ou surgem uma 3.ª logo seguida duma 4.ª, suscitadas pela combinação prévia. Exemplo: azul-eléctrico / amarelo torrado-alaranjado / fragmentos de rosa, lilás-claro e verde-claro. As tonalidades são — lá — rigorosamente dadas. Relevam das habilidades do novo mundo industrial. Reproduzi-las exige grande técnica, meios e domínio de fórmulas de percentagem de composição de matizes. Pergunto-me se homens de outras épocas (não ou menos industriais) poderiam ver o mesmo.

Com a prática, os suportes formais para os exercícios de cor começaram a definir-se mais até que, depressa, vim a assistir a desfis (desfiles) de quadros de arte (ready-made). Flashes sucessivos de quadros abstractos completos, fixos, dados de uma vez, já feitos. Quadros que gostaria de reter, que mal retinha, obras exuberantes de forma e cor, perdidas como miragens ao alcance do braço. Via uma coisa e esquecia-a logo. Pois já uma nova chegava ao meu laboratório no espaço. Tongue-in-cheek pictures.

Dose demasiado forte: ondas de cor, ubíquas, sem suporte formal, trespassando-me, afogando-me. Com um trazer periódico duns castanhos-dourados castigadores e muito artificiais, intuitivamente correspondendo à essência venenosa do químico. Doses fortes, só a paciência para a travessia dos «vastos desertos da eternidade» as dissipam.

Todavia os desfiles iam perdendo o carácter fugidio para serem mais «agarráveis», pelo menos por momentos. Via um quadro e durante a fracção de tempo que durava conseguia já descrevê-lo, analisá-lo e saboreá-lo em bom pormenor. Depois duma viagem podiam perdurar cenas eleitas — o que permitia já o anotar esquemático de ideias «abstractas». Para além destas, havia também «neofigurativismos». As sequências eram heteróclitas. Podia começar por ver abstraccionismos não identificáveis, seguidos de séries inegavelmente kandiskianas, por sua vez seguidas de, por exemplo, súbitas viragens de mostras e variações em motivos ornamentais diversos de épocas antigas, seguidas de exercícios em geometrias cristalinas, e espaços tridimensionais desabitados, e fases de escolher raios verdes por entre feixes de luz amarelo-branco jorrando de rectângulos que são portas que dão para montanhas, e ver neve mas distinguir pontos sanguíneos e rios de roxo alastrando na pelica dos brilhos esféricos de Escher; caras de Arcimboldo em muros desmoronados, montureiras de antiguidades a vasculhar voando extático com tempo de ver tudo e nunca rever. Nunca voltar atrás nas imagens. A aprendizagem de todas as viagens recapitula-se na progressão duma só. O devir duma reflecte a série das outras. Daqui também a única ambiguidade metedológica deste texto que ...

Planaltos de percorrer duram meias horas. Julgava, portanto, reconhecer estilos nas coisas vistas. Ou desconhecer muitos deles e desde logo achá-los grandes estilos, criações de autores plausíveis. Fazia-o por estar culto e assimilador, ou porque (eu) propriamente recriava ou participava nos mesmos altos padrões vibratórios, nos mesmos «arquétipos plásticos» que pintores (e outros) a seu tempo atingiram — ou reencontraram e souberam desenvolver? É isso viajar para captar campos transistóricos residuais e embriónicos de todas as figuras à la Hegel? Leia-se o Proust do 'nosso' artigo «O Levante...» <Não somos de modo algum livres de uma lei da Natureza, que não a queremos como fazemos, mas que sendo uma obra de arte, compete-nos, porque a faríamos oculta, necessária, pré-existente>. Que venham andróides para o reencontro do humano ultrapassável. A inteligência não é (centro-)ego-cêntrica e aliena-se na modalidade de satélite, satélite redondo. A topologia dos psiquismos distribuídos à superfície dá-nos uma figura, um *espaço geométrico de que não sei o nome. Dir-se-ia «interesferas», camada, casca. Essa figura indestrinçavelmente aos seus próprios movimentos cósmicos — rotação, translacção, trans-trans, etc.; etc. — ou ao seu concreto campo de gravidade:*

*É como o ovo-bala em que o princípio de individuação opera, opera, até que surgem problemas de «bomba». Está tudo parado — como o Tempo — mas a uma velocidade fantástica. Até as pedras estão a fazer viagens astriais. Embota-se o gume das definições quando menos nos abrimos à eternidade angustiantemente repetitiva. «Libére moi de la trop longue parole», Blanchot.*

*Hoje em dia praticamente abandonei a cravagem. Só lá de ano a ano e com tendência para desaparecer. Hoje. Hoje com simples HX vou para a cama e começa o desfile hipnagógico. Às vezes até interrompo e anoto ideias gráficas. O visionar não é tão intenso como na cravagem, mas processa-se em moldes comuns. Também posso ver caras. E ouço música e orquestrações complexas, trechos demorados, já feitos — ora que conheço ou não.*

**José Ninguém**
**Epifenómeno**

# Matilde Marçal: É doloroso ser artista

«É doloroso ser artista.» A frase é de Matilde Marçal, uma mulher jovem de 40 anos, que há muito deixou Abrantes, sua terra, para vir até Lisboa, onde desenha, pinta, faz gravura e é professora na Escola Superior de Belas-Artes.

Um acaso fez-me contactar com trabalhos de Matilde Marçal, expostos no Espaço Maria Lamas, na sede do MDM, aqui na capital. Foi esse o ponto de partida para uma conversa, num velho «atelier» ali para os lados de Campo de Ourique, a que assistiu Gil Teixeira Lopes e uma amiga comum. Uma conversa longa, informal e despreocupada, que deu para conhecer, por dentro, alguns aspectos dos bastidores das artes plásticas portugueses e para concluir que, afinal, todos nós, ou quase todos nós, neste País que é o nosso, desprezamos a arte.

Na presença silenciosa de numerosos quadros espalhados por tudo quanto era sítio, com tubos de óleo, pincéis, papéis e sei lá que mais, ouvindo o que dizíamos, Matilde Marçal lembrou a sua satisfação por expor num a sala com o nome de Maria Lamas, «uma mulher que é uma referência obrigatória para todas as mulheres portuguesas».

Claro: recordamos as incontáveis exposições que Matilde, ao longo de 15 anos, tem vindo a fazer por todo o País e muito estrangeiro, e à baila vieram, obrigatoriamente, os numerosos prémios, nacionais e internacionais, que tem obtido. Matilde, plena de energia, levantava-se amiúde e mostrava quadros, postais antigos (sente um especial fascínio por eles), catálogos. Ali se falou dos prémios por si conseguidos em 84 (VII Bienal Internacional da Noruega e Intergráfica de Berlim, RDA), em 85 (X Internacionale Trienale de Cronchen, Suíça) e 86 (I Bienal Internacional de Arte Ibero-Americana, de Sevilha). E de repente, quase sem se dar por isso, estávamos a falar das dificuldades dos artistas plásticos do nosso País.

Em primeiro lugar: quem são os professores que levam os alunos, ainda pequenos, aos museus? Quem incentiva e divulga a arte? Qual o papel dos Órgãos de Informação, com relevo para a televisão, na criação do gosto pela arte?

Estas perguntas, e muitas outras, foram feitas ao longo da conversa — quer por Matilde Marçal quer por Gil Teixeira Lopes. E as respostas, como é bom de ver e fácil de adivinhar, não abonavam muito em favor dos responsáveis da cultura deste país, em favor dos professores ou em favor dos Órgãos de Informação.

Outra questão: quem, em Portugal, tem o hábito de ir a exposições? Quem, em Portugal, tem o hábito de comprar obras de arte?

Claro: quando esta última questão se põe, logo se apontam as dificuldades económicas de largos sectores da sociedade portuguesa. Mas Matilde Marçal, sem ignorar essa face da realidade, pôs desde logo o dedo na ferida:

«Não é só isso, não. Olhe, na Papelaria Fernandes há lá uma secção de 'posters' onde toda a gente compra... E o menino a chorar também se vende que eu sei lá... E depois as pessoas ainda gastam, por vezes, quantias bem significativas, a comprar as molduras para os 'posters' ou para reproduções... Agora, ir a exposições, apreciar os trabalhos originais, comprar esses trabalhos, ah, bom, isso é que é mais difícil. E não se diga que são apenas as dificuldades económicas que estão na origem dessa situação.»

Óbvio: Matilde Marçal tem razão. Ele há dinheiro para o futebol, para copos nos bares da noite, para carros, para roupas e perfumes caros. Mas, como podia ser diferente se tudo está organizado para isso mesmo?

Um exemplo? Matilde Marçal adiantou um «pequeno pormenor»:

«Sabe que os materiais que utilizamos — desde os pincéis às tintas, passando pelo papel, só para falar nisto, são considerados como artigos de luxo, pagando os impostos respectivos? Sabe que os artistas plásticos têm, por vezes, dificuldades em arranjar alguns materiais? Sabe que, em muitos casos, o dinheiro obtido

em prémios no estrangeiro é, desde logo, gasto pelos premiados comprando nesse mesmo estrangeiro os materiais que em Portugal não há ou são muito mais caros?»

Humildemente, confessei a minha ignorância em tais assuntos. Registei apenas as perplexidades da pintora, cujos quadros vi pela primeira vez na referida exposição no Espaço Maria Lamas e dos quais gostei profundamente. Como registei o facto de Matilde me ter dito que, embora gostando de ser professora, o que ela queria fazer era dedicar-se exclusivamente à pintura, ao desenho, à gravura, criando. Mas viver é preciso, e, como tal, ganhar a vida é obrigação a que não se pode fugir...

Mas dizia eu que gostei profundamente dos quadros de Matilde Marçal. Porquê? — perguntará o leitor. A resposta não é fácil. Mas Júlia Formosinho, que no princípio do ano escreveu algumas palavras no catálogo de uma exposição que Matilde Marçal efectuou na galeria de S. Francisco, aqui em Lisboa, dá uma ajuda:

«As ligações subtis e múltiplas entre as plantas-flores-frutos e o encanto-beleza-harmonia e a ternura-emoção-afecto é aquilo que de mais pessoal a Matilde nos dá nas suas pinturas e nos seus desenhos. O seu universo é um universo de coisas simples onde as pessoas parece que não estão presentes — será que não o estão?

Mas este universo simples não é um simples universo... É antes, um mundo com poderes encantatórios que harmonizam os sentimentos e de onde o nosso olhar não pode despegar-se. Os seus apelos múltiplos são conseguidos, entre outras coisas, por um forte poder de síntese expresso pela sobriedade da forma e da cor, com raiz no aprofundamento das vivências e com apelo ao mundo dos valores. (...) Se esta cor cria o vazio da solidão, aquela outra cria o sentir da ternura, e todas criam a harmonia e a beleza como espaço estético de raiz bem longínqua. (...) Nessa harmonia de forma, cor, luz e sombra, perpassa um empenhamento, um afecto, uma ternura que nos conduz ao universo feminino.»

**Ribeiro Cardoso**

# Novembro, o mês das bruxas

Em noites de lua-cheia, elas aparecem não se sabe onde, disfarçadas pelos nevoeiros crepusculares. Vêm montadas nas suas vassouras untadas com gordura de crianças sacrificadas, cortando os ares em velocidades arrepiantes, mascaradas de lobos, serpentes, coelhos, lebres e bicharada vária. Vão, enfim, como gente normal e corrente, escolhendo sítios ermos e gélidos, com prazeres de solidão.

Para onde vão estes estranhos seres, que ninguém vê, que ninguém sente, que ninguém desconfia?

Vão para a serra da Lua, para a intrigante Sintra dos mistérios. Escolhem para as suas reuniões do Sabat (chamamento de Satã dos discípulos e seguidores), as paisagens mais despidas e inóspitas, que reflectem em escala, a ideia do que se vai passar até ao amanhecer.

Na serra da Lua, os cultos satânicos sagram-se nas encostas que descem para o oceano, desde o cabo da Roca até às praias que estão a sul. Nestas encostas de erva raza e turfosa, onde a fria luz lunar projecta e ilumina os actores de uma representação iniciática sem testemunhas, o chamamento do Senhor-bode é feito através de pressentimentos, por toques de sino que o comum dos mortais não ouve, pelo aparecimento em casa, de gatos pretos fedorentos, em sonhos que só entendem aqueles que possuem a chave dessa porta.

As bruxas, os demónios com corpo de homem, e aqueles que têm pactos de sangue com o anjo caído, vão participar na grande orgia apocalíptica da recriação do caos.

Feias, velhas, de negro trajadas, elas investem em danças colectivas, unidas em círculos mágicos, rodopiando e saltando freneticamente à volta do irmão-fogo. Quando dispõem de uma virgem, exorcizam-na com mausolhados e palavras que não se pode e não se sabe pronunciar. E, possuída pela ambivalência homem-mulher a pobre desgraçada, executa mecânica e extaticamente o ritual promíscuo de um culto da fertilidade que desenterra nos obscuros e esquecidos subterrâneos do inconsciente, as energias catastróficas do desequilíbrio, da decomposição do microcosmos humano, que potenciado e elevado ao Universo, pelas forças da Terra e da Lua, consagra os cânones de Belzebu, os cataclismos que corrompem os corpos e as almas, o estigma da presença do Mal, tantas vezes encarnado em serpentes, sapos mal-cheirosos, e nas mulheres de rara beleza, cuja missão terrena é a de prepararem a vinda do Anticristo.

Nestes êxtases colectivos dança-se até ao desvairamento total. Através dela libertam-se as energias destruidoras, consagra-se e homenageia-se a Plutão, o Deus da morte, o planeta que rege o Escorpião astrológico, o mês (Novembro) da agonia, o dia dos finados, a proximidade do fim do Mundo (falta já pouco para o ano 2000).

Em Novembro, relembra-se o terramoto de Lisboa — vai para trezentos anos —, a destruição dessa Sodoma nacional, a Lisboa das linhas telúricas que vindas dos países mediterrânicos, vão sair no cabo da Roca, em direcção aos Açores. Linhas que regem desconcertantemente a grande incidência de fenómenos inexplicados pela ciência, a concentração geográfica de cultos pagãos (a este propósito acrescente-se que se bem que camuflados pela iconografia cristã, festas como por exemplo a do Imperador e do Boi — em Junho na localidade do Penedo em Sintra —, e os santos populares de Lisboa — que são também cultos orgiásticos do vinho e dos prazeres —, muitas outras, têm uma origem

nitidamente anterior e pagã ao cristianismo romano), a existência de forças que em suma escapam ao racionalismo humano.

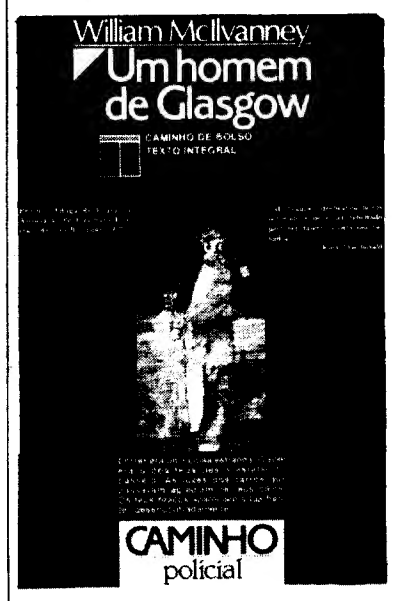
Tudo isto é festejado pelas bruxas, nos tais sabats, e mais ainda nesta época do ano, quando o Sol (seu inimigo natural), está em pleno declínio, quando a sua luz enfraquece nos longos dias de trevas e frio que se anunciam. Aqui começam a actuar as forças do Mal. Reúnem-se em Sintra, o altar ibérico dos paganismos, preparam as suas ordens de trabalho para o ano vindouro, planificando e distribuindo cataclismos e terrores, revendo as estatísticas de mortalidade e fixando objectos e números para o futuro, decidindo, em resumo, das diabruras a levar a efeito.

Pena é que os futurólogos não sejam convidados para estas reuniões: talvez acertassem um pouco mais nas suas previsões de fim-de-ano!

Quanto às bruxas e aos bruxedos; aos diabos; demónios e outros seres disformes, cuide o leitor de ser supersticioso, ter sempre em casa um crucifixo, alhos pendurados no tecto da sala, orações contra os encatamentos maléficos, e cornos e estrelas de David ao peito, que nada lhe acontecerá (esperemos!) se não for virgem. Se o for, resolva este problema quanto antes, tendo sempre o cuidado de ver primeiro se o outro não é um diabinho (veja se tem cauda, por pequena que seja, ou pés de cabra) disfarçado...

**Luís Guilherme Robalo**

# Acabados de chegar



*Raul Brandão*
*A morte do palhaço e o mistério da árvore*

■ **A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore, Raul Brandão, Ed. Relógio d'Água.**

Os textos de Raul Brandão agora publicados pela Relógio d'Água foram editados pela Seara Nova em 1926. O autor dispensa apresentações, mas não resistimos a citar aqui a imagem de K. Maurício esboçada pelo escritor uma vez que é ele a personagem de base desse belo conto intitulado «A Morte do Palhaço» Sempre dor! A verdade é que a maior parte do sofrimento deste homem proveio de ter criado ao lado da vida outra vida imaginária. K. Maurício fez da existência — e isto é que constitui a sua originalidade — um sonho. Fechou-se por dentro para sonhar — isolou-se para sonhar. E, quando um dia quis reentrar na vida, titubeava como um ébrio — com os olhos espantados: tudo eram ângulos e asperezas que o feriam».

■ **Aventura do Valente Soldado Svejk e outras histórias, Jaroslav Hasek, Ed. Vega, Col, provisórios definitivos.**

Na próxima sexta-feira, a RTP começa a transmitir uma série baseada no livro de Hasek, «O Valente Soldado Svejk». O personagem criado por este escritor checo tem, contudo, as características que celebrizaram alguns dos protagonistas do cinema mudo. Como afirma António Telo, na introdução ao livro agora editado pela Vega, o soldado Svejk «era uma das primeiras e mais brilhantes aplicações do desastrado bem 'intencionado'. Estas aventuras marcam o início da «carreira» de Svejk que culmina no livro inicialmente citado, e foram publicadas em 1911 no semanário «Caricatura». A presente compilação da Vega integra ainda outras histórias baseadas na experiência pessoal de Jaroslav Hasek, um checo que morreu aos 40 anos, que passou pelo movimento anarquista, que foi um antimilitarista activo e que na Rússia se juntou aos bolcheviques, tendo sido nomeado comissário do povo da aldeia de Bugulma.

■ **Um homem de Glasgow, William McIlvanney, Ed. Caminho, Col., Caminho de bolso policial.**

Para além da qualidade de muitos dos livros publicados nesta colecção, ela tem ainda o mérito da divulgação de nomes até então desconhecidos em Portugal. O escocês William McIlvanney é um deles. Com este livro, escrito em 1977, ele ganhou o prémio Adaga de Prata da Associação de Escritores Policiais da Grã-Bretanha. A narrativa desenvolve-se em Glasgow, cidade do autor, e ao contrário de vários outros policiais o segredo que esconde não é o da identidade do assassino, mas sim a do seu caçador. O único senão do texto reside, quanto a nós, no peso excessivo das divagações em torno de uma «filosofia de vida».

■ **A cidade fantástica, Ray Bradbury, Ed. Caminho, Col. Caminho de bolso ficção científica**

O autor de «Crónicas Marcianas» regressa ao passado com o livro «A Cidade Fantástica». É o Verão de 1928 vivido por Douglas Spaulding um rapaz de 12 anos, num ambiente onde a magia, o desconhecido e uma máquina da felicidade contribuem para os acontecimentos singulares ocorridos durante aquele Verão em Illinois.

■ **Maigret e os Insuspeitos, Georges Simenon, Ed. Livros do Brasil Col. Vampiro.**

O célebre comissário criado por Simenon confronta-se neste caso com a «gente de bem». Uma categoria que, em conjunto com um Verão persistente, acaba por exasperar Maigret...

■ **O Sétimo Segredo, Wirving Wallace, Ed. Livros do Brasil, Col. Dois Mundos**

Em Berlim, um grupo de pessoa procuram saber a verdade sobre o fim de Hitler e da sua amante, Eva Braun. É este o «sétimo segredo» que levou Wallace a escrever mais um livro.

■ **O Centauro no Jardim, Moacyr Scliar, Ed. Caminho, Col. Uma Terra Sem Amos**

O escritor brasileiro Moacyr Scliar obteve com este romance o prémio da Associação Paulista dos Críticos de Arte de 1980.

## Lemos para si

**A Procura do Silêncio, Ernesto Sampaio, Hiena Editora**

Raramente num poema de 199 versos («Dois rios»),poema que abre «A procura do silêncio», livro de Ernesto Sampaio (Hiena Editora), encontra o leitor de poesia um tão bem estruturado sistema íntimo do homem. Ao longo da leitura dos passos do poema (que antes se diria um rio em cujas águas um homem, se alguma vez nelas se contemplou, não mais se contemplará) depara-se-nos (que o atrevimento nos seja permitido) uma verdadeira biografia antropológica. O poeta despoja-se do homem que é (embora invista em símbolos da sua individualidade) e opta pelo homem de todas as latitudes e segredos. A esta atitude se deve o mergulharmos, de imediato, na água desse rio (aliás dois, porque somos **sim** e **não**, porque somos **um** e **outro**, e porque somos, também, o elo entre o **passado** e o **presente**) — e, mergulhados que somos nessa água, para sempre abandonamos a multiplicação das formas e vemo-nos na simplicidade extrema **do que é**, numa ampla realidade que jamais poderemos abarcar. Escreve Ernesto Sampaio: «Ou embrenhados em terrores mais benignos/ o terror tempo e o terror espaço/ o primeiro era um rio invisível/ que passava sobre a casa/ trazendo os recém-nascidos/ levando os mortos/ roendo os semblantes/ dos entes queridos // O segundo sofria-o quando aprendia/ os milhões de anos que uma locomotiva/ levaria a chegar à estrela Sirius/ ou nas vezes em que depois de mirar/ as inúmeras constelações/ do vasto céu nocturno/ uma vertigem fazia-o abraçar/ o seu burrinho imóvel/ para sentir/ junto da apavorada carne/ algo de vivo/ próximo e amistoso.»

O referencial ao «burrinho imóvel» é um dos muitos altos momentos que atira o leitor para o que temos vindo a designar (noutras recensões críticas) como «fundamentos do mundo». Temos, de quando em quando, nas mesmas recensões críticas, abordado alguns pontos essenciais das ciências exactas, nomeadamente a dicotomia homem-cosmos. E Sampaio, sem que aborde esses princípios, alcança-os por uma grande economia de palavras com base no seu sentir individual, na sua apreensão de tudo quanto de nós se vai, e nós também, como ordenam as leis da natureza, da história e da vida pessoalíssima de cada um.

A pedra-de-toque de «Dois rios» é precisamente essa solidão matemática, que destrói o determinismo (Einstein) e nos oferece a indeterminação (Física Quântica), e nos deixa, quotidianos que todos nós somos, com as mãos aparentemente vazias de tudo. É isso que dói em quem pensa, em quem obriga o pensamento a pensar o próprio pensamento, a multiplicar-se em soluções para, no buraco da Razão, se desmultiplicar na unidade sempre de quase nada se saber...

«Somos dois rios sempre» (como diz ES), um **tu** e um **eu**, um rosto num espelho no qual não vemos o nosso rosto e sim o rosto do nosso Bilhete de Identidade. O que, como sabem os que sentem, é mesmo muito pouco. É necessário que outros olhos nos fixem e nos guardem, que não só o cristal do espelho. Porque se nos contentarmos com o espelho, temos o **nada** pura e simplesmente. E o nada, como escreve o poeta que é Ernesto Sampaio, «não é a parte de outra coisa». Logo: «para encontrar alguém» (uma pessoa ou um ponto no cosmo) «é preciso partir.»

Ora, é esta decisão que implica futuro (mas um futuro que ultrapassa o mero futuro convencional) que torna o homem com sinal de **mais**. Mas para que o homem se adjective com esse sinal terá, primeiramente, de conhecer o sinal **menos**. Aqui, pois, uma pergunta: quem se atreve a ser **menos** neste mundo de muitas coisas enganadoras...? Pensamos que só os poetas. No caso/livro em questão (e compreendendo também a «Travessia» e a «Estrada»), obviamente que Ernesto Sampaio.

**P.A.**

O eu nos outros

# Estes são os indícios...

Nem toda a realidade, ó tu que me dás atenção, é observável. Há aspectos da realidade que não se revelam imediatamente aos nossos olhos. Só a intuição nos pode conduzir àquilo que, existindo embora, se mantém escondido, velado, fugido aos nossos sentidos e compreensão. O realismo só vai ao fundo da vida quando, ultrapassando a mera aparência do quotidiano, de tudo quanto se possa tocar com os dedos e os olhos, detecta outras estruturas, outras normas, outro comportamento. Então surge um outro sangue pela visão das coisas: e mesmo que determinadas leis não possam ser enunciadas, por incompreensíveis ainda, a verdade é que alguma coisa mais foi captada, enriquecendo a leitura realista da existência.

Aqui entra (imaginada neste preciso momento) a história das abelhas.

Que história...? — perguntas tu.

Imaginemos, cara amiga minha, duas pessoas passeando pelos campos. Uma mais **perto** das coisas, a outra mais **longe** dessas mesmas coisas. A dada altura, e a uma certa distância, ambas as pessoas avistam um jardim. «Flores» — iz a primeira pessoa. «E abelhas nas flores» — diz a segunda. «Como podes ver daqui abelhas nas flores...?» — admira-se a primeira pessoa. A segunda pessoa, a que tem uma visão mais **longe** das coisas, aponta o dedo e diz: «Ali está uma abelha pequenina...» A outra sorri: «Impossível que a possas avistar do ponto onde nos encontramos...» Sempre com o dedo estendido, e caminhando sempre, torna-lhe a outra: «Segue-me e verás...» Ambas as pessoas vão-se então aproximando do jardim — e ambas, enquanto caminham, não avistam, na verdade, qualquer espécie de abelha...

Aquela que designamos por mais **perto** das coisas regozija-se tão-só com as flores cada vez mais próximas. A outra, em permanente intuição, e procedendo a mínimas correcções da direcção indicada pelo dedo, encontra, uma vez no jardim, uma minúscula abelha numa das flores. «Ei-la aqui!» — exclama. «Obrigada — diz a pessoa mais **perto** das coisas —, também a vejo!» A outra, a mais **longe** das coisas, conclui assim a jornada pelos campos: «Mas eu vi a abelha quando me encontrava longe daqui. Quando ainda não víamos nenhuma abelha em torno das flores...»

Assim eu também em relação a ti, ó tu que me dás atenção! Enquanto outros de ti só captam os teus olhos líquidos, as tuas mãos sem peso, os teus cabelos, o modo do teu andar, o perfume do teu corpo — eu, ó tu assim sentada e tão quieta, vou mais longe em ti e em ti capto pensamentos, sensações, palavras nunca ditas. Eu intuo-te, circulo a tua alma, tremulo na hesitação com que me olhas — e é assim que eu ti me desfolho e tu em mim te desfolhas. Estes são os indícios: que os deuses, ó cara, nos sejam propícios!

**Pedro Alvim**